

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Curso de Pós-Graduação em Estudos da Ocupação

Clarice da Rocha Campos

**AS VIVÊNCIAS ACADÊMICAS E DE PERTENCIMENTO DE ESTUDANTES
NEGROS DO CURSO DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS**

Belo Horizonte
2024

Clarice da Rocha Campos

**AS VIVÊNCIAS ACADÊMICAS E DE PERTENCIMENTO DE ESTUDANTES
NEGROS DO CURSO DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós Graduação em Estudos da Ocupação da Universidade Federal de Minas Gerais, enquanto pré-requisito para recebimento do título de Mestre em Estudos da Ocupação.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Assis Costa

Área de concentração: Ocupação, Participação e Inclusão Social

Linha de Pesquisa: Ocupação, Políticas Públicas e Inclusão Social

Belo Horizonte
2024

C198v Campos, Clarice da Rocha
2024 As vivências acadêmicas e de pertencimento de estudantes negros do curso de medicina da Universidade Federal de Minas Gerais [recurso eletrônico] / Clarice da Rocha Campos. – 2024.
I recurso online (140 f. : il.) : pdf.

Orientadora: Luciana Assis Costa

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Inclui bibliografia.

1. Educação – Teses. 2. Ensino superior – Teses. 3. Relações raciais – Teses. 4. Relações étnicas – Teses. 5. Estudantes negros – Teses. 6. Políticas públicas – Teses. I. Costa, Luciana Assis. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 371

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Sheila Margareth Teixeira Adão, CRB 6: n° 2106, da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA OCUPAÇÃO

UFMG

FOLHA DE APROVAÇÃO

AS VIVÊNCIAS ACADÊMICAS E DE PERTENCIMENTO DE
ESTUDANTES NEGROS DO CURSO DE MEDICINA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

CLARICE DA ROCHA CAMPOS

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS DA OCUPAÇÃO, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS DA OCUPAÇÃO, área de concentração OCUPAÇÃO, PARTICIPAÇÃO E INCLUSÃO.

Aprovada em 28 de novembro de 2024, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Luciana Assis Costa – Orientadora
UFMG

Prof(a). Rósangela Gomes da Mota de Souza
UFMG

Prof(a). Magno Nunes Farias
UnB

Belo Horizonte, 28 de novembro de 2024.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha família. Assim como os estudantes que entrevistei que determinam como o diferencial para seu acesso ao Ensino Superior o apoio familiar, sem o apoio dos meus familiares eu não teria vislumbrado chegar tão longe.

Agradeço a meu pai Mauro por sempre contribuir para minha permanência em estudos de qualidade; a minha mãe Maria Laís, por sempre me fazer enxergar a educação como um local de transformação e por dar o exemplo em casa de como os professores são o pilar da nossa sociedade, e como uma professora que ama o que faz pode mudar a vida de tantos alunos. Agradeço às minhas irmãs Camilla e Carla, que me ensinaram desde pequena a ler e questionar e reivindicar os lugares que a sociedade deseja colocar mulheres negras; e agradeço aos meus irmãos Guilherme e Gustavo que me apresentaram como a educação pode também ser prazerosa ao lermos e assistirmos ficções e fantasias. Agradeço a minha sobrinha Lina, que apesar de já entender muito para sua idade, acredito que só irá compreender a importância desse estudo quando for a sua vez de acessar um Ensino Superior. Ver o mundo através de seus olhos pelos últimos 13 anos tem sido uma das maiores lições de vida. Agradeço também aos meus tios, primos, cunhadas e cunhado que contribuem emocionalmente e financeiramente para a minha permanência nos estudos.

Agradeço, em segundo lugar, aos meus amigos. Assim como os estudantes que entrevistei que determinam como o diferencial para sua permanência no Ensino Superior o apoio de amigos que compreendem e compartilham de suas vivências, sem minhas amigas eu também não teria chegado tão longe.

Agradeço aos meus amigos de Barbacena: Ana Beatriz, Anna Clara, Isabela, Júlia, Naza, Paulino e Yasmine. É um privilégio para poucos manter amigas por um longo tempo, e um privilégio maior ainda manter as amigas de infância ainda tão próximas de você. Em destaque nesse processo do mestrado, quero agradecer especialmente à Ana Bia e Mine, por carregarem até Belo Horizonte um pedaço da Clarice de Barbacena, e me lembrarem de resgatá-la de vez em quando, para que ela pudesse ver o tanto que sonhou em estar onde está hoje. Obrigada também por me proporcionarem afeto, carinho, crises de risos constantes e espaços onde podia ser meu eu mais verdadeiro, durante os momentos mais difíceis dessa caminhada.

Agradeço também àquelas que chegaram depois, mas me moldaram e eu me espelho enquanto Terapeuta Ocupacional. À Alice que foi a primeira que me abriu os olhos para a questão racial na UFMG, e escutou todos os meus questionamentos e revoltas ao longo da graduação e dessa pesquisa. À Luana, que foi minha vizinha e parceira de almoços e encontros de finais de semana, e mesmo com a distância foi quem me salvou ensinando como usar as tecnologias ao meu favor para o sucesso dessa pesquisa. À Hellen, minha eterna dupla, minha amiga que diz que não é boa com palavras, e com quem mais me identifico porque também não me considero boa com palavras. Por isso, nos entendemos em um idioma que se tornou só nosso. Durante toda a escrita da dissertação eu só pensava no quanto seria mais fácil se eu pudesse escrever, novamente, em dupla com ela, mas hoje aceito não ser mais sua dupla eterna, passando o posto ao nosso mascote de 2024, Asafe. E por fim, à Yasmin, pela qual eu poderia escrever páginas e páginas de agradecimentos mas, para resumir: obrigada por ouvir meus áudios de seis minutos, e me responder com áudios de seis minutos; obrigada por validar meus sentimentos e me aconselhar da maneira mais certa possível; obrigada por ser tão disponível que me enviou um notebook via Uber Flash quando eu desesperada comentei que o meu parou de funcionar e obrigada por ser a minha revisora não oficial de todos os trabalhos acadêmicos realizados desde 2019.

Agradeço também aos que começaram como colegas de trabalho e permanecem como amigos. À Luiza, que nos últimos meses foi forçada a ouvir sobre minhas angústias e desabafos porque um dia resolveu me oferecer caronas para o serviço e a nossa amizade se fortaleceu. À Maíra, que também era forçada a ouvir minhas angústias e desabafos, porque um dia resolveu me oferecer caronas para o serviço, e também porque um dia precisou frequentar o horário noturno do trabalho, e nisso nossa amizade se consolidou, tanto que hoje continua para além das circunstâncias onde foi iniciada. À Amanda que, quando entrou no mesmo dia que eu no Santa Helena, já fazia mestrado, já tinha experiência profissional no socioeducativo e já me aconselhava de tudo porque, quando tinha minha idade (um ano antes porque essa era a nossa diferença) já tinha passado pelo que eu estava passando e sabia me dar as dicas necessárias. E por fim, à Thamara, que é mais que minha amiga e ex-colega de trabalho, é minha colega de mestrado, afilhada e prima (mesmo que postiça). Acho que nesse processo todo, quem mais me ouviu, aconselhou, incentivou e entendeu foi ela. Nosso laço já era forte antes dessa experiência pela qual nós duas passamos e, com certeza, ele será eterno após todas as conversas que tivemos, temos e teremos pelas andanças no Vale do Jatobá, pelos percursos andados de ônibus, pelos almoços divididos dentro e fora do serviço, e pelos áudios imensos no Whatsapp.

Agradeço também a toda equipe do Centro Socioeducativo Santa Helena que compreendeu meus períodos de ausência, horários diferenciados de trabalho e momentos de ansiedade e estresse, e me deram condições para que pudesse finalizar essa etapa.

Agradeço à minha orientadora Luciana Assis Costa que me acompanha e apoia nesse processo acadêmico desde a graduação.

Por fim, agradeço imensamente aos estudantes que concordaram em participar dessa pesquisa, e a tornaram o que ela é hoje através da confiança em compartilhar comigo suas vivências dentro da Universidade.

Decidi nomear cada uma dessas pessoas, pois, uma das lições que aprendi com esse estudo é que o grande diferencial para o acesso de pessoas que normalmente não são reconhecidas como parte da Universidade e do Ensino Superior é a rede de apoio que elas possuem por trás.

RESUMO

As múltiplas configurações do racismo no Brasil o torna uma questão estrutural expressa nas relações subordinadas de poder que emergem desde as ações individuais cotidianas à organização política, econômica, jurídica e institucional. Com isso, a implementação da Lei de Cotas em 2012 é apontada como um avanço importante para a equidade racial no Ensino Superior, prevendo a reserva de 50% das vagas em instituições públicas para alunos de escolas públicas, com percentuais para negros e indígenas. Contudo, estudos indicam que cursos altamente seletivos, como a Medicina, continuam a ser espaços de difícil acesso e permanência para estudantes negros, mesmo com as ações afirmativas em vigor. Essa realidade é intensificada pelo racismo estrutural e cotidiano, que afeta a saúde mental e o desempenho acadêmico dos alunos. Com isso, esse estudo tem como objetivo identificar e compreender as vivências acadêmicas e de pertencimento de estudantes negros do curso de medicina da UFMG, após a implementação das políticas de ações afirmativas. Trata-se de um estudo qualitativo transversal, utilizando-se como método de coleta de dados a entrevista semiestruturada. Foram entrevistados sete estudantes negros do curso de medicina da UFMG, que ingressaram por meio de políticas afirmativas. A análise dos dados foi realizada através do uso da Análise Temática, que resultou seis categorias temáticas. Os resultados indicam que a decisão de cursar medicina muitas vezes está associada ao capital cultural familiar e ao ensino médio de qualidade. Além disso, todos estudantes apontam que embora as políticas de ações afirmativas tenham facilitado o ingresso, a permanência é desafiadora, sendo as políticas de permanência estudantil necessárias para manutenção na graduação. Eles relatam experiências marcadas pelo racismo, pela falta de representatividade e por dificuldades financeiras. Redes de apoio, incluindo amigos e familiares, são mencionadas como fundamentais para manter a motivação e a saúde mental. O racismo é frequentemente percebido de forma velada, manifestando-se por meio de microagressões e pela falta de reconhecimento. Apesar dos avanços proporcionados pelas ações afirmativas, a inclusão plena requer políticas complementares que garantam suporte acadêmico e psicológico. A importância de medidas que assegurem a permanência e valorização dos estudantes negros é destacada, sublinhando a necessidade de estratégias institucionais para combater práticas discriminatórias e promover uma diversidade efetiva.

Palavras-chave: Ensino Superior; Ações afirmativas; Racismo.

ABSTRACT

The multiple configurations of racism in Brazil make it a structural issue expressed in subordinate power relations that emerge from everyday individual actions to political, economic, legal, and institutional organization. Thus, the implementation of the Lei de Cotas in 2012 is seen as an important step forward for racial equity in Higher Education, providing reservation of 50% of vacancies in public institutions for students from public schools, with percentages for black and indigenous students. However, studies indicate that highly selective courses, such as Medicine, continue to be difficult spaces for black students to access and remain in, even with affirmative action policies in place. This reality is intensified by structural and everyday racism, which affects students' mental health and academic performance. Therefore, this study aims to identify and understand the academic and belonging experiences of black students in the UFMG medical course, after the implementation of affirmative action policies. This is a cross-sectional qualitative study, using semi-structured interviews as the data collection method. Seven black medical students from UFMG who were admitted through affirmative action policies were interviewed. Data analysis was performed using Thematic Analysis, which resulted in six thematic categories. The results indicate that the decision to study medicine is often associated with family cultural capital and quality high school. Furthermore, all students point out that although affirmative action policies have facilitated admission, retention is challenging, with student retention policies being necessary to maintain undergraduate studies. They report experiences marked by racism, lack of representation, and financial difficulties. Support networks, including friends and family, are mentioned as essential to maintaining motivation and mental health. Racism is often perceived in a veiled way, manifesting itself through microaggressions and lack of recognition. Despite the advances provided by affirmative action, full inclusion requires complementary policies that guarantee academic and psychological support. The importance of measures that ensure the retention and appreciation of black students is highlighted, underlining the need for institutional strategies to combat discriminatory practices and promote effective diversity.

Keywords: Higher Education; Public Policy; Racism.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMB - Associação Médica Brasileira (AMB)
CEFET - Centro Federal de Educação
Tecnológica CES - Censo da Educação Superior
EEFFTO – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
ENADE - Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes
ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio
FACE - Faculdade de Ciências Econômicas
FAFICH - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
FFM - Fundação Faculdade de Medicina
FMUSP - Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo
FUMP – Fundação Universitária Mendes Pimentel
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICB – Instituto de Ciências Biológicas
ICEX – Instituto de Ciências Exatas
IDEB – Índice de Desenvolvimento de Educação
Básica IES – Instituição de Ensino Superior
IF – Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia
INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LASPON - Liga Acadêmica de Saúde da População Negra
OPAS - Organização Pan-Americana de Saúde
PISA - Programa Internacional de Avaliação de Alunos
Pnad-C - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua
PNAES - Política Nacional de Assistência Estudantil
PNSIPN - Política Nacional de Saúde Integral da População Negra
PRAE - Pró Reitoria de Assuntos Estudantis
REUNI - Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades
SISU - Sistema de Seleção Unificada
SUS – Sistema Único de Saúde
TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFBA – Universidade Federal da Bahia
UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	14
2.	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
2.1.	Reflexos da discriminação racial nos espaços da educação formal.....	18
2.2.	Raça, o acesso à educação superior e a implementação das políticas de ações afirmativas.....	19
2.3.	Os impactos das políticas de ação afirmativa no acesso à UFMG.....	21
2.4.	O acesso dos estudantes negros nos cursos de Medicina	23
3.	METODOLOGIA	28
3.1.	Desenho do estudo.....	28
3.2.	Coleta de dados	28
3.3.	População do estudo	30
3.4.	Riscos e benefícios.....	30
3.5.	Aspectos éticos	30
3.6.	Análise dos dados.....	31
4.	RESULTADOS E DISCUSSÃO	35
4.1.	Caracterização sociodemográfica dos participantes:.....	35
4.2.	O ingresso no curso de Medicina: da percepção de impossibilidade ao projeto de vida.....	38
4.3.	O diferencial para o ingresso no curso de medicina: experiências prévias, capital cultural, Ensino Médio de qualidade e apoio familiar	41
4.4.	Políticas de ação afirmativa e políticas de assistência estudantil: ações efetivas para o ingresso e desafios para a permanência na universidade	46
4.4.1.	<i>Impacto do curso de Medicina na saúde mental: importância de redes de apoio</i> 48	
4.4.2.	<i>A sobrecarga da conciliação entre estudos, trabalho e mobilidade urbana.....</i>	52
4.5.	Circulação e apropriação do espaço da Universidade.....	53
4.6.	Realidades diferentes: comparação e não identificação com os colegas e professores.....	56
4.7.	O racismo e as estratégias de enfrentamento: redes de apoio e perspectivas para	

o futuro	58
5. CONCLUSÃO	60
REFERÊNCIAS	63
ANEXOS	68
ANEXO I.....	68
ANEXO II	69
ANEXO III.....	117
ANEXO IV	135

1. INTRODUÇÃO

As múltiplas configurações do racismo no Brasil o torna uma questão estrutural expressa nas relações subordinadas de poder que emergem desde as ações individuais cotidianas à organização política, econômica, jurídica e institucional (Almeida, 2020). A desigualdade racial se perpetua através das instituições, que conseqüentemente, reproduzem valores, normas e conflitos racializados (Almeida, 2020). Dessa forma, destaca-se que enquanto um grupo racial estiver mais representado e em posições de poder em relação a outro, o grupo dominante irá criar mecanismos, regras e formas de controle que garanta sua permanência no poder (Almeida, 2020). Além disso, o racismo também pode se configurar no cotidiano como uma forma de opressão que se manifesta em interações diárias por meio de microagressões e comportamentos sutis que, embora muitas vezes passem despercebidos por quem os pratica, têm um impacto profundo nas pessoas racializadas. Esse racismo, expresso em comentários, piadas, suposições e atitudes que reforçam estereótipos, contribui para a perpetuação da discriminação e do silenciamento de pessoas negras (Kilomba, 2019). Além de ser uma forma de violência psicológica, o racismo cotidiano sustenta estruturas de poder desiguais, sendo frequentemente ignorado ou minimizado nos discursos públicos, mas representando uma realidade constante e dolorosa para aqueles que o vivenciam. Historicamente, a comunidade acadêmica e sua produção de conhecimento se deram sob os preceitos eurocêntricos, se utilizando de teorias que formalizaram e reproduziram a construção das pessoas negras como o “outro” inferior, subordinadas ao sujeito branco, de forma desumanizada, primitiva e brutalizada (Kilomba, 2019). Sendo assim, o espaço acadêmico não é um local neutro, e sendo um espaço branco a fala é negada para não brancos. Pessoas negras, objetificadas em estudos, são postas em uma posição de “outridade”, não por falta de interesse ou resistência e sim por falta de acesso e representatividade dessa população (Kilomba, 2019).

Essa falta de representatividade e produção de conhecimento predominantemente branco traz à tona a discussão do racismo epistêmico. O racismo epistêmico refere-se ao domínio dos sistemas de conhecimento de um grupo sobre outros grupos, diferenciados pela racialização. Estabelece que o “saber branco” é o único saber legítimo, e exige que todos os outros grupos concordem e assimilem esses conhecimentos, invalidando e apagando formas alternativas de saber (Beagan *et al.*, 2022). A proposição de ter uma diversidade cultural no ensino vem justamente para que todos os saberes sejam considerados válidos e necessários para o conhecimento acadêmico mundial. Contudo, essa proposta incomoda aqueles acostumados

ao papel tradicional da universidade, que não sabem como lidar com os embates que aparecem dentro das salas de aula (Hooks, 2013). Esses embates normalmente são entre pessoas nomeadas de “minorias”, que apontam e sustentam discussões sobre o racismo e outros preconceitos presentes em nossa sociedade, com os demais alunos. Por isso, essa mudança cultural sofre retaliações e barreiras, apoiada em discursos de que os professores não sabem como lidar com esses embates, e não poderão fazer mudanças enquanto não forem educados para tal (Hooks, 2013). Dessa forma, torna-se um ciclo, no qual para se familiarizar com essas diferenças precisa-se de pessoas formadas em espaços diversos, contudo, com a falta dessa representatividade acadêmica, essas pessoas não são formadas, e isso sustenta ainda mais a continuidade do racismo epistêmico.

Nesse sentido, para tentar promover maior diversidade e representatividade nas instituições de Ensino Superior, no contexto brasileiro, em agosto de 2012, a Lei no 12.711/2012, conhecida como “Lei de Cotas” foi sancionada. Seu objetivo é garantir que as Instituições de Ensino Superior (IES) de todo país designem 50% de suas vagas a estudantes que cursaram os três anos do Ensino Médio em escolas públicas (Brasil, 2012). Esse percentual foi subdividido em: metade para estudantes de escolas públicas com renda familiar bruta igual ou inferior a um salário-mínimo e meio per capita, e metade para estudantes de escolas públicas com renda familiar superior a um salário-mínimo e meio. Nas duas subdivisões, também é considerado o percentual mínimo correspondente ao da soma de pretos, pardos e indígenas no estado, de acordo com o último censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (Brasil, 2012).

A implementação de políticas de ações afirmativas nas instituições de ensino superior no Brasil representou um marco significativo na busca pela equidade e inclusão social, visando mitigar desigualdades históricas e promover a diversidade dentro dos ambientes acadêmicos. No contexto específico do curso de medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a adoção dessas políticas teve como objetivo principal ampliar o acesso e melhorar as condições de permanência de estudantes negros, historicamente sub representados nessa área profissional. Contudo, apesar das políticas de ações afirmativas serem fundamentais para promover a inclusão de minorias étnico-raciais no ambiente acadêmico, e visarem corrigir desigualdades históricas e democratizar o acesso à educação superior, o ingresso na universidade, embora um avanço significativo, não garante que os estudantes negros tenham suas experiências acadêmicas e sociais plenamente valorizadas (Oliveira, 2020). A eficácia dessas medidas vai além do acesso inicial, e se torna crucial compreender como os estudantes negros experienciam o ambiente acadêmico e de pertencimento após ingressarem na UFMG

através das políticas de ações afirmativas. Por isso, identificar e analisar essas vivências acadêmicas, explorando os desafios enfrentados, as estratégias de adaptação desenvolvidas e os impactos percebidos no desenvolvimento pessoal e profissional desses estudantes é de extrema relevância.

Nesse contexto, a pesquisa de Piotto (2007) sobre as políticas de ações afirmativas nas universidades brasileiras destaca a elitização de cursos, como o de Medicina, onde a presença de estudantes das camadas populares é a exceção, e a renda média dos alunos é significativamente superior à da população geral. Pensando especificamente no curso de Medicina, sabe-se que 14% dos estudantes são de famílias com mais de 30 salários mínimos mensais (Ristoff, 2014). Ademais, é fundamental abordar e reconhecer também o papel da Medicina na propagação do "racismo científico", uma teoria que atribui diferenças cognitivas e culturais a características genéticas e fenotípicas, como cor da pele e formato do crânio. Esse legado tem consequências duradouras, visíveis nas desigualdades persistentes nos dados de saúde, especialmente no que se refere à população negra, cujas condições de saúde continuam a refletir as estruturas de discriminação racial e social (Fredrich *et al.*, 2022).

Por isso, estudar a vivência dos alunos negros no curso de Medicina é crucial devido às desigualdades históricas e estruturais que marcam tanto a educação superior quanto a profissão médica. Como demonstrado por Piotto (2007), a elitização desse curso dificulta a inclusão de estudantes de classes populares, especialmente os negros, que enfrentam desafios adicionais em um ambiente majoritariamente branco e privilegiado. Compreender essas vivências é fundamental para identificar as barreiras específicas enfrentadas por esses alunos e criar políticas mais inclusivas, garantindo não só o acesso e a permanência dos estudantes negros na graduação, mas também a construção de um campo médico mais equitativo e representativo, sensível às desigualdades raciais na saúde. Além disso, a Medicina é uma área que possui grande pressão por excelência acadêmica e pode ser ainda maior para estudantes que pertencem a grupos marginalizados (Piotto, 2007).

Portanto, é essencial investigar como as ações afirmativas influenciam não apenas o acesso, mas também a permanência desses estudantes e o pertencimento, que é um aspecto crucial para o sucesso acadêmico e pessoal. A construção da identidade acadêmica e profissional dos estudantes negros é uma dimensão que merece atenção. Como esses estudantes se percebem dentro do espaço universitário e como isso afeta suas aspirações profissionais? A pesquisa busca entender essas questões, reconhecendo que a identidade é influenciada por múltiplos fatores, incluindo raça, gênero e classe social (Almeida, 2020).

A relevância deste estudo reside na necessidade de proporcionar uma reflexão sobre a

efetividade das políticas de ações afirmativas no contexto específico do curso de medicina da UFMG. Compreender as vivências dos estudantes negros contribuirá para avaliar o sucesso dessas políticas em termos de inclusão e equidade, e fornecerá subsídios para o aprimoramento contínuo das estratégias de suporte e acompanhamento acadêmico. Além disso, destaca-se a importância do pertencimento institucional como um fator determinante para o sucesso acadêmico e profissional dos estudantes negros no curso de medicina. Ao evidenciar as experiências individuais desses estudantes, pretende-se gerar conhecimento acadêmico e promover a sensibilização e o debate sobre a promoção da diversidade e da igualdade racial no ensino superior brasileiro.

Dessa forma, o objetivo deste estudo é identificar e compreender as vivências acadêmicas e de pertencimento de estudantes negros do curso de medicina da UFMG, após a implementação das políticas de ações afirmativas. Além disso, o estudo irá compreender como os alunos negros do curso de medicina, avaliam as suas oportunidades de acesso e permanência no curso; compreender o sentimento de pertencimento e reconhecimento nos ambientes e nas relações dentro da universidade; e compreender as oportunidades e desafios da vinculação com o ensino superior na UFMG.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Reflexos da discriminação racial nos espaços da educação formal

Ao se pensar na construção do saber na América Latina, Quijano (2005) irá apontar como o eurocentrismo - uma visão de mundo que privilegia a cultura, a história, os valores e as perspectivas europeias em detrimento de outras culturas e civilizações - tem moldado as ciências sociais e, por extensão, os sistemas educacionais. O eurocentrismo perpetua uma colonialidade do saber, onde conhecimentos e experiências de outras culturas, especialmente aquelas não-europeias, são marginalizados ou desvalorizados (Quijano, 2005). Essa colonialidade do saber reflete-se diretamente no racismo na educação, manifestando-se de várias maneiras, sendo essas: o currículo eurocêntrico, onde os currículos educacionais frequentemente se baseiam em conhecimentos e perspectivas europeias, ignorando ou minimizando as contribuições de outras culturas, e reforçando uma visão de mundo que exclui ou subordina saberes não-europeus; a desigualdade de acesso, visto que a estrutura educacional pode reproduzir desigualdades raciais, onde estudantes de origem não-europeia enfrentam barreiras maiores para acessar uma educação de qualidade; a falta de representação de culturas e conhecimentos diversos no currículo pode afetar a autoestima e a identidade dos estudantes racializados, que não veem suas histórias e contribuições refletidas na educação que recebem; e as práticas pedagógicas baseadas em uma visão eurocêntrica, que não consideram as diferentes formas de aprendizagem e conhecimentos tradicionais dos estudantes de diversas origens, perpetuando desigualdades e exclusão (Quijano, 2005).

Portanto, descolonizar a educação significa valorizar e integrar saberes diversos, combatendo o racismo e promovendo uma aprendizagem que respeita e celebra a diversidade cultural e epistemológica. A descolonização do saber poderá promover a inclusão de perspectivas e conhecimentos de diferentes culturas para criar um sistema educacional mais equitativo e inclusivo.

No âmbito racial, entende-se que a raça não pode ser analisada separadamente do sujeito, fazendo parte de quem ele é, e tornando-se necessária uma análise macrossocial do racismo que permeia a estrutura da nossa sociedade e acaba por moldar o acesso de pessoas racializadas, contribuindo para as inequidades da população negra (Hammell, 2020). Considera-se que dentro de uma sociedade racializada, pessoas negras vivenciam cotidianos impactados pelo privilégio branco e permeado pelo racismo e, entende-se assim, que as ocupações das pessoas negras, incluindo a educação, são marcadas e perpassadas pelas práticas

do racismo e da desigualdade racial (Ambrósio e Silva, 2021).

Portanto, se as oportunidades e condições de vida são distribuídas de forma desigual, elas irão com certeza interferir nas escolhas de cada pessoa, e grande parte dos sujeitos marginalizados irão ter poucas ou até mesmo nenhuma escolha ocupacional (Hammell, 2020). Ao apontar que a população negra é privada dessas oportunidades, infere-se que ela também terá menos identificação, acesso e permanência em espaços predominantemente brancos.

Pessoas negras são vulnerabilizadas, e atingidas por injustiças ocupacionais, e pelo que a Ciência Ocupacional e a Terapia Ocupacional irão chamar de “*apartheid* ocupacional” (Farias, Leite Junior e Costa, 2018). Esse termo pressupõe que, atualmente, ainda ocorre a negação sistemática de acesso às atividades ocupacionais, às pessoas que vivenciam condições estigmatizantes e opressivas, como deficiência, pobreza, gênero/identidade sexual, e raça/etnia (Sakellariou e Pollard, 2013). Tem sido utilizado também para evidenciar situações em que as ocupações são remuneradas e valorizadas de forma desigual, resultando em restrições ou mesmo privações dessas ocupações segundo a condição racial das pessoas (Townsend e Wilcock, 2004). Essa desvalorização de certas ocupações, incluindo o estudo e trabalho e, conseqüentemente, a escolha de cursos e profissões, também está atrelada a questão da classe social, e como o acesso de negros e classes sociais mais baixas está diretamente correlacionado a escolha dos cursos superiores mais privilegiados (Carvalhaes e Ribeiro, 2019).

2.2. Raça, o acesso à educação superior e a implementação das políticas de ações afirmativas

Estudos apontam que a maioria dos estudantes negros relatam que vivenciaram ou presenciaram situações de racismo no âmbito universitário, somadas muitas vezes ao sexismo e classicismo (Valério *et al.*, 2021; Beagan *et al.* 2022). Essa falta de valorização do saber negro e de referências negras nos meios acadêmicos está diretamente conectada a falta de representatividade desse grupo racial dentro das instituições. No estudo de Valério *et al.* (2021) estudantes negras dos cursos de saúde da Universidade Estadual de Alagoas relatam a ausência de apoio dos professores, e da instituição em si, na elaboração de propostas de pesquisas que abordem as questões racial e de gênero como foco principal, e da falta de entendimento da importância de tais questões para os estudantes negros da universidade. Isto evidencia a manutenção do racismo nessas instituições, através da negação e distanciamento da discussão racial e de gênero, destacando também o despreparo dos educadores sobre estas temáticas (Valério *et al.*, 2021). Sendo assim, pode-se afirmar que a educação e a raça estão

intrinsecamente conectadas, ao pensar que um sujeito pode não se sentir compelido a continuar em instituições não representativas, pelo simples fato de que irá sofrer racismo.

De acordo com Hooks (2013), a busca pelo “verdadeiro” conhecimento e informação acadêmica evidencia que os discursos que sustentam e mantem a supremacia branca, o imperialismo, o sexismo e o racismo distorceram a educação, e inibem sua prática libertadora, que é a única capaz de promover possibilidades radicais na academia. Por isso, torna-se necessário criar formas de repensar a educação para enfrentar o racismo e os preconceitos existentes na academia, e garantir um senso de valorização e pertencimento étnico-racial (Valério *et al.*, 2021).

Dessa forma, ao pensar nessas desigualdades e falta de representativa negra no meio educacional o termo estratificação horizontal surge a partir da visão sociológica da estratificação social, que entende que a estruturação das oportunidades é diretamente associada as características não escolhidas pelos indivíduos, como classe, sexo e raça (Carvalhaes e Ribeiro, 2019). A visão horizontal da estratificação incorpora as diferenças qualitativas dos sistemas de ensino (cursos, prestígio das instituições etc.) nas análises empíricas sobre a estruturação de oportunidades educacionais (Charles e Bradley, 2002). De forma geral, os estudos internacionais apontam que as condições socioeconômicas das famílias dos estudantes estão associadas ao tipo de curso e de instituição que eles acessam. Ademais, outra questão crucial na análise da diversificação, da desigualdade e do acesso ao ensino superior é a sub-representação de grupos raciais, étnicos ou religiosos nos cursos e profissões de maior prestígio (Charles e Bradley, 2002).

Analisando os microdados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE) e o Censo da Educação Superior (CES), é possível analisar a estratificação horizontal em 34 cursos superiores de instituições públicas e privadas no Brasil (Carvalhaes e Ribeiro, 2019). Em relação a raça, observa-se predominância de alunos brancos nos cursos de direito, psicologia, comunicação social, ciências econômicas, nutrição, biomedicina, engenharia, farmácia, relações internacionais, veterinária e zootecnia, arquitetura e urbanismo e design, agronomia, odontologia e medicina. Conclui-se que a estratificação racial é menor quando levamos em conta a classe de origem e gênero, mas, mesmo assim, é significativo o número de brancos que acessam cursos mais privilegiados (Cavalhaes e Ribeiro 2019).

Foi então que, na tentativa de mudar esse panorama brasileiro de desigualdade de acesso ao Ensino Superior, há dez anos, em agosto de 2012, a Lei nº 12.711/2012, conhecida como “Lei de Cotas” foi sancionada. Essa lei tem como objetivo garantir que as Instituições de Ensino

Superior (IES) de todo país destinem 50% de suas vagas a estudantes que cursaram os três anos do Ensino Médio em escolas públicas (Brasil, 2012). Esse percentual é subdividido em: metade para estudantes de escolas públicas com renda familiar bruta igual ou inferior a um salário-mínimo e meio per capita, e metade para estudantes de escolas públicas com renda familiar superior a um salário-mínimo e meio. Nas duas subdivisões, também é considerado o percentual mínimo correspondente ao da soma de pretos, pardos e indígenas no estado, de acordo com o último censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (Brasil, 2012). Em 2016, a Lei de Cotas foi alterada pela Lei Federal nº 13.409, que estendeu a reserva de vagas para pessoas com deficiência, dentro das subdivisões mencionadas, tendo também a porcentagem de reserva de vagas definida de acordo com o censo demográfico de cada estado (Brasil, 2016).

Até junho de 2012, ano de aprovação da Lei de Cotas, havia 129 IES públicas com alguma política de ação afirmativa, 44% do total de IES brasileiras (Silva, 2020). Dessas 129, 52 dispunham de ação afirmativa com critério racial e, ao analisar somente as universidades federais, esse número caía para 23. Entre 2012 e 2014, as vagas reservadas para negros e indígenas em universidades federais passaram de 13.392 para 43.613, resultando em um aumento de 225% (Daflon, Feres Júnior e Moratelli, 2014). Além disso, ao analisar os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad-C) de 2011 a 2019, constata-se que entre os jovens de 18 e 24 anos, idade em que se finaliza o Ensino Médio e pode-se ingressar no Ensino Superior, houve aumento do número absoluto de pessoas com graduação completa (Honorato e Zuccarelli, 2021). Contudo, mesmo com o aumento de pessoas negras nas universidades, pessoas brancas ainda são a maioria em relação à faixa etária e população observada. De acordo com o IBGE de 2019, apenas 18% dos jovens pretos e pardos frequentam a faculdade, em contraponto aos 36% dos jovens brancos.

2.3. Os impactos das políticas de ação afirmativa no acesso à UFMG

Em Minas Gerais, de acordo com o CES de 2021, aproximadamente 51% dos estudantes da UFMG se declararam pretos ou pardos. Esse valor ainda se encontra abaixo da população negra do estado de Minas que, segundo o censo da população brasileira de 2010 do IBGE, é igual a 53,5%, mas, comparado ao índice nacional, possui representatividade significativa. Ao avaliar o perfil de estudantes da UFMG de 2006 a 2015, constata-se que, de 2006 a 2008, antes de políticas como o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades (Reuni), e da política de bônus, a proporção de alunos brancos era de

aproximadamente 70% (Golgher, 2021).

O Reuni foi uma política que aumentou as vagas da UFMG de 4.600 vagas anuais para 6.600, contudo, não realizou políticas exclusivas para a entrada da população negra nesse mesmo espaço. Já a política de bônus, aumentou em 10% as notas do vestibular de pessoas que cursaram os últimos sete anos de educação básica em escolas públicas, e mais 5% nas notas de estudantes que se autodeclaravam negros ou indígenas. Com ambas as políticas, até a implementação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)/ Sistema de Seleção Unificada (SISU), em 2010, alunos brancos passaram a representar aproximadamente 50% dos discentes.

Por fim, depois de implantado o ENEM/SISU como principal meio de ingresso a UFMG em 2012, e com as cotas de acordo com a Lei nº 12.711/2012, o percentual ficou em torno de 52%. É nesse contexto que, ao analisar quais cursos de algumas universidades federais as pessoas negras estão majoritariamente matriculadas, nota-se que cursos com notas mais altas no ENADE, como medicina, possuem menos alunos negros e, em cursos com notas mais baixas, como educação física, ciências sociais e enfermagem, alunos negros são a maioria (Lopes, 2016).

Ainda em relação à UFMG, Paula, Nonato e Nogueira (2023) analisaram que, entre os anos de 2005 e 2019, a concentração dos estudantes brancos nos cursos mais seletivos permanece, enquanto estudantes pardos e pretos tendem a ter maior representação nos cursos de baixa e média seletividade. Contudo, ao analisar essa diferença de representação, nota-se que os ingressantes negros que se declararam como pardos se beneficiaram proporcionalmente mais das reservas de vagas. Apesar de a partir de 2016 a diferença de representação dos estudantes negros entre os cursos de baixa e média ou alta seletividade ter reduzido, entre os estudantes que se declararam pretos não houveram grandes mudanças desde o início da política de ações afirmativas (Paula, Nonato e Nogueira, 2023).

Dentre todos os cursos da graduação, na UFMG, o curso de medicina é um dos que mais possui maioria branca (59,38%) e, além disso, entendendo negros como a junção da população preta e parda, destaca-se que na medicina somente 6,56% dos alunos são autodeclarados pretos (UFMG, 2022). Contudo, ainda não se sabe exatamente o porquê da prevalência de pessoas brancas nessas determinadas áreas, apesar de existir uma forte hipótese de quanto maior a nota de corte do curso, menor o número de estudantes negros (Lopes, 2016). Ademais, pode-se pressupor que, devido ao histórico de exclusão e racismo, pessoas negras não têm referências de profissionais negros em profissões mais prestigiadas socialmente, como a medicina. Por isso, ao escolherem o curso, não se consideram capazes de adentrar nesses que, além de não terem representatividade, também possuem notas de corte mais altas. Essa falta de representatividade

pode também contribuir para que negros e negras queiram se adentrar em profissões que os auxiliem a compreender a sociedade na qual vivem.

2.4. O acesso dos estudantes negros nos cursos de Medicina

Segundo Piotto (2007), em uma pesquisa realizada durante o processo de implantação das políticas de ações afirmativas nas universidades brasileiras, “[...] dada a elitização de alguns cursos, tanto nas instituições públicas quanto nas particulares, a presença de alunos das camadas populares neles constitui exceção [...]”. Analisando somente o curso de Medicina, é possível encontrar estudantes seis vezes mais ricos que a média da população brasileira: nota-se igualmente que 14% dos estudantes de Medicina vêm de famílias com faixa de renda de mais de 30 salários mínimos mensais (Ristoff, 2014). Além disso, em 2023 foi publicada a nova edição do estudo Demografia Médica no Brasil, realizada pelo Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP). O estudo aborda o número, perfil e distribuição dos médicos no Brasil, mudanças na formação e especialização, e transformações no mercado de trabalho. A pesquisa integra as atividades dos Laboratórios de Investigação Médica do Hospital das Clínicas da FMUSP, e conta com apoio da Associação Médica Brasileira (AMB), da Fundação Faculdade de Medicina (FFM), da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) e do Ministério da Saúde. Nesse estudo, foi descrito o censo dos estudantes de medicina, e observado que entre 2010 e 2019, houve um leve aumento na média de idade dos ingressantes em medicina, passando de 21,3 para 21,5 anos, com maior frequência de alunos mais velhos, especialmente aqueles com 30 anos ou mais, que aumentaram de 4,1% para 6,7%. Predominantemente, a maioria dos estudantes de medicina era branca (69,7% em 2019). Nas IES públicas, a proporção de alunos negros (pretos e pardos) era de 38,6% em 2010, o dobro em relação às privadas (19,4%). Em 2019, essa diferença persistia, com 41,6% de pretos e pardos em instituições públicas e 23,0% nas privadas. De forma geral, observou-se que houve um crescimento significativo no número total de alunos negros, passando de 1.483 em 2010 para 9.326 em 2019 (Scheffer *et al.*, 2023).

No contexto dessa profissão, e pensando sobre raça, é necessário enfatizar o papel que a própria Medicina teve na disseminação do chamado racismo científico que atribui diferenças cognitivas e culturais a fatores genéticos e fenotípicos, como a cor da pele e olhos, tipo de cabelo, largura do nariz e formato do crânio. As consequências da disseminação desse racismo são evidenciadas até hoje nos dados, pesquisas e ensino referentes à saúde da população negra, dentre outros marcadores sociais de desigualdade (Fredrich *et al.*, 2022). O estudo de Borret *et*

al. (2020), evidencia como até os dias de hoje, profissionais da saúde não compreendem a raça como essencial para um atendimento médico de qualidade, e não possuem conhecimento acadêmico sobre as especificidades da saúde da população negra. Neste estudo, os autores realizaram uma oficina com o tema: “A sua consulta tem cor?”, realizado no Rio de Janeiro com profissionais da rede de atenção primária à saúde, no internato integrado de Medicina de Família e Comunidade e Saúde Mental da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e para estudantes de medicina da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). O foco do estudo foi sensibilizar estudantes e profissionais de saúde sobre como fatores raciais influenciam a saúde e o acesso aos cuidados médicos, além de explorar as disparidades de saúde enfrentadas por minorias étnicas e raciais, pois, não considerar a raça dos pacientes é ignorar as disparidades de saúde que frequentemente afetam grupos étnicos e raciais específicos, comprometendo a qualidade e a equidade no cuidado médico. Sendo assim, pesquisar, ensinar e compreender a saúde da população negra contribui para uma abordagem mais eficaz e empática no atendimento médico, reduzindo assim as desigualdades de saúde que frequentemente afetam essa população (Borret *et al.* 2020).

Em 2006, foi lançada pelo Ministério da Saúde a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN). Essa Política tem como compromisso combater as desigualdades no Sistema Único de Saúde (SUS) e promover a saúde da população negra de forma integral (Brasil, 2017). Entre os principais objetivos da PNSIPN estão a promoção da equidade racial no sistema de saúde, a redução das taxas de morbimortalidade que afetam negros, a capacitação de profissionais de saúde para um atendimento mais sensível às questões étnico-raciais, e a promoção de políticas de saúde que considerem as particularidades culturais e sociais da população negra. A política inclui ações voltadas para a melhoria do acesso aos serviços de saúde, o combate ao racismo institucional e estrutural dentro do sistema de saúde, a promoção da participação social e o fortalecimento das políticas públicas que impactam diretamente a saúde dos negros no Brasil. Além disso, com essa política o Ministério da Saúde deixa explícito que as iniquidades em saúde são resultados de injustos processos socioeconômico, culturais, ou seja, o racismo, que corroboram com a morbimortalidade das populações negras brasileiras (Ministério da Saúde, 2017).

Portanto, abordar as questões de saúde da população negra de maneira eficaz requer uma educação médica que capacite profissionais a reconhecer e mitigar essas disparidades, tornando-se imperativo que o curso de medicina forme alunos que compreendam as especificidades desse grupo étnico racial. Contudo, a baixa representatividade de negros dentro do próprio curso de medicina colabora para a manutenção do ciclo que Hooks (2013) apresenta,

de que educadores conscientes das diversidades existentes na sociedade não serão formados enquanto não existir essa diversidade e representatividade no meio acadêmico. A presença maior de estudantes negros/as no ensino superior através das políticas de ações afirmativas fez emergir esse racismo já existente dentro da medicina, sendo importante enfatizar que as ações afirmativas não aumentaram o racismo, só o evidenciaram ainda mais (Fredrich *et al.*, 2022).

Para compreender melhor a experiência e enfrentamento do racismo pelos estudantes negros na graduação em Medicina Fredrich *et al.* (2022) realizaram uma revisão de literatura e encontraram referenciais teórico-críticos que apontam que as dimensões do racismo internalizado, interpessoal e institucional se sobrepõem, e evidenciam o caráter estrutural, atrelado ao desenvolvimento histórico-econômico de nosso país.

O racismo internalizado tem como conceito a interiorização dos padrões racistas pelo grupo estigmatizado, incorporando visões negativas sobre si mesmo no que se refere à capacidade, habilidade e valor. Em relação aos sentimentos negativos despertados, os/as estudantes de medicina relataram dor, autocobrança, impotência, inferioridade, insegurança, sensação de não pertencimento, nervosismo, pessimismo, raiva, revolta, baixa autoestima, solidão, angústia, tristeza, vergonha, preocupação com o futuro profissional, medo e fenômeno do impostor (Fredrich *et al.*, 2022).

O racismo interpessoal pode ser expresso na forma de preconceitos e estereótipos que podem ocasionar discriminação, ou seja, oferta de tratamentos desiguais às pessoas em função da cor. Manifesta-se pelo desrespeito, atendimento precário ou inexistente, falta de informação sobre direitos, desconfiança, hipervigilância e atos mais ‘sutis’, como atravessar a rua ou apertar a bolsa contra o corpo ao cruzar com pessoas negras. Todos esses comportamentos foram mencionados pelos/as participantes ao longo das entrevistas (Fredrich *et al.*, 2022).

Fredrich *et al.*, 2022, apontam que a falta de representatividade no curso de Medicina foi mencionada por todos os entrevistados, tanto no corpo docente, como nas ligas acadêmicas, diretórios acadêmicos e coletivos estudantis. A crença de que o racismo seria uma prática individual expressa apenas por ofensas explícitas impede o reconhecimento dessa falta de representatividade e do medo de sofrerem discriminação como consequência do racismo. Uma estudante relatou que um professor usava termos como “cabelo carapinha” e “mulato”, alegando serem termos médicos. Ao conversar com ele ao final da aula para orientá-lo quanto aos termos apropriados, a postura dele foi de defesa, colocando-se numa posição de superioridade, sem mudança de comportamento. Atribui-se às pessoas negras a tarefa de educar e ensinar as pessoas brancas a não “serem racistas” (Fredrich *et al.*, 2022). O relato explicita como essa tarefa pode ser árdua e pouco produtiva, sobretudo quando realizada a partir da própria vítima ao se

encontrar em uma posição de subalternidade. O professor continuou disseminando termos racistas em suas aulas, ignorando as manifestações e sentimentos despertados na estudante negra. Em outro relato, uma estudante conta que, ao comunicar o professor que iria perder uma prova, pois participaria de um congresso sobre saúde da população negra, ouviu em resposta que “saúde não tem cor”, que “somos todos iguais” e que “faria uma segunda chamada bem difícil” (Fredrich *et al.*, 2022).

Observa-se, portanto, que os estudantes negros enfrentam obstáculos adicionais em comparação aos obstáculos de seus colegas brancos, incluindo estereótipos negativos, falta de representação e oportunidades desiguais (Fredrich, Coelho e Sanches, 2022). Dessa forma, é necessário que esses estudantes criem estratégias de enfrentamento contra o racismo como forma de permanência na graduação. Uma das estratégias mais evidenciadas é o desenvolvimento de redes de apoio entre pares e o engajamento em movimentos estudantis (Fredrich, Coelho e Sanches, 2022; Fukutani e Sampaio, 2024; Rosa e Facchini, 2022). A formação de redes de apoio é vista como crucial para alunos negros de medicina enfrentarem o racismo dentro do ambiente acadêmico, visto que estas redes oferecem um suporte emocional e psicológico essencial, proporcionando um espaço seguro para compartilhar experiências similares de discriminação racial e social, além de projetar estratégias de enfrentamento do racismo dentro do ambiente acadêmico (Fukutani e Sampaio, 2024). Ao fortalecer essas redes, as instituições de ensino podem contribuir significativamente para a inclusão, a equidade e o bem-estar dos estudantes negros, promovendo um ambiente educacional mais diversificado e acolhedor (Rosa e Facchini, 2022).

Outra estratégia de enfrentamento contra o racismo evidenciada na literatura são as chamadas iniciativas de *advocacy* (Fredrich, Coelho e Sanches, 2022). Elas referem-se a ações deliberadas e organizadas realizadas pelos estudantes negros para promover mudanças institucionais e sociais em resposta ao racismo dentro do ambiente acadêmico de medicina. Essas iniciativas envolvem atividades como campanhas de conscientização sobre diversidade e racismo, organização de eventos educativos, *advocacy* por políticas institucionais mais inclusivas e equitativas, e colaboração com outras entidades estudantis e grupos de interesse para ampliar o impacto de suas ações. O objetivo dessas iniciativas é confrontar o racismo enfrentado pelos estudantes negros, e também transformar a cultura e as estruturas da escola médica promovendo um espaço antirracista (Fredrich, Coelho e Sanches, 2022).

Percebe-se que apesar da relação entre o racismo, falta de representatividade acadêmica e o engajamento nas ocupações estar bem estabelecida, ainda é necessário investigar a relação direta entre a raça e a vivência de alunos negros nos cursos superiores de universidades públicas.

É válido compreender como estudantes negros se sentem em espaços que são minoria. No contexto de Minas Gerais, a UFMG ocupa a terceira posição de melhor universidade pública no Brasil e a quarta na América Latina segundo o Webometrics Ranking of World Universities (primeira edição de 2023). Além disso, possui um número significativo de alunos negros, próximo a porcentagem da população negra do estado. A medicina é um dos cursos mais prestigiados nas universidades brasileiras. Em 2024, a nota de corte do curso, na chamada regular da UFMG, foi de 812,80 na modalidade de ampla concorrência, sendo a maior nota de corte de todos os cursos da universidade (UFMG, 2024). Portanto, um estudo sobre as experiências desses estudantes, nessa instituição e nesse curso, pode auxiliar na compreensão do acesso acadêmico e do pertencimento de estudantes negros no curso de medicina. Novas informações a partir da percepção desses estudantes poderão ser coletadas e analisadas, para melhor compreensão do porquê ainda serem minoria, mesmo após a implementação da Lei de Cotas.

3. METODOLOGIA

3.1. Desenho do estudo

Trata-se de um estudo qualitativo transversal, utilizando-se como método de coleta de dados a entrevista semiestruturada, que é uma ferramenta fundamental na pesquisa qualitativa, especialmente na investigação de temas complexos e sensíveis, como a relação entre raça e o curso de medicina da UFMG. As entrevistas semiestruturadas são caracterizadas por um roteiro prévio de perguntas que guia a entrevista, mas pode ser flexibilizada para que o entrevistador explore respostas e questões emergentes de forma mais aprofundada. Isso permite que a pesquisa se adapte ao contexto e às respostas dos entrevistados, promovendo um diálogo mais rico e permitindo a coleta de dados detalhados e contextuais (Minayo, 2001).

Além disso, Gatti e André (2010) abordam a entrevista semiestruturada como um método de pesquisa qualitativa amplamente utilizado em estudos educacionais e sociais, que oferece a vantagem de que o entrevistador pode adaptar as perguntas durante a conversa, permitindo que novas questões e temas relevantes surjam conforme a dinâmica da entrevista. Esse aspecto é crucial para uma compreensão mais rica e contextualizada das experiências e percepções dos entrevistados, tornando o método eficaz para estudar fenômenos complexos e dinâmicos (Gatti e André, 2010).

Dessa forma, a entrevista semiestruturada é útil para captar percepções, experiências e significados atribuídos pelos participantes aos fenômenos investigados. Ressalta-se que o papel do entrevistador é fundamental para manter a entrevista fluída e assegurar que todas as áreas de interesse da pesquisa sejam abordadas, enquanto permite que o entrevistado se expresse livremente (Minayo, 2001).

3.2. Coleta de dados

A seleção dos participantes foi realizada por meio da amostragem bola de neve, uma estratégia eficaz para atingir populações mais difíceis de identificar e recrutar (Vinuto, 2014). Inicialmente, foram contatados estudantes através de e-mail e redes sociais da Liga Acadêmica de Saúde da População Negra (LASPON), e esses primeiros contatos foram convidados a indicar outros estudantes, ampliando assim o escopo da pesquisa. Aqueles que aceitaram participar das entrevistas foram apresentados ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo I), de acordo com a Resolução nº510/2016 do Conselho Nacional de Saúde

(CNS).

Os participantes foram do curso de medicina da UFMG que, segundo Carvalhaes e Ribeiro (2019), é um dos cursos nacionais com maioria branca. A pesquisadora principal utilizou celular próprio para gravar o áudio das entrevistas, gravado em formato Mp3 nas entrevistas presenciais, e o uso e gravação de áudio através da plataforma Google Teams para as entrevistas online. Além disso, foram realizadas anotações que a pesquisadora julgou pertinentes ao longo da coleta.

Inicialmente foi aplicado um pequeno formulário online, pelo Google Forms, para traçar o perfil dos estudantes, contendo as seguintes perguntas: (1) Qual seu gênero? (2) Qual a sua idade? (3) Qual seu estado civil? (4) Qual a sua renda/renda da sua família? (5) Você trabalha? Se sim, qual sua renda? Se não, quem é o principal provedor da sua família? (6) Onde você nasceu? (7) Onde mora atualmente? As entrevistas tiveram duração de 30 a 60 minutos, realizadas em horário pré-definido junto aos participantes, no espaço da UFMG, Campus Pampulha, e via encontros online, preconizando maior conforto e disponibilidade dos participantes. Todas as entrevistas foram gravadas, com consentimento prévio.

As entrevistas seguiram um roteiro com oito perguntas abertas, divididas em três categorias principais: experiências pessoais relacionadas ao curso de medicina, percepção das políticas de acesso e inclusão da UFMG e os impactos dessas experiências na formação acadêmica de estudantes negros da medicina da UFMG. As perguntas foram:

- 1) Como você escolheu seu curso superior?
- 2) O que você considera que fez a diferença na sua história de vida, para você querer e conseguir entrar no curso de Medicina?
- 3) As políticas de ações afirmativas te ajudaram a entrar na universidade?
- 4) As políticas de ações afirmativas te ajudam a manter-se na universidade?
- 5) O que contribui para que você se sinta bem na universidade?
- 6) Existe algum impacto negativo na sua vivência na universidade?
- 7) Como são as suas relações pessoais dentro da universidade (com colegas, professores e funcionários)?
- 8) Como você circula e se sente nos ambientes da universidade?
- 9) Você acha que a sua cor tem algum impacto (positivo ou negativo) no seu processo acadêmico?

As entrevistas foram transcritas para análise com auxílio do programa *Whisper*. Após a transcrição, os documentos em texto foram enviados a cada um dos entrevistados para

possibilitar a revisão e validação do conteúdo. O objetivo dessa etapa foi garantir que as informações registradas correspondessem com precisão às suas falas, respeitando o contexto e a intenção original das respostas fornecidas durante as entrevistas. Os entrevistados foram convidados a revisar o material, indicando se havia algum aspecto a ser corrigido, alterado, removido ou complementado.

3.3 População do estudo

A pesquisa foi realizada com estudantes negros do curso de medicina da UFMG, que já tinham cursado pelo menos dois semestres do curso. Os critérios de inclusão foram: 1) estar regularmente matriculado no curso de medicina da UFMG a pelo menos um ano 2) ter entrado na universidade por meio de política de ação afirmativa para negros. O critério de exclusão foi estudantes que apresentassem dificuldades cognitivas que compromettesse a capacidade de responder às perguntas.

3.4. Riscos e benefícios

Os benefícios da pesquisa foram: contribuir para melhor entendimento da vivência de estudantes negros do curso de medicina da UFMG; proporcionar um espaço de reflexão sobre seu cotidiano, suas próprias escolhas e a influência da raça sob isso; compreender, de forma pontual, qual o impacto da política de ações afirmativas dentro do curso de medicina da UFMG. Já os riscos será a possibilidade de suscitar lembranças e sentimentos negativos, devido ao teor das perguntas a serem realizadas. Nesses casos, foi realizado acolhimento por parte da pesquisadora e o participante poderá interromper a entrevista a qualquer momento, podendo retomá-la, se desejar, em outro dia e horário.

3.5. Aspectos éticos

O estudo atendeu as orientações do Regimento 511/2016 do Conselho Nacional de Saúde que regulamenta as pesquisas humanas no campo da saúde e teve a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais e registrado no número CAAE: 78900924.4.0000.5149 (Anexo IV). Todos os participantes desse estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (Anexo I) para que houvesse a obtenção das informações. Foi considerada a observância e o respeito às diretrizes do regimento interno da UFMG e do Curso

de Pós-Graduação em Estudos da Ocupação.

Os participantes foram informados sobre os riscos e benefícios dessa pesquisa. Nesse sentido, foi explicitado que a qualquer momento poderia ser solicitado a interrupção da gravação ou a exclusão de quaisquer respostas com as quais não se sentissem confortáveis. Também foi esclarecido que os participantes desenvolviam uma ação voluntária na pesquisa, sem haver obrigatoriedade em responder as questões trazidas na entrevista e sem gerar ônus financeiro para si e/ou aos pesquisadores. As entrevistas foram gravadas em MP3 em aplicativo do aparelho celular do pesquisador e foram transcritas na íntegra pelo próprio pesquisador e, tanto os áudios como as narrativas transcritas, serão mantidos em sigilo guardados por 5 anos, na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO) da Universidade Federal de Minas Gerais, no gabinete 3131.

Foram utilizados pseudônimos no lugar dos nomes verdadeiros dos participantes para preservar suas identidades e manter a confidencialidade dos dados, e a transcrição das entrevistas foram enviadas à eles para revisão. A revisão dos participantes é uma prática importante dentro do processo de pesquisa qualitativa, pois permite aumentar a confiabilidade dos dados coletados, ao mesmo tempo em que respeita a voz e a perspectiva dos próprios entrevistados. A validação das transcrições também contribui para a transparência e para a ética da pesquisa, promovendo um ambiente de colaboração entre pesquisador e participante.

3.6. Análise dos dados

A análise dos dados foi realizada através do uso da Análise Temática que é uma abordagem flexível e sistemática para identificar, analisar e relatar padrões (temas) dentro dos dados qualitativos (Braun e Clark, 2006). Essa metodologia se destaca pela sua capacidade de adaptar-se a diferentes contextos de pesquisa, e permitindo uma exploração profunda das experiências subjetivas dos indivíduos. Ademais, contribui para uma compreensão mais abrangente das vivências e realidades, levando em consideração as diversas dimensões sociais e culturais que moldam essas experiências (Braun e Clark, 2006).

O processo de Análise Temática envolve várias etapas, que começam com a familiarização com os dados, seguida da codificação inicial e da construção de temas significativos. Cada uma dessas etapas requer uma atenção cuidadosa e crítica, a fim de garantir que os dados sejam interpretados de forma reflexiva e significativa (Braun e Clark, 2006). Além disso, essa abordagem permite ao pesquisador se engajar ativamente com os dados, promovendo uma análise que não é apenas descritiva, mas que também explora as relações

entre os temas identificados e os contextos mais amplos em que os indivíduos estão inseridos (Terry *et al.*, 2017).

Outro aspecto importante da Análise Temática é a consideração do papel do pesquisador na interpretação dos dados. Essa reflexão é fundamental para reconhecer como as experiências pessoais e as perspectivas do pesquisador podem influenciar a análise e, conseqüentemente, as conclusões tiradas. Essa atenção à reflexividade é um aspecto ético essencial na pesquisa qualitativa (Terry *et al.*, 2017). Ao utilizar essa abordagem, os pesquisadores podem contribuir para o avanço do conhecimento na área, ao mesmo tempo em que promovem um entendimento mais profundo das dinâmicas que influenciam a saúde e o bem-estar dos indivíduos em contextos de terapia ocupacional.

Dessa forma, utilizou-se a análise temática indutiva para a interpretação dos dados seguindo as seguintes etapas: transcrição e leitura; codificação de características interessantes dos dados de forma sistemática em todo o conjunto de notas (unidades de contexto); busca por temas por meio de códigos de agrupamento (unidades de registro); revisão de temas em que verifica-se a correspondência entre os extratos codificados (categorias de análise); análise em curso para aperfeiçoar as especificidades de cada tema (categorias temáticas); e, por fim, análise final dos trechos selecionados relacionados às questões da pesquisa e à literatura, produzindo, por fim, um relatório da análise (Braun e Clark, 2006).

Essas etapas de validação e revisão dos dados podem ser visualizadas nas tabelas em anexo, que sintetizam o processo de análise. O Quadro nº 1 (Anexo II) apresenta as unidades de contexto e as unidades de registro para cada pergunta formulada durante as entrevistas, facilitando a compreensão das informações coletadas em cada resposta. O Quadro nº 2 (Anexo III) organiza as categorias de análise, que foram divididas de acordo com as questões específicas abordadas, permitindo uma visão estruturada da codificação dos dados. Por fim, o Quadro nº 3 ilustra abaixo as seis categorias temáticas identificadas, agrupando os principais temas emergentes da análise das respostas dos participantes.

Quadro nº 3 - Categorias temáticas

CATEGORIA DE ANÁLISE	CATEGORIA TEMÁTICA
[Q1] Realidades distantes e impossibilidade	(1) O ingresso no curso de Medicina: da percepção de impossibilidade ao projeto de vida
[Q2] Graduação como realidade distante;	
[Q1] Medicina como algo distante	
[Q1] Romantização/vocação	

[Q1] Apoio financeiro em casa e projeto de vida	
[Q2] Apoio familiar: valorização da educação e suporte financeiro;	(2) O diferencial para a entrada no curso de medicina: experiências prévias, capital cultural, Ensino Médio de qualidade e apoio familiar
[Q1] Experiências prévias	
[Q2] Experiências prévias de graduação e trabalho;	
[Q2] Ensino Médio de qualidade: instituições de qualidade e incentivo de professores;	
[Q2] Interesse e busca pessoal	
[Q3] Política de ação afirmativa como essencial para a entrada no Ensino Superior	(3) Políticas de ação afirmativa e políticas de assistência estudantil: ações efetivas para o ingresso e desafios para a permanência na universidade
[Q4] Políticas de ação afirmativa impactam na permanência	
[Q3] Diversidade no perfil dos estudantes e desigualdades na educação	
[Q4] Políticas de ação afirmativa não impactam na permanência	
[Q6] Políticas ineficientes	
[Q3] Entrar x manter	
[Q4] Política de assistência estudantil da UFMG: Fundação Universitária Mendes Pimentel (FUMP)	
[Q5] Fundação Universitária Mendes Pimentel (FUMP)	(3.1) Impacto do curso de Medicina na saúde mental: importância de redes de apoio
[Q5] Apoio familiar: essencial para manutenção	
[Q5] Rede de apoio: familiares	
[Q5] Rede de apoio: amigos e colegas	
[Q5] Espaços seguros: ligas acadêmicas, projetos de extensão, atléticas e movimentos estudantis	
[Q5] Religião	
[Q5] Saúde mental e terapia	
[Q6] Impacto do curso na saúde mental	
[Q7] Criação de laços com os pares	
[Q4] Trabalho e financeiro como dificultadores para manutenção	(3.2) A estrutura curricular do curso: conciliação entre estudos, trabalho e mobilidade urbana
[Q6] Carga horária: conciliação entre estudos, trabalho e mobilidade urbana	
[Q8] Trabalho x lazer	

[Q9] Trabalho como maior impacto	
[Q8] Campus Pampulha	(4) Circulação e apropriação do espaço da Universidade
[Q8] Campus Saúde	
[Q8] Circulação nos espaços da UFMG	
[Q8] Medicina: como circular para além desses espaços e das pessoas	
[Q8] Festas, eventos e lazer: além do espaço físico da UFMG	
[Q6] Realidades diferentes: comparação e não identificação com os colegas	(5) Realidades diferentes: comparação e não identificação com os colegas e professores
[Q7] Realidades diferentes: comparação e não identificação com os colegas	
[Q8] Sensação de não pertencimento	
[Q6] Relações dentro do curso: professores e colegas	
[Q7] Influência da idade e diversidade	
[Q7] Relações colaborativas	
[Q7] Funcionários: relação tranquila	
[Q7] A individualidade e competitividade da Medicina	
[Q7] Professores: alta cobrança, aulas e comentários preconceituosos	
[Q6] Racismo velado	(6) O racismo e as estratégias de enfrentamento: redes de apoio e perspectivas para o futuro
[Q9] Facilidades por ser branco	
[Q9] Preconceito, racismo e julgamento	
[Q9] Estratégias de enfrentamento ao racismo: redes de apoio e perspectivas para o futuro	
[Q9] Não impacta, ou impacta pouco o processo acadêmico	

[Q9] Impacta o processo acadêmico	
[Q9] Impacto do racismo na saúde mental	

Todos os quadros servem como uma referência visual para apoiar a compreensão das etapas de análise e a organização dos dados, oferecendo maior clareza sobre os critérios utilizados na codificação e na interpretação das informações obtidas nas entrevistas. Junto às seis categorias elencadas, que emergiram das narrativas dos estudantes, também foi descrita a caracterização sociodemográfica dos participantes. Estes temas serão tratados na seção de resultados e discussão que se segue.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. Caracterização sociodemográfica dos participantes:

Foram entrevistados sete participantes, seis do gênero masculino e uma do gênero feminino, de idade entre 20 e 29 anos de idade, conforme ilustrado nos gráficos 1 e 2.

Gráfico 1 - Gênero dos participantes

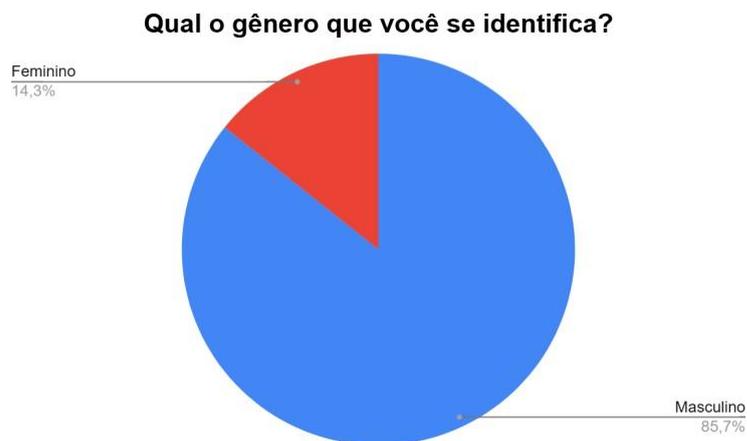
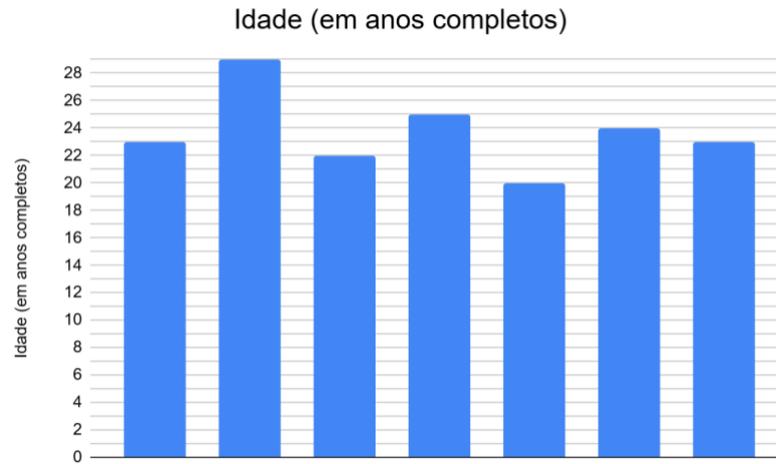


Gráfico 2 - Idade dos participantes

Cinco dos sete participantes residem em Belo Horizonte, um em Ribeirão das Neves e um em Contagem, sendo que, dois são naturais de Belo Horizonte, um de Contagem, um de Taboão da Serra (São Paulo), um de Pindaí (Bahia), um de Salvador (Bahia) e um de Caetité (Bahia), conforme descrito nos gráficos abaixo:

Gráfico 3 - Cidade em que os participantes residem

Gráfico 4 - Cidade em que os participantes nasceram



Três participantes possuem uma renda mensal familiar entre 1 e 2 salários mínimos, um entre 2 e 4 salários mínimos, um entre 4 e 6 salários mínimos, um entre 6 e 8 salários mínimos e um recebe menos de um salário mínimo (Gráfico 5). Nenhum dos participantes é o principal provedor da sua família, sendo que quatro trabalham em serviços como *freelancers*, dois como bartenders, um como professor particular, um como vendedor de brigadeiros e um como auxiliar de serviços de uma escola; dois não possuem trabalho. Por fim, três dos entrevistados moram na Moradia Universitária da UFMG, três residem com familiares em Belo Horizonte e região, e um reside em república.

Gráfico 5 - Renda familiar dos participantes



Ao comparar os dados da demografia dos estudantes de medicina descritos por Scheffer *et al.* (2023) e o perfil dos participantes da pesquisa, observa-se que a faixa etária dos participantes da pesquisa (20 a 29 anos) é similar a média de idade de ingresso em torno de 21 anos. Em termos de diversidade, os dados de Scheffer *et al.* (2023) indicam um aumento na presença de alunos negros, que passou de 1.483 em 2010 para 9.326 em 2019, destacando avanços na inclusão racial, embora ainda predomine a maioria branca (69,7% em 2019). Além disso, os estudantes desse curso são, em média, seis vezes mais ricos que a população geral, e 14% provindo de famílias com rendimentos superiores a 30 salários mínimos (Ristoff, 2014). No presente estudo, os dados socioeconômicos refletem maior vulnerabilidade: a maioria dos entrevistados possui renda familiar de até 2 salários mínimos e vive em moradia universitária ou com familiares, contrastando com a média socioeconômica de estudantes de medicina. Portanto, é necessário apontar as diferenças na origem e nas condições de vida dos estudantes, analisando como foi construído seu caminho para acessar o curso de medicina, e se manter nele ao longo dos anos.

4.2. O ingresso no curso de Medicina: da percepção de impossibilidade ao projeto de vida

Levando em conta o perfil sociodemográfico dos estudantes deste estudo e suas diferenças em relação ao perfil geral dos estudantes de medicina, a primeira pergunta foi: "como você escolheu seu curso superior?", com o objetivo de entender melhor a tomada de decisão para a inserção nessa graduação e expectativas em relação ao curso.

Os relatos evidenciaram como essa escolha não está atrelada a uma vivência naturalizada desta possibilidade, mas sim, uma análise, ao passar dos anos da adolescência, sobre os benefícios tanto no lado da possibilidade de auxiliar o próximo, quanto no sentido de reconhecimento e validação. O estudante G., por exemplo, declarou:

(...) eu nunca tive nenhuma história dessas românticas como o pessoal às vezes tem da medicina, do tipo: "ah eu escolhi a medicina porque uma avó, minha avó teve uma iluminação divina...", não teve nada disso não. Lá em casa eu sou a primeira pessoa a ingressar numa universidade, seja pública, seja particular, então para mim sempre foi muito claro que eu queria chegar nesses lugares para abrir portas para quem vier depois de mim lá em casa sabe, para mostrar que se eu estou chegando todo mundo também consegue chegar (...) (Estudante G.).

Outra estudante, B., relata que foi criada para realizar um curso superior, mas que a medicina surgiu aos poucos em sua vida. Ela relatou:

Pra mim, eu acho que da minha criação, não existia pra mim muita possibilidade de não fazer um curso superior (...) e a partir disso eu não fui muito aquela criança que queria medicina, que achava incrível, aquela questão do cuidar. Realmente eu vi, foi do dia pra noite, eu falei: quero fazer medicina. E aí eu me aprofundi naquilo e aí fui vir na grade de alguns cursos, de alguns federais. Fui pensando também o que faria sentido pra mim. Eu gosto muito das ciências humanas, mas pra mim um curso só de humanas eu achava muito abstrato. Quando eu pensei nas biológicas, na medicina, nos cursos de saúde, eu pensei numa forma de articular e discutir algumas coisas sociais, mas lidar diretamente com pessoas. E aí comecei a pensar também sobre a questão biomecânica, fisiopatológica, que foi quando fez sentido pra mim (...) A partir daí eu decidi, foi ótimo, mas não teve tanto aquele fascínio, sabe? Aquela coisa de criança e de ser incrível, de pensar isso por muito tempo não. Foi no segundo ano do Ensino Médio, falei vou fazer medicina, me aprofundi naquilo, fui ler, pesquisar e decidi. (Estudante B.).

Alguns entrevistados destacaram que, para eles, a medicina representava uma realidade distante e, em muitos casos, quase inatingível. Eles frequentemente enfatizaram que, em seus círculos sociais, não havia nenhum exemplo próximo de alguém que tivesse ingressado ou se formado em Medicina, que não havia modelos familiares a seguir, como ocorre em muitos casos de filhos ou netos de médicos que optam pelo curso. Isso reforçava a percepção de que essa profissão era algo reservado a um grupo muito restrito e privilegiado, como C. relata:

Pensando nisso de decidir querer medicina, foi algo que eu acho que eu sempre soube, mas eu nunca de verdade, assim, genuinamente falei “ah, realmente vou querer isso”. Porque naquele momento era um curso muito distante para mim, por não conhecer ninguém que fizesse medicina, então era algo muito distante da minha realidade (...) Eu não gostava nem de falar que eu queria fazer medicina porque sempre tem um pensamento por trás, porque é um curso muito privilegiado e tal, e era distante da minha realidade, e saber disso não me reconfortava. Era algo que me deixava mais angustiado porque eu vi que muita gente queria e que, sei lá, era mais impossível do que possível. (Estudante C.).

Os relatos também demonstram que, embora a vocação para a profissão e o desejo de “ajudar o próximo” sejam fatores importantes, a perspectiva de um futuro financeiramente estável desempenha um papel crucial para a escolha da medicina. Muitos participantes relataram que, em suas cidades e entre os próprios familiares, a medicina é vista como uma profissão de prestígio e segurança econômica. Um dos entrevistados, que já tinha uma formação e um trabalho anterior, conta como foi a reação de sua família, ao contar que iria cursar a medicina:

Então, eu esperei uma confirmação para poder contar e aí eu cheguei primeiro contando que eu ia fazer outra faculdade, que eu ia largar o emprego e tudo, aí todo mundo levou um susto, né? E na hora que eu falei que era medicina, a reação mudou um pouquinho, aí eu acho que eles deram uma animada, desde então, tem sido assim. Isso foi muito mais tranquilo do que talvez eu imaginei que ia ser assim, então foi super bom. Muito bom. (Estudante A.).

Além disso, os entrevistados explicitaram uma dualidade de aspirações — tanto financeiras quanto sociais — como um aspecto significativo da escolha do curso de Medicina. Ao considerar suas opções de carreira, muitos estudantes sentiram-se pressionados a escolher um caminho que garantisse não apenas o sustento pessoal, mas também uma melhor qualidade de vida para suas famílias. Essa pressão econômica é particularmente pertinente em um cenário de desigualdade social e racial, onde as chances de ascensão profissional e financeira são reduzidas (Silva, 2020). Os estudantes ressaltaram também a importância da representatividade. Muitos expressaram o desejo de atuar como modelos para outras pessoas negras em suas comunidades, contribuindo para a quebra de estereótipos e promovendo mudanças sociais. Os participantes enxergam suas carreiras como uma forma de garantir um futuro melhor para si mesmos, mas, principalmente, como uma oportunidade de impactar positivamente suas comunidades. O estudante D. é um dos entrevistados que mais destacou a questão financeira quando afirmou que:

Aí nesse ano de 2019 que trabalhei no hospital minha mãe ficou desempregada e eu comecei a pensar sobre como ajudar em casa, fiquei pensando no que poderia ser melhor para o meu projeto de vida, eu vi que a medicina daria, sabe? (Estudante D.).

Portanto, a escolha do curso de Medicina pelos estudantes negros da UFMG que participaram da pesquisa é uma decisão complexa, influenciada por fatores econômicos, sociais e estruturais. A perspectiva de ganho financeiro é uma motivação legítima e relevante, que deve ser considerada em conjunto com as barreiras enfrentadas e as aspirações de representatividade. A crítica à meritocracia, portanto amplia a discussão sobre a inclusão no ensino superior e reforça a importância de políticas que abordem as desigualdades estruturais presentes na sociedade.

4.3. O diferencial para o ingresso no curso de medicina: experiências prévias, capital cultural, Ensino Médio de qualidade e apoio familiar

A partir das experiências evocadas pelos participantes na primeira pergunta, a inclusão da pergunta “o que você considera que fez a diferença na sua história de vida, para você querer e conseguir entrar no curso de Medicina?”, visou o aprofundamento da temática da decisão pela graduação de medicina, com foco no que foi o diferencial para seu interesse e inserção no curso.

Nos relatos foi evidenciado, principalmente, a influência das experiências prévias de trabalho e graduação, do capital cultural, da vivência de cursar o Ensino Médio em Instituições

Federais, e a importância do apoio familiar. Dois dos entrevistados afirmaram que suas experiências prévias no mercado de trabalho, juntamente com a realização de outras graduações, tanto em instituições privadas quanto públicas, foram fatores decisivos para a sua entrada no curso de Medicina. Segundo eles, essas vivências acadêmicas e profissionais proporcionaram um primeiro contato com a possibilidade de cursar a Medicina, o que facilitou o processo de ingresso e adaptação ao novo curso. Eles relatam que:

(...) o contexto específico da medicina, eu entrei após ter concluído uma graduação e ter tido experiência profissional, inclusive no ramo da educação, quando dei aulas particulares para estudantes do Ensino Médio. Isso consolidou os aprendizados da graduação já concluída (...) (Estudante A.).

(...) comecei o curso de Biologia. E também consegui uma boa formação na graduação. Tentei novamente uma bolsa por uma prova em outro pré vestibular, aí já a nível de graduação, e fiz um pré vestibular e consegui novamente fazer o ENEM e passar no Ensino Superior. (Estudante G.).

Além disso, a trajetória educacional de jovens negros no Brasil é fortemente influenciada por fatores sociais e históricos que perpetuam desigualdades. Entre esses fatores, o capital cultural desempenha um papel significativo na formação acadêmica dos estudantes. O capital cultural, conceito desenvolvido por Pierre Bourdieu (1977), refere-se ao conjunto de conhecimentos, habilidades e comportamentos adquiridos por meio da socialização familiar e escolar. Davies e Rizk (2018), irão apontar que houve uma evolução, desde a proposição inicial de Bourdieu, do conceito de capital cultural. Ao realizar a pesquisa pelo sistema educacional nos Estados Unidos, os autores identificam três gerações de pesquisadores, cada uma atribuindo diferentes significados ao conceito. A primeira geração, ativa nas décadas de 1970 e 1980, enalteceu a criação do conceito de capital cultural como uma ferramenta explicativa para a estratificação educacional, associando-o às desigualdades nos resultados escolares e ampliando

a análise para o tema da mobilidade social (Davies e Rizk, 2018). A segunda geração, que atuou entre o final dos anos 1980 e o início dos anos 2000, aplicou o conceito de maneiras variadas, tanto em estudos quantitativos quanto qualitativos, compreendendo as vantagens culturais como o envolvimento em práticas associadas à alta cultura (como visitas a museus, concertos, bibliotecas e galerias de arte), considerando-as como formas de acesso ao sucesso acadêmico e social. Já a terceira geração, em atuação a partir dos anos 2000, questiona a centralidade da alta cultura nas explicações sobre o desempenho escolar, argumentando que, nas sociedades contemporâneas, novas formas de produção cultural (como os meios de comunicação de massa e o multiculturalismo) e novos modelos parentais de gestão escolar (estratégias educacionais mais sofisticadas e maior senso de investimento na educação) também têm um papel significativo no sucesso escolar, para além da simples posse da cultura considerada legítima (Davies e Rizk, 2018).

No caso dos estudantes entrevistados, esse capital cultural foi posto como o diferencial para seu acesso à universidade, principalmente ao considerar-se o investimento dos pais na educação, e a convivência em novos espaços de socialização, através da entrada em instituições de nível federal, que permitiram um contato maior não só com novas produções culturais, mas também com pessoas que vivenciavam realidades diferentes das que os jovens estavam. Nesse contexto, três entrevistados cursaram o Ensino Médio a nível federal e outros dois falam que frequentaram escolas estaduais que eram referências em seus bairros.

A Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, é um marco na educação profissional e tecnológica no Brasil, criando os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs) com o objetivo de expandir e democratizar o acesso à educação de qualidade, especialmente em regiões periféricas e carentes. A legislação visa integrar ensino, pesquisa e extensão, promovendo uma formação técnica e acadêmica de alto nível que atenda às necessidades do mercado de trabalho e ao desenvolvimento regional. Além disso, busca oferecer uma educação crítica e transformadora, fortalecendo a relação entre a formação profissional e as demandas econômicas e sociais do país (Brasil, 2008).

Por isso, os IFs têm se destacado como uma estratégia fundamental para reduzir a desigualdade educacional no Brasil, e têm obtido resultados significativos em avaliações nacionais e internacionais, como o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) e o Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA), mostrando um desempenho superior ao de muitas escolas privadas (Nogueira, Aguiar e Gisi, 2023). Além disso, os IFs se caracterizam por uma proposta educacional que vai além da formação técnica, promovendo também a educação cidadã e crítica, o que contribui para a formação de indivíduos mais

preparados para a atuação social e política. Ao integrar o ensino técnico ao desenvolvimento intelectual mais amplo, os IFs buscam combater a segregação educacional, possibilitando maior inclusão e acesso à educação de qualidade, especialmente para populações em áreas mais remotas do país (Nogueira, Aguiar e Gisi, 2023).

Essa análise confirma a importância dos Institutos Federais não apenas como centros de excelência técnica, mas como motores de transformação social e regional, que contribuem significativamente para a redução das desigualdades educacionais no Brasil. Quando acessados por jovens negros, esses espaços educacionais podem funcionar como uma plataforma para a ascensão social, criando oportunidades para que esses estudantes concorram em condições mais igualitárias com outros grupos no processo seletivo para o Ensino Superior. Muitos deles relatam a mudança de uma escola pública municipal/estadual para uma escola federal como um “divisor de águas” dentro do seu processo educacional. O estudante C. conta que:

(...) eu acho que um ponto central na minha vida foi ter entrado no Instituto Federal, porque eu sempre estudei em escola pública, aí durante, do Ensino Fundamental pro Ensino Médio eu passei no Instituto Federal e eu estudei lá. Acho que foi um ambiente onde eu tive muito acesso a muita coisa que eu não teria em uma escola estadual, eu tive incentivo a estudar mais ainda, eu tive professores que me promoveram muito questionamento crítico da realidade que eu vivia e sobre as minhas vivências. (Estudante C.).

Além disso, A. e G. destacam também a importância do Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET):

(...) bem como meus aprendizados no ensino médio, que também concluí em uma instituição federal (CEFET) e que certamente contribuiu pra uma formação muito diferenciada, quando comparado a outras escolas públicas. (Estudante A.).

Eu consegui com meu boletim ganhar vaga em um preparatório pra escola de nível médio técnico federal, e consegui uma vaga no CEFET, que é uma escola de nível médio técnico federal, que tem um ensino muito bom. E aí essa escola me fez ter uma boa formação no Ensino Médio, e aí com essa formação eu consegui me sair bem no ENEM e comecei o curso de Biologia. (Estudante G.).

Junto ao acesso ao Ensino Médio Federal, o apoio e incentivo familiar surgiu como um elemento fundamental para o sucesso acadêmico desses jovens, especialmente quando se trata de priorizar a educação em detrimento da inserção precoce no mercado de trabalho. Eles

disseram que:

Eu acho que o que fez a diferença pra mim foi realmente que eu tinha um suporte familiar, e também financeiro, sabe? Pra tanto não precisar trabalhar durante a minha preparação, e eu tive também um suporte emocional muito grande da minha família. (Estudante B.).

Assim, pensando sobre a retrospectiva da minha vida até agora e olhando pros meus primos, meus tios, pra minha família assim em si, eu acho que o que fez a diferença foi os meus pais abdicarem das coisas que eu precisava fazer, tipo, igual meus primos precisaram fazer para sobreviver, e a minha coisa seria só educação. Então sempre foi uma frase lá em casa que: “deixa as coisas sem fazer mais cuida das coisas da escola”. Então nunca tive essa pressão de precisar trabalhar ou de ter que sustentar você mesmo ou sua família, nada. (Estudante E.).

Mas na minha formação mesmo a minha mãe acho que foi o pilar essencial pra eu poder ter o interesse também de buscar Ensino Superior, ver que de fato vale a pena ingressar numa carreira acadêmica e tudo mais. Porque a minha mãe sempre falou que ela sempre teve muita vontade de estudar, só que infelizmente ela não pode porque ela teve que sair de casa com 14 anos porque teve que trabalhar em casa de família. Ai sabe aquele tipo de empregada doméstica que dorme no local? Então, ela com 14 anos ela saiu da casa dos pais, dos meus avós, e foi morar com a senhora lá e ficou, acabou depois constituindo família e tudo mais. Aí por conta disso acabou não conseguindo fazer o que ela gostaria de ter feito (...) E eu acho que assim, como ela tinha vontade mas não teve a oportunidade né, ela me passou muito essa influência. Então assim, na minha cabeça faz sentido ser isso, sabe? Ela nunca falou tipo: “ai estude porque eu não tive a oportunidade de estudar”. Não, pra ela sempre foi algo mais do tipo: “não, você tem que estudar sim, mesmo que criança não goste muito de estudar”. (Estudante F.).

Para muitos desses jovens, especialmente os de classes sociais mais baixas, a pressão para contribuir financeiramente com a família pode ser um obstáculo significativo, visto que muitas vezes, diante de condições socioeconômicas desfavoráveis e adversas, os adolescentes são incentivados a ingressar no mercado de trabalho cedo, o que compromete seu desempenho escolar e, conseqüentemente, suas perspectivas de acesso à educação superior.

Na literatura sobre o tema, diversas hipóteses explicativas são levantadas para justificar o fato de que o trabalho, em geral, tende a aumentar as chances de evasão escolar. Ferreira e Oliveira (2020) dizem que para muitos estudantes o sonho de continuar os estudos se torna inviável, e a conciliação entre trabalho e educação é um desafio significativo. Muitos, sem perspectivas de um futuro melhor, acabam abandonando a escola, pois não percebem o valor da educação nesse processo. Além disso, a evasão escolar e a pobreza estão fortemente interligadas, já que são as condições socioeconômicas adversas e a falta de esperança que

acarretam o ingresso precoce no mercado de trabalho (Ferreira e Oliveira 2020).

Sousa e Alberto (2008) ao investigar as consequências do trabalho precoce no desenvolvimento escolar e social de jovens, corroboram com as autoras supracitadas, e afirmam que essa inserção precoce no mercado de trabalho é prejudicial ao desempenho escolar, gerando desinteresse pelos estudos, dificuldades de aprendizagem e até abandono dos estudos. Além disso, o trabalho infantil interfere no desenvolvimento psicossocial, já que muitas vezes essas crianças e adolescentes assumem responsabilidades de adultos, deixando de vivenciar aspectos típicos de sua infância e adolescência. A pesquisa destaca que, embora o trabalho infantil seja frequentemente visto como uma necessidade econômica, ele acaba perpetuando a desigualdade social, pois limita o acesso à educação de qualidade, comprometendo o futuro desses jovens (Sousa e Alberto, 2008).

Contudo, Salata (2019), diz em seu estudo que a explicação mais comumente encontrada, que sugere que trabalhos com carga horária mais extensa consomem tempo e energia que poderiam ser destinados a atividades escolares, não pode ser afirmada. O autor diz que devemos observar, principalmente, como o apoio e motivação familiar serão essenciais para a continuidade nos estudos, determinando a evasão, ou não, de jovens da educação formal (Salata, 2019).

Nesse sentido, Mendes (2013) ressalta a importância da motivação no processo de aprendizagem e na permanência dos alunos no Ensino Médio, um tema que pode ser diretamente relacionado com o impacto do trabalho precoce na escolarização, conforme discutido por Sousa e Alberto (2008). A falta de motivação é visto como um dos principais fatores que levam à evasão escolar, especialmente em contextos de desigualdade social, onde a sobrecarga de tarefas atribuídas às crianças e adolescentes contribui para o desinteresse pelo ambiente escolar, dificultando o engajamento com as atividades pedagógicas e, conseqüentemente, a permanência na escola (Mendes, 2013). A baixa motivação, por sua vez, é amplificada pela percepção de que o sistema educacional não oferece alternativas significativas para a superação das condições de vulnerabilidade, o que reforça a relação entre os fatores socioeconômicos, o trabalho precoce e o abandono escolar (Mendes 2013).

No presente estudo, o suporte familiar e de professores, que valorizam a educação e garantem que o jovem se dedique integralmente aos estudos, foi considerado como um fator de proteção e fortalecimento pelos entrevistados, e a visão da educação como prioridade e uma oferta de qualidade do ensino, apesar das dificuldades econômicas, foi posta como um dos pilares mais importantes para a entrada no ensino superior e a transformação das realidades sociais para esses estudantes.

4.4. Políticas de ação afirmativa e políticas de assistência estudantil: ações efetivas para o ingresso e desafios para a permanência na universidade

Em relação à pergunta “as políticas de ações afirmativas te ajudaram a entrar na universidade?” todos os entrevistados mencionaram que sem essas políticas não teriam adentrado ao Ensino Superior. Com o aumento expressivo de vagas para negros e indígenas nas universidades federais, de 13.392 para 43.613 entre 2012 e 2014 (Daflon, Feres Júnior e Moratelli, 2014), e o crescimento do número de jovens com graduação completa entre 2011 e 2019 (Honorato e Zuccarelli, 2021), se torna visível o impacto positivo das ações afirmativas na inclusão educacional. Ambos os dados - o aumento das vagas e as declarações dos estudantes - ressaltam a importância dessas políticas para superar barreiras históricas e proporcionar o acesso à educação superior para estudantes de grupos raciais e sociais marginalizados.

Essa ampliação de oportunidades é refletida nas declarações dos entrevistados da pesquisa. C. comenta que: “eu só consegui entrar na UFMG por conta das políticas, porque é um fator que a gente, tendo o ensino muito secundarizado, a gente não tem incentivo”. F., ao ouvir a pergunta, ressalta que: “(...) definitivamente, porque se não fossem as políticas afirmativas, eu não estaria aqui”. A. também comenta que “hoje em dia você já vê uma diversidade muito maior na universidade, né? De racial, social e tudo, então com certeza isso mudou muito o perfil e contribuiu pra minha entrada também.” D. ainda afirma que: “entrar ajuda, manter já é mais complicado (risos). Mas com certeza a ação afirmativa foi muito importante para que eu conseguisse pensar na possibilidade da medicina”. G. comenta também que a política ajuda a entrar, mas que: “para permanência já são outros 500 (...)”.

Então, a pergunta “as políticas de ações afirmativas te ajudam a manter-se na universidade?”, foi realizada para avaliar se existe uma continuidade da política de ação afirmativa, para além do acesso ao Ensino Superior. Nesse ponto, a maioria dos entrevistados mencionaram a política de permanência estudantil da UFMG, a Fundação Universitária Mendes Pimentel (FUMP), como essencial para manutenção no curso, após a entrada no curso. Com isso, suscitou-se a reflexão acerca da diferença entre políticas de ação afirmativa e políticas de assistência e permanência estudantil.

A FUMP é uma instituição pública de direito privado, sem fins lucrativos, que executa a Política de Assistência e Permanência Estudantil da UFMG, elaborada pela Pró Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE). As pessoas atendidas pela FUMP são, prioritariamente, alunos da UFMG em situação de vulnerabilidade econômica, risco social e cultural. A Fundação desenvolve Programas de Assistência Estudantil com o objetivo de ampliar e facilitar o acesso

à alimentação, saúde, moradia, transporte, aquisição de material e outros auxílios que garantam aos estudantes um desempenho acadêmico satisfatório, reduzindo, conseqüentemente, a evasão na Universidade (Fundação Universitária Mendes Pimentel, 2024).

Essa Fundação é pautada na Política Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), instituída em 2005, que foi configurada como a Lei Nº 14.914, de 3 de julho de 2024 (Brasil, 2024). Essa lei, apesar de recente, representa um avanço significativo na promoção da inclusão e permanência de estudantes de instituições de ensino superior no Brasil, especialmente aqueles em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Compreendendo a assistência estudantil como um conjunto de ações integradas que visa garantir condições adequadas para a formação acadêmica, a PNAES abrange programas de apoio financeiro, como bolsas de estudo e auxílios, além de serviços de orientação psicológica, moradia e alimentação. O principal objetivo da política é reduzir a evasão escolar, proporcionando um ambiente mais equitativo e favorável ao aprendizado. Ao enfatizar a importância da permanência e do suporte integral ao estudante, a PNAES busca não apenas aumentar o acesso ao ensino superior, mas também assegurar que a formação acadêmica seja efetiva e inclusiva, refletindo a diversidade da sociedade brasileira. Essa abordagem é crucial para a construção de uma educação superior mais justa e democratizada, contribuindo para o desenvolvimento social e econômico do país.

Nesse contexto, Silva, Santos e Reis (2021) investigam as condições materiais e simbólicas que favorecem a permanência de estudantes ingressantes por meio das políticas de ações afirmativas em universidades federais mineiras. Os autores destacam que, apesar de as cotas raciais e outras políticas de acesso terem ampliado a democratização do ensino superior, os desafios para a permanência dos estudantes exigem uma abordagem que vá além da simples inclusão, envolvendo tanto o suporte material (como bolsas e moradia estudantil) quanto o simbólico, como a criação de um ambiente acolhedor e a valorização das identidades culturais e raciais desses estudantes. Embora a assistência estudantil desempenhe um papel crucial, ela ainda enfrenta limitações, como a escassez de recursos e a falta de preparo de algumas instituições para lidar com a diversidade cultural e as questões específicas que afetam os estudantes negros. Além disso, a permanência dos estudantes não depende apenas da oferta de suporte material, mas também da criação de condições simbólicas que promovam um ambiente inclusivo e respeitoso. A representatividade dentro da universidade, o reconhecimento das experiências e da identidade dos estudantes negros e a consideração das questões de saúde mental são aspectos essenciais para garantir que esses alunos consigam não apenas acessar, mas também concluir seus cursos com sucesso (Silva, Santos e Reis, 2021).

Entende-se então que as políticas de ação afirmativa e as políticas de assistência e

permanência estudantil são abordagens distintas, mas complementares, voltadas para promover a inclusão e o sucesso acadêmico de estudantes em instituições de ensino superior. Enquanto as políticas de ação afirmativa têm como objetivo promover a igualdade de oportunidades, especialmente para grupos historicamente marginalizados, como negros, indígenas, pessoas com deficiência e de baixa renda, as políticas de assistência e permanência estudantil visam garantir que os estudantes que já ingressaram na instituição possam continuar seus estudos até a conclusão do curso (Brasil, 2012). Podemos ver como o objetivo dessa última se confirma através do relato dos estudantes:

A assistência você sabe aí, foi um dos pontos de discussão lá em casa se ia ter como manter o aluguel e manter o transporte porque só o transporte já ia custar muito pelas minhas contas, e na época eu não sei se quando eu entrei aqui já em 2023/2 tinha acabado de terminar a passagem por R\$6,25 acho que quando eu vim pra cá, na mesma semana que eu vim pra cá, baixou o preço e voltou a R\$ 5,25. Eu tava fazendo as contas com 6 reais né, e eu falei gente é impossível é impossível pagar dois ônibus para ir de ônibus para voltar, não dá (...) talvez a avaliação (socioeconômica) não é tão assertiva na hora, mas ajuda ser da FUMP. Você usa moradia e tudo mais. (Estudante E.).

O estudante E., até destaca o quanto a política de permanência estudantil da UFMG o ajudou a decidir sair de seu estado de origem, a Bahia:

Considere fazer (medicina) na Universidade Federal da Bahia (UFBA), eu prestei o vestibular por meio do SISU né, e foi uma das minhas opções. Só que tipo assim, a UFBA eu coloquei em segunda opção por conta da assistência que eu ia ter, então preferi a UFMG por já ter gente da minha cidade aqui (em BH) e que falou muito bem da assistência eu falei: ah então vou colocar a UFMG a primeira opção. (Entrevistado E.).

Embora a partir dos relatos, observa-se que política de assistência estudantil seja frequentemente apontada como um fator essencial para a permanência no curso, outro aspecto igualmente importante são as redes de apoio, consideradas pelos estudantes como fundamentais para que consigam lidar com os impactos do curso de Medicina na sua saúde mental. Essas redes, compostas por colegas, amigos e familiares, desempenham um papel crucial no processo de adaptação e na manutenção do bem-estar emocional dos alunos ao longo da trajetória acadêmica e será discutida no tópico a seguir.

4.4.1. Impacto do curso de Medicina na saúde mental: importância de redes de apoio

A partir da pergunta acerca das políticas de ações afirmativas diante da manutenção na universidade, os estudantes iniciaram os relatos relacionados a quinta pergunta: “O que contribui para que você se sinta bem na universidade?”. Eles se referem constantemente a chamada “rede de apoio”, composta principalmente por amigos e familiares. Conforme apontado por Fredrich, Coelho e Sanches (2022), quando alunos de grupos minoritários se sentem excluídos, é necessário criar estratégias de enfrentamento contra o preconceito (neste caso o racismo) como forma de permanência na graduação. Uma das estratégias mais evidenciadas é o desenvolvimento de redes de apoio entre pares, vista como crucial para o suporte emocional, psicológico e incentivo a permanência em ambientes muitas vezes hostis (Fredrich, Coelho e Sanches, 2022; Fukutani e Sampaio, 2024; Rosa e Facchini, 2022). Tais relatos acerca das amizades, especialmente em grupos formados por seus pares, estão presentes nas respostas de todos os entrevistados:

Sem os meus amigos, eu acho que são fundamentais pra minha trajetória na medicina. A minha família me dá muito apoio também. Eu acho que as minhas relações me dão muito suporte. Eu acho que sem essas relações seria complicado. (Estudante B.)

Então dentro da medicina eu demorei muito a me encontrar, ainda mais porque é um curso muito elitizado, é um curso, sei lá, eu me sentia meio desconectado como se eu não devesse estar ali, por muitos fatores (...) Pra mim foi muito difícil me encontrar dentro desse meio, demorou muito, mas eu acabei me encontrando com meus amigos que funcionaram como uma rede de apoio, porque sem isso eu acho que eu não conseguiria também estar no curso. (Estudante C.)

(...) porque tem muita gente que não entende, mas tem gente que entende também. E é isso que vai fazer com que a gente vá passando também, é conviver com essas pessoas que entendem, e as que não entendem a gente manda um beijo e fala “pode seguir sua vida”. Mas bom que meu grupinho entende (...). (Estudante E.)

Outra importante rede de apoio para os estudantes negros foram os espaços considerados seguros, como ligas acadêmicas, projetos de extensão, atléticas e movimentos estudantis. Esses ambientes proporcionam um senso de pertencimento e acolhimento, permitindo que os estudantes se conectem com outros que compartilham experiências semelhantes, além de oferecerem suporte emocional e intelectual ao longo de sua trajetória acadêmica (Fredrich, Coelho e Sanches, 2022; Fukutani e Sampaio, 2024; Rosa e Facchini, 2022). Dois estudantes mencionam isso mais diretamente:

E aí eu fiz amizade com uma amiga minha, que ela tá no grupo Movimento Negro, e aí eu acabei entrando nesse grupo do Movimento Negro, e atualmente eu participo da Liga de Saúde da População Negra (...) Conversando com o Movimento Negro, conversando com amigos, entendi que assim, esse curso é pra mim. (Estudante C.)

Tem muita liga, extensão... Isso é um motivador para continuar lá (...) Mas o meu caso específico é que eu sempre gostei de esportes, principalmente de vôlei, só que eu nunca tive a oportunidade de praticar. E aí, na faculdade, eu tô num time de vôlei (...) (Estudante F.)

Por fim, observou-se que a família também desempenha um papel fundamental como rede de apoio para esses estudantes, tanto como apoio emocional, quanto com o suporte financeiro, apontado como crucial para a permanência e o sucesso desses alunos. Para muitos estudantes negros, especialmente aqueles que vêm de famílias de classes socioeconômicas mais baixas, o apoio financeiro da família é indispensável para cobrir os custos relacionados ao curso, como materiais didáticos, transporte e alimentação, além de ser necessário para aliviar a sobrecarga financeira que muitos enfrentam. A contribuição financeira da família permite que o estudante possa se concentrar em sua trajetória acadêmica sem a pressão constante de questões econômicas.

Minha rede de apoio com certeza sem minha mãe e minha vó eu não ia tá conseguindo me sustentar. E não só pelo apoio financeiro que é muito importante, mas também o apoio que elas dão de incentivar (...). (Estudante D.)

(...) minha família, né, óbvio. Se não tivesse a ajuda deles, assim, eu não conseguiria estar cursando. Quer dizer, conseguiria a gente sempre dar um jeito, né? Na vida a gente consegue dar um jeito em tudo. Mas nossa, seria muito mais complicado. (Estudante F.)

Essa questão financeira foi vista também, aliada às intensas pressões do curso de Medicina, como um fator que afeta negativamente a saúde mental dos estudantes. Por outro lado, o apoio familiar e de amigos, continuou sendo destacado como um elemento fundamental para o enfrentamento desses desafios e, conseqüentemente, para que se sintam bem na universidade. A presença de familiares que oferecem suporte emocional, seja na forma de incentivo, seja como uma rede de segurança, tem um papel crucial na manutenção do equilíbrio mental dos estudantes. Da mesma forma, os amigos, especialmente aqueles que vivenciam as mesmas experiências dentro do curso, também desempenham uma função vital,

proporcionando compreensão, empatia e um espaço para compartilhar as dificuldades cotidianas. Alguns estudantes exemplificam isso ao dizerem:

E eu não gosto muito de sobrecarregar meus pais, e aí vem um pouco esse negócio de não gostar muito de sobrecarregar e ficar tipo pedindo dinheiro. Cria um sentimento ali de falar: “nossa tô dando mais gasto, tô fazendo meus pais trabalharem mais que já estão”. Fico mais cansado e aí esse negócio, pensar um dia só não faz tão mal para você mas eu, que sou uma pessoa ansiosa, eu começo a pensar várias e várias vezes e aí no final do dia eu estou deprimido, tô completamente sem conseguir mais estudar porque minha cabeça só tá pensando que eu estou dificultando a vida de pessoas que já tem uma vida difícil. E aí você precisa contrapor esta ideia de que você tá piorando uma vida difícil, com uma ideia de uma vida melhor que você pode dar no futuro. Só que esse futuro é um futuro incerto, que você não sabe se ainda tá um pouco distante. (Estudante E.).

(...) meu namorado ele me dá muita força pra poder continuar. Às vezes eu fico em crise aqui, porque eu procrastino muito. E aí eu acabo, sei lá, deixando pra estudar muito perto da data da prova, por exemplo. E aí ele sempre me motiva a não procrastinar. (Estudante F.).

E aí a gente encontra nessas pessoas alguém para caminhar junto, para dividir a carga, e também para receber um pouco da carga da pessoa, para compartilhar de fato. E isso para mim tem sido um diferencial. Eu consigo muito me sentir bem mentalmente, principalmente, na universidade por conta das amigadas, enfim, das pessoas que a gente vai conhecendo ao longo desse tempo. (Estudante G.).

A terapia formal também foi mencionada por um dos estudantes como uma ferramenta essencial no cuidado da saúde mental:

E acho que a vida pede isso, a vida pede a imagem de cabeça erguida e eu tô na minha terapia, então tá tudo bem. Vai trabalhando tudo isso tudo e ao longo do caminho vamos ficando melhor em lidar com tudo isso, junto com a terapia. (Estudante E.).

Considerando que o ingresso de uma pessoa negra na universidade geralmente gera grandes expectativas, tanto pessoais quanto familiares, com a figura do estudante sendo muitas vezes a primeira a alcançar o ensino superior em sua família, surgem conflitos entre a vida acadêmica e a realidade social fora da universidade (Moreira, 2021). Isso gera uma dualidade, com momentos de hipervalorização e, por outro lado, desvalorização por parte da própria família, que questiona o valor do estudo em detrimento do trabalho. Essas contradições afetam a subjetividade dos estudantes negros, colocando-os em uma posição marginalizada e gerando adoecimento psíquico, estresse, crises de ansiedade e até desistência dos estudos (Moreira

2021).

Por isso, essa combinação de apoio social e terapia tem se mostrado determinante para a saúde mental dos estudantes, permitindo-lhes enfrentar os desafios do curso com mais resiliência e equilíbrio. Contudo, as dificuldades financeiras, em especial, geram um estresse adicional, exacerbando o desafio de conciliar os estudos com as necessidades básicas do dia a dia. Além disso, o ritmo exigente do curso e as altas expectativas acadêmicas contribuem para um aumento significativo da ansiedade e da sobrecarga emocional.

4.4.2. A sobrecarga da conciliação entre estudos, trabalho e mobilidade urbana

Quanto a pergunta “existe algum impacto negativo na sua vivência na universidade?” um dos pontos centrais nos relatos é a sobrecarga causada pela necessidade de conciliar os estudos com o trabalho. Embora os auxílios, como o da FUMP, ofereçam um apoio importante, o valor ainda é considerado insuficiente para garantir que o estudante possa se dedicar integralmente à universidade. A necessidade de trabalhar aos fins de semana, muitas vezes em empregos informais, para complementar a renda familiar, é uma realidade constante para esses alunos. Essa jornada dupla de trabalho e estudo impõe um alto custo físico e emocional, tornando o dia a dia exaustivo. A pressão para manter o equilíbrio entre essas atividades compromete não apenas o tempo de estudo, mas também a saúde mental e o bem-estar geral. Dois estudantes pontuam que:

Então, minha mãe, ela tem um colégio pequeno em Salvador, de bairro. E aí eu ajudo ela em questão de documentação, de planejamento, de projeto. É um pouco pesado, tudo que é demanda é semanal para entregar. Mas eu, por exemplo, não tenho que bater ponto em algum lugar, entendeu? Que seria impossível, com a minha dinâmica, com o curso integral. Mas ocupa um tempo que a maioria dos meus colegas não trabalham e eu sinto impacto disso, sabe? Principalmente tempo de estudo. (Estudante B.).

Eu acho que uma delas está muito associada com o que faz eu permanecer, que é justamente ter que fazer esses freelancers, sabe? É muito bom para mim fazer, conseguir estar na faculdade, mas ao mesmo tempo tem momentos que eu encaro e penso tipo assim “poxa, isso está me atrapalhando de uma forma muito grande”, porque geralmente é no final de semana que é o tempo que eu tenho para estudar, geralmente é de noite, então cansa muito, desgasta muito a gente. (Estudante F.).

Além disso, a questão do transporte também se revelou como um fator desgastante para D. que diz:

Os horários de aula também, que são muito doidos, eu to no 5º período e ainda não começou o

internato né, mas tem muitos horários que atrapalham por exemplo de conseguir trabalhar algum outro horário na semana. E como moro longe da UFMG eu também fico cansado com horários de ônibus, de ter que ficar muito tempo pra chegar em casa, então os horários são bem ruins. (Estudante D.).

A logística do deslocamento, somada à necessidade de trabalhar, amplifica a sensação de exaustão e de falta de tempo, limitando as oportunidades de lazer e descanso, o que é crucial para a saúde mental de qualquer estudante, mas também interfere diretamente em sua circulação pelos espaços da universidade e cidade.

Ottero, Iost e Gonçalves (2022) analisam, através de uma revisão sistemática de literatura, quais fatores impactam a saúde mental dos estudantes de medicina brasileiros, e como isso se relaciona com o curso em si. Os principais fatores estressantes para esses estudantes incluem a competição em processos seletivos, sobrecarga de conhecimento, dificuldade na gestão do tempo, grande quantidade de afazeres e a falta de lazer, além das responsabilidades e expectativas sociais associadas à profissão (Ottero, Iost e Gonçalves, 2022). Além disso, os estudos também destacam que fatores socioeconômicos, como origem, idade, sexo, etnia/raça, renda e histórico escolar, influenciam as expectativas e a inserção dos estudantes no curso universitário (Ottero, Iost e Gonçalves, 2022).

Apesar dos achados desses estudos ainda há pouca atenção, dentro da própria universidade, para as fragilidades vividas por esses estudantes, que além de enfrentarem discriminação racial, patriarcado, opressão de classe e outros preconceitos, devem também conciliar a rotina de estudos com suas demais obrigações pessoais e familiares. O racismo, em particular, tem um impacto profundo na saúde mental, com efeitos negativos como não reconhecimento e humilhação racial (Moreira 2021). Portanto, as universidades, como espaços de aprendizagem e ressignificação, devem colaborar com a saúde mental dos estudantes, reconhecendo as dificuldades causadas pelo baixo rendimento, sensação de não pertencimento, discriminação racial, de gênero e de classe, e insuficiência de políticas de assistência financeira estudantil (Moreira, 2021).

4.5. Circulação e apropriação do espaço da Universidade

Em relação à pergunta “como você circula e se sente nos ambientes da universidade?” muitos dos entrevistados pontuaram a diferença entre os dois campi da UFMG: o campus Saúde e o campus Pampulha. A UFMG possui quatro campi: dois em Belo Horizonte (campus Pampulha e Saúde), um em Montes Claros e um em Tiradentes. Também conta com a Escola

de Arquitetura e a Faculdade de Direito, também localizadas em Belo Horizonte. Os alunos entrevistados comentam sobre como, dentro da sua grade curricular, eles precisam circular entre os dois maiores campi: Pampulha e Saúde, e comentam sobre a diferença espacial e cultural entre eles:

(...) o Campus Saúde, apesar de englobar alguns outros cursos, a medicina é ampla maioria, né? Então, eu acho que as relações lá se dão um pouco diferente, assim, o Campus, você tem, é um espaço muito maior, né? Você tem cursos muito diferentes ali de pertinho e tudo. E então, acho que é um ambiente muito diferente. Acho que o fato de estar no centro também é foda. (Estudante A.).

Eu percebo que a Pampulha tem mais estudantes negros. Isso que eu percebo. E também sinto que a cobrança na Pampulha é desproporcional. Mas eu sinto que as pessoas, inclusive da Pampulha, vivem mais na universidade. (Estudante B.)

(...) atualmente, querendo ou não, é um curso que deixa a gente mais excluído dos demais, e que às vezes eu sinto falta de estar na Pampulha, de estar no ciclo básico, não do ciclo básico em si, mas de estar na Pampulha, porque eu sinto que é um lugar diferente. Lá tem planta, você pode ir pra muitos prédios, você pode ir na Economia, na FACE (Faculdade de Ciências Econômicas), você pode ir na FAFICH, você pode ir em vários lugares do ICB. Enfim, você pode percorrer os âmbitos da faculdade, vários prédios, lá na Engenharia...enfim, e na saúde já é diferente. Eu sinto que eu tenho que ter a aula e ir embora, não ficar lá, porque não sei, me passa muito a vibe de um hospital onde você não tem esse estímulo para ficar lá. (Estudante C.)

Assim, eu não consigo falar qual é o meu preferido, porque nos dois lugares (Campus Pampulha e Campus Saúde) tem coisas positivas e negativas. Mas, definitivamente, a Pampulha está com mais pontos positivos. Porque o campus é lindo, tem muito verde, dá pra você sentar. Você consegue ver muita gente, igual eu vou no bandeirão, todo dia eu vejo uma pessoa diferente, e querendo não, isso faz bem. Sei lá, eu acho isso legal. Você vê tantas pessoas convivendo no mesmo espaço, tantos cursos diferentes, tantas visões diferentes sobre a mesma abordagem, sabe? De áreas diferentes... a Medicina é muito fechada, assim. (Estudante F.).

O campus Pampulha é o maior da universidade, localizado em uma das regiões mais conhecidas de Belo Horizonte, a regional Pampulha, é cercado por áreas verdes, lagos e avenidas que permitem a entrada dos carros, ônibus e pedestres às Escolas e Institutos. Com mais de 4 milhões de metros quadrados, o campus abriga diversas unidades acadêmicas, como o Instituto de Ciências Biológicas (ICB), a Escola de Engenharia, a Faculdade de Filosofia e

Ciências Humanas (FAFICH), a Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO), entre outras infraestruturas para as atividades de ensino, pesquisa e extensão. Já o campus Saúde é localizado no centro de Belo Horizonte, e abarca a Faculdade de Medicina, a Escola de Enfermagem e o Hospital das Clínicas. Esse campus se distingue pela sua infraestrutura voltada para o ensino e a prática clínica, com laboratórios modernos, ambulatórios e centros de pesquisa, se destacando pela proximidade com o Hospital das Clínicas da UFMG, um dos maiores e mais renomados hospitais universitários do Brasil.

Os entrevistados apontam, principalmente, para a diversidade que ocorre no campus Pampulha, em detrimento ao campus Saúde. Tal fato pode se dar pela maior quantidade de cursos, funcionários e professores que circulam o campus, além do público externo que sempre circula no local para atendimentos universitários voltados à população. Contudo, nota-se que os entrevistados pontuam principalmente sobre como no campus Saúde, e principalmente no prédio da Faculdade de Medicina, ainda existe uma clara estratificação social, e como eles não se identificam com os alunos que circulam nesses espaços, sentindo-se por vezes estranhos e não pertencentes. A estudante B. comenta:

Eu acho que a medicina tem, é uma galera, eu diria que uns 80%, são uma galera que já tem uma qualidade de vida muito grande, e que não consegue entender o que é pobre, pode-se dizer assim, né, pessoas que não têm tanto dinheiro, sabe? Isso me dá meio que uma agonia, não sei, é meio difícil até para conversar, eu acho que não tem um ambiente tão aberto a esse diálogo, porque você sempre está sendo “estranho”. Eu não gosto. Na verdade não é que eu não gosto, eu não gosto na verdade, mas tipo, você está sempre sendo esquisito, sabe? (Estudante B.)

Além disso, E. e F. comentam sobre como é circular nas festas e eventos que possuem maioria de estudantes de Medicina:

(...) se você botar todo mundo assim, em fileira, você não sabe reconhecer quem é quem todo mundo é parecido na Medicina. Tipo, a primeira festa que eu fui acho que foi a calourada da Fafich (Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas) com a da Letras eu falei: “gente, aqui tem corpos reais, aqui são corpos reais”. E eu vejo, eu acho, que isso traz muito de onde eu venho né, venho do interior e do interior bem pobre da Bahia. (Estudante E.)

É sempre o mesmo assunto também, chega a ser um pouco monótono, às vezes (...) Ah, é tudo relacionado à Medicina. Parece que o pessoal fica muito bitolado com isso. Porque já começa a falar do paciente, que não sei o quê, aí fico assim “gente, eu não quero saber disso, sabe? Já chega disso na aula, pelo amor de Deus, troca o disco”. Mas eu vejo que tem muito perfil disso também, tem muito ego dentro

da Medicina. (Estudante F.).

A comparação entre o campus Pampulha e o campus Saúde também reflete o processo no qual os estudantes começam a conviver com realidades diferentes das suas, o que, por sua vez, gera uma sensação de distanciamento e dificuldade de identificação com colegas e professores. Esse contraste de contextos e experiências pode levar os alunos a se sentirem deslocados, uma vez que as diferenças nas condições sociais, culturais e até mesmo acadêmicas entre os dois campi acabam evidenciando as disparidades em suas vivências, dificultando a criação de vínculo.

4.6. Realidades diferentes: comparação e não identificação com os colegas e professores

Em relação às perguntas “existe algum impacto negativo na sua vivência na universidade?” e “como são as suas relações pessoais dentro da universidade (com colegas, professores e funcionários)?” os estudantes destacam, principalmente, a falta de identificação que sentem para com seus colegas de curso e professores. Os relatos partem inicialmente de comparações iniciais de suas vivências com a de seus colegas, como expõem C., E. e G.:

Porque é um curso onde você tem provações constantemente de que você é pobre e que você não deveria estar lá, sabe? Tipo, eu me sentia, sei lá, parece que eu caí aqui, sabe? Porque conversando com meus colegas, naquele momento sem ter uma identificação, parecia que a trajetória deles era pra estar lá e a minha eu joguei pra aqui... tipo, não sei se você consegue entender, pra eles a construção deles enquanto pessoa foi pra estar na UFMG e a minha foi jogar pra UFMG. Tipo, eu não tive uma construção, meus pais não tiveram acesso ao Ensino Superior, então pra mim foi muito difícil. (Estudante C.).

Então na medicina isso é uma das coisas que acontecem que é muito ruim. A maioria das pessoas ali tem condições e aí é um pessoal que fala muito de currículo, fala muito de residência, e você vê aí o povo tá indo pro congresso, tá fazendo curso de urgência emergência, tá fazendo curso de idiomas. E você pensa naquilo e você fica falando assim: “eu acabei de comprar meu notebook com 21 anos, meu primeiro notebook, então a minha realidade não é a mesma deles”. (Estudante E.).

No começo do curso também, eu sentia muito uma pressão do lugar, da faculdade de medicina, das pessoas que convivem ali. Mas era um incômodo mais pessoal, agora eu já consegui me adaptar melhor. Mas eu sentia muito essa pressão do espaço, como que aquele espaço era diferente da minha realidade, como que as pessoas que frequentam ali sempre eram pessoas que estavam em lugares que eu colocava como inalcançáveis (...) E eu tive muito esse sentimento no começo, de que aquilo não era meu lugar,

de que ali não era para mim, enfim. E era doido porque ninguém me falava isso, mas eu entrava no espaço, olhava as pessoas ao redor, zero diversidade de pessoas, todo mundo do mesmo jeito, branco, aí eu ficava tipo “ pô, é o lugar que eu sempre coloquei na minha vida como o lugar inalcançável, sabe?” E aí foi muito trabalho para entender que não, eu pertencço àquele lugar, assim como qualquer outra pessoa. Enfim, eu tenho que pertencer justamente para mostrar para quem está de fora que ali também é o nosso lugar, mas no começo eu senti muito deslocado, muito um peixe fora d'água. (Estudante G.).

A sensação de não pertencimento e as disparidades econômicas e culturais se sobressaem em relação aos colegas do curso, já em relação aos professores a alta cobrança e o andamento das aulas é visto também como algo negativo, que também traz a sensação de não pertencimento ao espaço.

As relações com os professores, eu acho que alguns professores têm um certo preconceito, acho que é um preconceito mesmo, mas tem aquele ar de superioridade, como se fosse o suprasumo da inteligência. (Estudante C.).

(...) alguns professores que são mais rígidos no sentido de não ter muita flexibilidade. Pra poder negociar data de prova, pra ver se dá pra mudar, ou sei lá, um slide muito bem definido naquele padrão e se a gente muda uma coisa diferente já implica e tira ponto. Mas é assim, às vezes a pessoa não tem didática, infelizmente, mas como eu vim da Engenharia, né, na Engenharia é muito pior. (Estudante F.).

Vale ressaltar que F., junto ao estudante A., tiveram vivências prévias em cursos de exatas e por isso destacam que a cobrança da Medicina, comparada a Engenharia, acaba sendo menor. A. ainda complementa que, por isso, enxerga essas relações como mais colaborativas:

Eu acho que é o perfil de professor até diferente também do que a gente, do que eu estava acostumado no ICEX (Instituto de Ciências Exatas), na Engenharia... Então, é uma dinâmica mais de colaboração mesmo. (Estudante A.).

Contudo, essa falta de identificação e representatividade no curso de Medicina, dificulta o reconhecimento das sutis formas de discriminação e do medo de os estudantes negros sofrerem preconceito (Fredrich *et al.*, 2022). Evidencia-se, portanto, que os estudantes negros enfrentam desafios adicionais em relação aos seus colegas brancos, como a escassez de representatividade, aliada a já mencionada desigualdade de oportunidades (Fredrich, Coelho e Sanches, 2022). Dessa forma, é necessário que eles criem estratégias de enfrentamento contra o racismo como forma de permanência na graduação.

4.7. O racismo e as estratégias de enfrentamento: redes de apoio e perspectivas para o futuro

Por fim, fazendo um complemento à como os estudantes se sentem nos ambientes da universidade e de como são as suas relações pessoais dentro da universidade, as perguntas “o que você acredita que causa um impacto negativo na sua vivência na universidade?” e “você acha que a sua cor tem algum impacto (positivo ou negativo) no seu processo acadêmico?” trouxeram relatos de, principalmente, vivências que ilustram como o racismo cotidiano e o racismo estrutural permeiam sua experiência acadêmica. Esses conceitos, que se referem, respectivamente, às manifestações diárias de discriminação e à forma como as estruturas sociais e institucionais perpetuam desigualdades raciais, foram centrais para a compreensão das narrativas dos estudantes.

Os alunos relataram diversas experiências de racismo cotidiano, manifestadas por meio de comentários, olhares e comportamentos discriminatórios, tanto por parte de colegas quanto de professores. O racismo cotidiano refere-se às formas sutis e insidiosas de discriminação que ocorrem em interações diárias, se manifestando por meio de microagressões, comentários depreciativos, estereótipos e a exclusão social, frequentemente passando despercebido tanto por aqueles que o perpetuam quanto por suas vítimas (Almeida, 2020; Kilomba, 2019). Essas experiências cotidianas podem gerar impactos significativos na autoestima e na saúde mental das pessoas afetadas, criando um ambiente de constante vigilância e resistência (Silva, 2004).

No caso dos entrevistados, as situações de racismo cotidiano, muitas vezes sutis, como a desconfiança nas capacidades acadêmicas e as microagressões, impactaram na sua autoestima e motivação. Um estudante mencionou: "(...) por ser um curso que tem uma galera mais elitizada eu acho que eles sempre tendem a reforçar que você não deveria estar ali, mesmo que velado, isso que me deixava mal, sabe, essa forma de ser mais velado" (Estudante C.) Outros, relatam suas experiências dentro da própria turma e com os professores:

(...) dentro do meu curso, eu vejo que é uma elite, que eu não me vejo muito nessas pessoas, sabe? (...) Não que eu esteja ignorando essas pessoas, fingindo que elas não existem, mas me comparar a elas, estar perto dessas pessoas, conviver mais próximas à elas, não tem me feito bem. Porque eu sinto que a realidade é muito diferente da minha. E talvez são relações que eu não queria estabelecer tanto, sabe? Então, tem muitos homens brancos, tem muito machismo no curso de Medicina, essa questão da Atlético, dos esportes, ainda exclui muita gente. E eu não me vejo muito próxima dessas pessoas, sabe? Eu quero compartilhar alguns posicionamentos das minhas vivências com as pessoas mais parecidas comigo. (Estudante B.)

A gente escuta muito também na faculdade rumores, mas não são muito rumores não, são bem verdade, o tanto que os professores são racistas de modo geral. Não são todos, mas é uma grande parte, especialmente de professores mais velhos, o tanto que eles são misóginos, racistas, enfim, e a gente vai percebendo isso em algumas atitudes. Claro que é muito velado, é um preconceito muito velado, muito por baixo dos panos, mas a gente consegue sentir, sim, consegue perceber, e isso acaba nos limitando de alguma forma, te deixa um pouco com vergonha ou não querendo perguntar. Você pensa: “vou ficar mais na minha aqui porque eu sei, já me falaram que esse cara é assim, e ele parece ser mesmo, vou ficar mais calado”. Então são coisas que a gente nunca se sente bem totalmente, a gente se sente incomodado de alguma forma e isso reflete com certeza no processo de aprendizagem, isso é muito real (Estudante G.).

Esse tipo de experiência gera um ambiente hostil que pode afetar o desempenho acadêmico e a saúde mental dos alunos (Silva, 2004). Tais experiências não são isoladas, mas constituem um padrão que reforça a percepção de que os alunos negros precisam constantemente justificar sua presença e capacidades no ambiente acadêmico. Além disso, as entrevistas mostraram que como existem colegas, e até mesmo professores dentro da universidade, que reforçam esses estereótipos isso se torna um fator que os fazem se sentir ainda menos pertencentes a esses espaços. Como no caso de C., que conta:

(...) teve professores que tiveram comentários muito escrotos na época do ciclo básico, tipo assim, era basicamente falando que pessoas que tinham QI elevado tenderiam a produzir pessoas com QI elevados e isso era reflexo da faculdade de medicina à exceção dos cotistas. Enfim, mas são coisas que tipo, vai de encontro ao que você acha, e de alguma forma ao que você tentou se encontrar. Acho que no início o mais difícil pra mim foi me encontrar, tipo assim, teve colegas, por exemplo, que no final do primeiro período, perguntavam: ‘ah, qual foi a melhor experiência da faculdade pra você?’ Aí, tipo assim, a pessoa basicamente falou: ‘ah, o encontro que eu tive em meio a essas pessoas que eu não teria convívio, que eu não encontraria. Onde eu estava, na minha realidade, todo mundo pensava diferente, tinham perspectivas iguais, pensavam as mesmas coisas, e pra mim foi muito difícil me adaptar a esse choque’. Basicamente ela tava falando que ela tava se encontrando no universo com minorias, e aí tipo assim, essas coisas antes me davam um choque, agora eu acho que eu tô mais anestesiado. (Estudante C.).

Em relação ao racismo estrutural, os estudantes discutiram como as barreiras institucionais afetam seu acesso e permanência no curso de Medicina. O racismo estrutural se refere às desigualdades sistêmicas que estão incorporadas nas instituições e práticas sociais,

levando à exclusão de grupos minoritários (Almeida, 2020). No contexto da UFMG, os alunos destacaram a falta de representatividade no corpo docente e nas instâncias de decisão como um fator que agrava sua situação. Muitos relataram dificuldades relacionadas à falta de recursos e apoio, além da ausência de representatividade no corpo docente e nas instâncias de decisão da universidade. Essa falta de suporte institucional contribui para a sensação de isolamento e marginalização, dificultando a construção de uma trajetória acadêmica plena.

Mesmo com políticas de ações afirmativas, ainda há um longo caminho a percorrer em termos de inclusão real. Um estudante destacou: "as cotas são um passo, mas a universidade ainda precisa se adaptar para que possamos nos sentir realmente parte dela." Essa percepção é um reflexo do entendimento de que as políticas de inclusão devem ser acompanhadas por ações concretas que promovam um ambiente mais acolhedor e igualitário (Silva e Sampaio, 2022).

Por isso, observa-se que a vivência de alunos negros no curso de Medicina da UFMG é marcada pelo racismo cotidiano e estrutural, e essas experiências não apenas afetam sua saúde mental e desempenho acadêmico, mas também questionam a eficácia das políticas de inclusão atualmente em vigor. Para que a universidade se torne um espaço verdadeiramente inclusivo, é necessário reconhecer e combater tanto as formas explícitas quanto as sutis de discriminação, promovendo um ambiente que valorize a diversidade e garanta a equidade para todos os estudantes.

5. CONCLUSÃO

Este estudo buscou compreender as vivências acadêmicas e o sentimento de pertencimento dos estudantes negros no curso de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), no contexto das políticas de ações afirmativas. A análise das entrevistas e dos dados revelou que, embora o acesso ao curso de Medicina tenha sido ampliado com a

implementação da Lei de Cotas, os desafios enfrentados pelos estudantes negros vão além do ingresso.

A Lei de Cotas em si, foi descrita como fundamental na democratização do acesso ao ensino superior, corrigindo desigualdades históricas e promovendo a inclusão de grupos sub representados. No entanto, é crucial reconhecer que essas políticas são apenas o primeiro passo em um processo mais amplo. O ingresso por meio das cotas, embora relevante, não é apontado pelos estudantes como suficiente para garantir que tenham condições adequadas para permanecer e concluir o curso com sucesso. Os desafios enfrentados após o ingresso são muitas vezes relacionados a aspectos econômicos, emocionais e acadêmicos, exigindo que as instituições ampliem suas ações para além do acesso inicial.

Nesse contexto, as políticas de permanência estudantil surgiram nas entrevistas como um fator que assegura que esses estudantes possam se manter na universidade em condições equitativas. Essas políticas incluem programas de assistência financeira, apoio psicossocial, oferta de moradia estudantil e a criação de espaços de acolhimento e integração. Na UFMG, a atuação da Fundação Universitária Mendes Pimentel (FUMP) foi mencionada como um suporte importante, mas que pode ser insuficiente para atender a todas as demandas e complexidades enfrentadas por esses estudantes.

Os participantes do estudo destacaram a relevância dessas políticas de permanência, mas também apontaram suas limitações. Muitos afirmaram que, embora a assistência financeira e programas como a moradia universitária sejam fundamentais, ainda enfrentam dificuldades relacionadas à carga horária intensa do curso, à necessidade de conciliar estudos e trabalho e à falta de suporte emocional adequado. A saúde mental surge como uma questão crítica, especialmente em cursos exigentes como o de Medicina, onde a pressão por desempenho e a competição são fatores agravantes.

Uma vez dentro do ambiente universitário, as barreiras estruturais e a falta de representatividade continuam a impactar as trajetórias dos entrevistados, refletindo tanto em suas relações interpessoais quanto na sua saúde mental. Essas barreiras são reforçadas por um currículo que, muitas vezes, negligencia discussões sobre diversidade e racismo, contribuindo para a perpetuação do racismo estrutural, cotidiano e de sentimentos de não pertencimento.

Nesse sentido, as entrevistas revelaram que as redes de apoio - compostas principalmente por familiares e amigos - desempenham um papel fundamental na sustentação emocional e psicológica dos estudantes negros. Elas são fontes de fortalecimento diante do racismo estrutural e cotidiano que muitos enfrentam diariamente e oferecem mais do que conforto, criam espaços de pertencimento e identificação, onde os estudantes podem

compartilhar experiências, estratégias de enfrentamento e sentimentos de solidariedade. A existência de coletivos específicos, como grupos de estudos e ligas acadêmicas voltadas para a saúde da população negra, contribui também para a construção de um ambiente mais acolhedor e participativo. Essas redes ajudam a mitigar os efeitos da pressão acadêmica e do sentimento de isolamento, promovendo um suporte prático e emocional que facilita a permanência e o sucesso acadêmico.

Além disso, um dos achados mais relevantes da pesquisa foi como o tripé: políticas de ação afirmativa, apoio familiar e acesso ao ensino médio de qualidade foram determinantes para a entrada no curso. Os estudantes afirmam que sem as políticas de ação afirmativa não teriam nem vislumbrado a possibilidade de entrar na medicina, e que o apoio familiar para a continuidade nos estudos, valorizando a educação e garantindo que os jovens se dediquem integralmente aos estudos, foi considerado como um fator de proteção. A visão da educação como prioridade e uma oferta de qualidade do ensino médio, apesar das dificuldades econômicas, foi posta como um dos pilares mais importantes para a entrada no ensino superior e a transformação das realidades sociais para esses estudantes.

Com isso, este trabalho reforça a necessidade de ações contínuas para além do acesso inicial proporcionado pelas cotas, incluindo políticas que garantam a permanência e valorização desses estudantes durante a sua formação. Sugere-se, portanto, que a UFMG e outras instituições de ensino superior promovam programas de apoio psicossocial, treinamentos para sensibilização dos docentes e um currículo que reflita a diversidade e as realidades da população brasileira.

Conclui-se, então, que a permanência e o sucesso acadêmico dos estudantes negros dependem não apenas das políticas de acesso, mas também de estratégias institucionais que enfrentem as desigualdades raciais de forma sistemática e transformadora. As redes de apoio, nesse contexto, mostram-se indispensáveis para a manutenção da saúde mental, e para a entrada no ambiente universitário, contribuindo para um ambiente mais diverso e acolhedor. Para estudos futuros, recomenda-se investigar as experiências de estudantes negros em outros cursos e contextos, para levantar e analisar quais fatores aumentam as chances de ingresso de jovens negros de baixa renda no ensino superior, bem como investigar quais ações que as universidades devem implantar para o enfrentamento do racismo estrutural na graduação.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. L. *Racismo Estrutural*. 5. ed. São Paulo: Jandaíra, 2020. 264 p.
- AMBRÓSIO L.; SILVA, C. R. Interseccionalidade: um conceito americano e diaspórico para a terapia ocupacional. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, v. 30, e3150, 2022.
- BEAGAN, B. L. *et al.* Experiences of epistemic racism among occupational therapists. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, v. 30, e3211, 2022.
- BORRET, R. H. *et al.* Reflexões para uma Prática em Saúde Antirracista. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 44, supl. 1, e0148, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5271v44.supl.1-20200405>.
- BOURDIEU, P. Cultural reproduction and social reproduction. In: KARABEL, J.; HALSEY, A.H. (Ed.). *Power and ideology in education*. New York: Oxford University Press, 1977. p. 487- 511.
- BRASIL. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2012/2012/Lei/L12288.htm. Acesso em: 01 jun. 2023.
- BRASIL. Lei nº 13.409, de 28 de dezembro de 2016. Altera a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, para dispor sobre a reserva de vagas para pessoas com deficiência nos cursos técnicos de nível médio e superior das instituições federais de ensino. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/Lei/L13409.htm. Acesso em: 01 jun. 2023.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Política Nacional de Saúde Integral da População Negra: uma política para o SUS*. Brasília: Ministério da Saúde, 3. ed., 2017.
- BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.
- CARVALHAES, F.; RIBEIRO, C. A. C. Estratificação horizontal da educação superior no Brasil. *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, v. 31, n. 1, p. 195-233, 2020.
- CHARLES, M.; BRADLEY, K. Equal but Separate? A Cross-National Study of Sex Segregation in Higher Education. *American Sociological Review*, 67(4), 573, 2002.
- DAFLON, V. T.; FERES JÚNIOR, J.; MORATELLI, G. Evolução temporal e impacto da Lei nº 12.711 sobre as universidades federais. *Gemaa*, p. 1-10, 2014.
- DAVIES, S.; RIZK, J. The three generations of cultural capital research: A narrative review. *Review of Educational Research*, v. 88, n. 3, p. 331-365, 2018.
- FARIAS, M. N.; JUNIOR, J. D. L.; COSTA, I. R. B. B. Terapia Ocupacional e população negra: possibilidades para o enfrentamento do racismo e desigualdade racial. *Revista*

Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional, v. 2, p. 228-243, 2018.

FERREIRA, E. C. S.; OLIVEIRA, M. N. Evasão escolar no Ensino Médio: causas e consequências. *Scientia Generalis*, v. 1, n. 2, p. 39-48, 2020.

FREDRICH, V. C. R. *et al.* Desvelando o racismo na escola médica: experiência e enfrentamento do racismo pelos estudantes negros na graduação em Medicina. *Trabalho e Educação e Saúde*, v. 20, 2022.

FREDRICH V. C. R. *et al.* Percepção de racismo vivenciado por estudantes negros em cursos de Medicina no Brasil: uma revisão integrativa da literatura. *Interface (Botucatu)*, v. 26, 2022.

FUKUTANI, Y.; SAMPAIO, S. Afiliação dos estudantes negros e/ou de camada popular ao curso de medicina: uma revisão de literatura. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 50, e260186, 2024.

FUNDAÇÃO UNIVERSITÁRIA MENDES PIMENTEL (Fump). Assistência estudantil da UFMG. Disponível em: <https://fump.ufmg.br/>. Acesso em: 13 set. 2024.

GATTI, B. A.; ANDRÉ, M. E. D. A. *A pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

GOLGHER, A. B. Evolução recente da presença e perfil de minorias na Universidade Federal de Minas Gerais. *Cadernos de Pesquisa*, v. 51, 2021.

HAMMELL, K. R. W. Making choices from the choices we have: the contextual-embeddedness of occupational choice. *Canadian Journal of Occupational Therapy*, Dez. 2020, v. 87, n. 5, p. 400-411.

HONORATO, G. S.; ZUCCARELLI, C. Subsídios à avaliação da Lei de Cotas nos dez anos de sua implementação. *Apresentação de Trabalho/Congresso*. 2021.

HOOKS, B. *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

IBGE. *Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil*. Estudos e Pesquisas, Informação Demográfica e Socioeconômica, n. 41, 2019.

KILOMBA, G. *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. 248 p.

LOPES, A. D. Affirmative action in Brazil: how students' field of study choice reproduces social inequalities. *Studies in Higher Education*, 2016. DOI: 10.1080/03075079.2016.1144180.

MARTINS, T. R. Trajetórias de Estudantes Negros na Medicina: Desafios e Oportunidades. *Revista de Estudos Étnicos e Raciais*, v. 24, n. 2, p. 103-120, 2022.

MENDES, M. S. Da inclusão à evasão escolar: o papel da motivação no ensino médio. *Estudos psicológicos*, Campinas, v. 30, n. 2, p. 261-265, jun. 2013.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, 2001.

MOREIRA, A. L. C. Vidas negras importam na universidade? O adoecimento psíquico de estudantes negras e negros. *Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN)*, v. 13, n. 37, p. 123-150, 2021.

NOGUEIRA, H. A. S.; AGUIAR, R. S.; GISI, M. L. A importância dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia para a redução da desigualdade educacional no Brasil. *Política e Gestão Educacional*, Araraquara, v. 27, n. 00, e023029, 2023. e-ISSN: 1519-9029.

NOWELL, L. S. *et al.* Thematic analysis: Striving to meet the trustworthiness criteria. *International Journal of Qualitative Methods*, v. 16, n. 1, p. 1-13, 2017.

OLIVEIRA, J. F. Ações afirmativas e acesso à educação superior: desafios e conquistas. *Educação em Debate*, v. 46, n. 2, p. 45-61, 2020.

OTTERO, C. L. S.; IOST, A. R. J.; GONÇALVES, S. J. C. A saúde mental dos estudantes de medicina: uma revisão de literatura. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, v. 15, n. 3, p. e9751, 17 mar. 2022.

PAULA, G. B.; NONATO, B. F.; NOGUEIRA, C. M. M. Ações afirmativas e estratificação horizontal: comparação entre bônus e lei de cotas na UFMG. *Educação em Revista*, v. 39, e37918, 2023.

PIOTTO, D. C. Saúde mental dos estudantes de medicina brasileiros: uma revisão sistemática da literatura. 2007. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

QUIJANO, A. Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (Org.). *A Colonialidade do Saber: Eurocentrismo e Ciências Sociais. Perspectivas Latino-Americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 227-278.

RUBIN, H. J.; RUBIN, I. S. *Qualitative Interviewing: The Art of Hearing Data*. Sage Publications, 2012.

RISTOFF D. O Novo Perfil do Campus Brasileiro: uma análise do perfil socioeconômico do estudante de graduação. *Avaliação*, Campinas; Sorocaba, SP, v. 19, n. 3, p. 723-747, 2014.

ROSA, W.; FACCHINI, R. “Você é um dos reprovados?”: cotas, tensões e processos de subjetivação entre universitários negros de medicina. *MANA*, v. 28, n. 3, p. 1-31, 2022.

SALATA, A. Razões da evasão: abandono escolar entre jovens no Brasil. *Interseções - Revista de Estudos Interdisciplinares*, v. 21, p. 21-31, 2019.

SAKELLARIOU, D.; POLLARD, N.. A commentary on the social responsibility of occupational therapy education. *Journal of Further and Higher Education*, v. 37, n. 3, pp. 416-430, 2013.

SCHEFFER, M. *et al.* *Demografia Médica no Brasil 2023*. São Paulo, SP: FMUSP, AMB, 2023. 344 p. ISBN 978-65-00-60986-8.

SILVA, A. S.; PEREIRA, R. *Metodologia da Pesquisa Qualitativa: Teoria e Prática*. Editora UFMG, 2019.

SILVA, J.; CUNHA, M. O ambiente acadêmico e a inclusão de estudantes negros em medicina: uma análise qualitativa. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 44, n. 2, p. 12-25, 2020.

SILVA, M. L. Racismo e os efeitos na saúde mental. In: BATISTA, L. E.; KALCKMANN, S. (Orgs.). *Seminário saúde da população negra do Estado de São Paulo 2004*. São Paulo: Instituto de Saúde, 2004.

SILVA, N. N.; SANTOS, A. P.; REIS, J. M. Assistência estudantil e ações afirmativas: um estudo das condições materiais e simbólicas. *Educação & Sociedade*, v. 42, p. 13-42, 2021.

SOUSA, J. R.; SANTOS, S. C. M. Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer. *Pesquisa e Debate em Educação*, Juiz de Fora: UFJF, v. 10, n. 2, p. 1396-1416, 2020.

SOUSA, O. M. C. G.; ALBERTO, M. F. P. Trabalho precoce e processo de escolarização de crianças e adolescentes. *Psicol. estud.*, Maringá, v. 13, n. 4, p. 713-722, Dez.2008

TERRY, G. *et al.* Thematic Analysis. In: *The Sage Handbook of Qualitative Research in Psychology*. Sage Publications, 2017. p. 17-37.

TOWNSEND, E; WILCOCK, A. A. Occupational justice and client-centred practice: a dialogue in progress. *Canadian Journal of Occupational Therapy*, v. 71, n. 2, 2004.

TRAD, L. A. B. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. *Physis*, v. 19, n. 3, 2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG). Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD). Relatório do perfil socioeconômico dos estudantes de graduação da UFMG – 2022. Belo Horizonte: UFMG, 2022. Disponível em: <https://www.ufmg.br/prograd/arquivos/Est/RelPerfil2022.pdf>. Acesso em: 05 set. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG). Notas máximas e mínimas – Chamada Regular 1.1. Belo Horizonte: UFMG, 2024. Disponível em: <https://www.ufmg.br/sisu/wp-content/uploads/2024/02/Notas-maximas-e-minimas-Chamada-Regular-1-1.pdf>. Acesso em: 13 set. 2024.

VALÉRIO, A. C. O. *et al.* Racismo e participação social na universidade: experiências de estudantes negras em cursos de saúde. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, v. 29, e3007, 2021.

VEIGA, L.; GONDIM, S. M. G. A utilização de métodos qualitativos na Ciência Política e no Marketing Político. *Opinião Pública*, Campinas, v. 7, n. 1, p. 1-11, 2001.

VINUTO, J. A amostragem em Bola de Neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.

ANEXOS

ANEXO I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a),

Você está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada “AS VIVÊNCIAS ACADÊMICAS E DE PERTENCIMENTO DE JOVENS NEGROS DO CURSO DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS”. Temos o objetivo identificar e compreender as vivências acadêmicas e de pertencimento de estudantes negros do curso de medicina da UFMG, após a implementação das políticas de ações afirmativas. A pesquisa é desenvolvida pela estudante de mestrado Clarice da Rocha Campos sob a orientação da pesquisadora Professora Doutora Luciana Assis Costa, professora do Curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Solicitamos a sua colaboração para o estudo, como também sua autorização para gravação do conteúdo narrado e posteriormente apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde e publicação em revista científica. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo, de acordo com a Resolução nº 510/16 da CONEP/MS.

Informamos que essa pesquisa oferece riscos mínimos à sua saúde, já que só faz uso de informações verbais, podendo haver constrangimento ao responder as perguntas, e a possibilidade de suscitar lembranças e sentimentos negativos, devido ao teor das perguntas a serem realizadas. Nesses casos, será realizado acolhimento por parte da pesquisadora e o participante poderá interromper a entrevista a qualquer momento, podendo retomá-la, somente se desejar, em outro dia e horário. Em contraponto, os benefícios dessa pesquisa serão: contribuir para melhor entendimento da vivência de estudantes negros do curso de medicina da UFMG; proporcionar um espaço de reflexão sobre seu cotidiano, suas próprias escolhas e a influência da raça sob isso; compreender, de forma pontual, qual o impacto da política de ações afirmativas dentro do curso de medicina da UFMG. Caso exista algum dano decorrente da pesquisa, você será ressarcido dentro do que foi descrito acima.

Sua participação consistirá em participar de uma entrevista semiestruturada junto a pesquisadora principal, com questões disparadoras referentes a suas vivências enquanto estudantes negros da universidade. Além da pesquisadora principal, o grupo poderá com a ajuda de uma terceira pessoa para relatar o que for discutido. Será realizado um agendamento de horário e local prévio. O local da entrevista será definido com o (a) participante. Salientamos que os dados desta pesquisa serão gravados em formato de áudio, transcritos na íntegra e ficarão guardados no gabinete da orientadora da pesquisa, na sala 3131 da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, por 5 anos e, após esse período, serão descartados, de acordo com a Resolução número 510 de 07 de abril de 2016; os dados coletados serão utilizados para fins científicos, portanto sua identidade será mantida em sigilo em todas as fases da pesquisa.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, você não é obrigado (a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelos pesquisadores. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento

desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano. Não haverá nenhuma cobrança de despesa e nem será dado nenhum tipo de remuneração aos participantes. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, na Universidade Federal de Minas Gerais e a outra será fornecida ao participante. Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário e dúvidas gerais sobre a pesquisa, em qualquer etapa, e o contato do CEP se dá para dúvidas éticas.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente de que receberei uma via desse documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa

Contato com o Pesquisador (a) Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora Clarice da Rocha Campos: claricedarocha@gmail.com ou (32) 99969-0995.

Endereço do Comitê de Ética: Universidade Federal de Minas Gerais, Av. Antônio Carlos, 6627, Pampulha – Belo Horizonte – MG CEP: 312070-901. E-mail: coep@prpq.ufmg.br

Atenciosamente,

Clarice da Rocha Campos

Luciana Assis Costa

Quadro nº 1 – Unidades de contexto e unidades de registro

ENTREVISTADO	UNIDADES DE CONTEXTO	UNIDADES DE REGISTRO
[Q1] Como você escolheu seu curso superior?		
A.	Então, eu já tinha me formado em Engenharia Civil, né? Formei em 2018, comecei a trabalhar depois de um tempo na área, fui trabalhar em uma prefeitura, e aí eu comecei a não estar muito satisfeito, assim, e pensar em fazer outras coisas.	Engenharia Civil; Insatisfeito
	(...) me veio a ideia de tentar o ENEM, e aí quando eu vi que minha nota dava, eu tive uma ideia um pouco não tanto planejada mesmo, e pensei na Medicina. Porque eu não achava antigamente que seria uma possibilidade, porque eu pensava, ah, eu não devo tirar uma nota suficiente.	Antigamente impossibilidade;
	E aí na hora que eu vi que deu, eu comecei a considerar, com a ajuda da terapia também, e aí eu fui lá e entrei.	Ajuda terapia;
	Então, eu esperei uma confirmação para poder contar e aí eu cheguei primeiro contando que eu ia fazer outra faculdade, que eu ia largar o emprego e tudo, aí todo mundo levou um susto, né? E na hora que eu falei que era medicina, a reação mudou um pouquinho, aí eu acho que eles deram uma animada, e desde então, tem sido assim. Isso foi muito mais tranquilo do que eu imaginei que ia ser assim, então foi super bom. Muito bom.	Cursar outra faculdade
	Pra mim, eu acho que na minha criação, não existia pra mim muita possibilidade de não fazer um curso superior. Eu acho que sempre foi muito colocado isso em casa e depois no Ensino Médio se tornou muito natural.	Criação; Colocado em casa;
	(...) eu não fui muito aquela criança que queria medicina, que achava incrível, aquela questão do cuidar.	Não tive a questão cuidar

B.	<p>Eu gosto muito das Ciências Humanas, mas pra mim um curso só de humanas eu achava muito abstrato. E aí quando eu pensei nas biológicas, na medicina, nos cursos de saúde, eu pensei numa forma de articular e discutir algumas coisas sociais, mas lidar diretamente com pessoas. E aí comecei a pensar também sobre a questão biomecânica, fisiopatológica, e fez sentido pra mim, eu achei que seria bacana.</p>	<p>Abstrato; Ciências Humanas e Sociais, junto a biomecânica e fisiopatologia; Sentido</p>
	<p>(...) não teve tanto aquele fascínio, sabe? Aquela coisa de criança e de ser incrível, de pensar isso por muito tempo. Foi no segundo ano do Ensino Médio, falei “vou fazer medicina”, me aprofundi naquilo, fui ler, pesquisar e decidi.</p>	<p>Não teve aquele fascínio;</p>
C.	<p>Pensando nisso de decidir querer medicina, foi algo que eu acho que eu sempre soube, mas eu nunca de verdade, assim, genuinamente falei “ah, realmente vou querer isso”. Porque naquele momento era um curso muito distante para mim, por não conhecer ninguém que fizesse medicina, então era algo muito distante da minha realidade.</p>	<p>Sempre soube; Curso distante ; Não conhecer ninguém; Distante da realidade</p>
	<p>(...) quando eu falei com minha mãe que eu queria medicina, ela falou tipo: “ah, não consigo pagar, como que a gente vai fazer isso?” Porque a gente não conhecia ninguém, só que com o tempo a gente foi trabalhando essa ideia.</p>	<p>Não consigo pagar; Não conhecia ninguém;</p>
	<p>Eu não gostava nem de falar que eu queria fazer medicina porque sempre tem um pensamento por trás, porque é um curso muito privilegiado e tal, e era distante da minha realidade, e saber disso não me reconfortava. Era algo que me deixava mais angustiado porque eu vi que muita gente queria e que, sei lá, era mais impossível do que possível.</p>	<p>Não gostava de falar Curso Privilegiado; Angústia; Impossível Distante da realidade</p>

D.	Aí nesse ano em 2019 que trabalhei no hospital minha mãe ficou desempregada e eu comecei a pensar sobre como ajudar em casa, fiquei pensando no que poderia ser melhor para o meu projeto de vida, eu vi que a medicina daria, sabe?	Trabalhei no hospital; Mãe desempregada; Ajudar em casa; Projeto de vida;
	Tipo, eu acho que não existe isso de nascer e ter o dom, entrou bastante a questão financeira. Hoje eu amo o meu curso, mas fui muito pelo projeto de vida mesmo sabe.	Não existe dom; Questão Financeira; Amo o curso; Projeto de vida
E.	(...) eu escolhi a medicina bem novo, já no Ensino Fundamental II eu escolhi o curso, então foi com uns 14, 13 anos.	Escolhi novo;
	O negócio foi que eu escolhi a medicina fora do Brasil, então eu pensei em fazer ou na Argentina ou nos Estados Unidos, mas nos Estados Unidos eu descartei logo por conta da do financeiro então ficou só a Argentina mesmo na UBA, Universidade de Buenos Aires, porque tem um pessoal na minha cidade que já faz lá, no Paraguai, na Bolívia...	Financeiro; Conhecia pessoas que fizeram
	Só que tipo assim, a UFBA eu coloquei em segunda opção por conta da assistência que eu ia ter, então preferi a UFMG por ter gente da minha cidade aqui (em Belo Horizonte) já e que falou muito bem da assistência eu falei: “ah então vou colocar a UFMG a primeira opção”.	Gente da cidade em BH; Assistência;
	(...) eu quando era pequeno falava muito em ser bombeiro, ser presidente, uma coisa bem assim... Aí fui crescendo e tipo, a única coisa que eu vi que eu gostava muito, que me encantava muito, era medicina.	Encantado
	E a medicina eu escolhi porque foi uma coisa bela pra mim, foi uma vocação e depois aconteceram várias coisas familiares de pessoas doentes e tal e eu vi que queria mesmo ser médico.	Vocação

	<p>Eu nunca fui o tipo de pessoa que ficou romantizando muito, porque tem muitas histórias do tipo: “nossa, desde pequeno eu quis fazer medicina”. Eu não sou esse tipo de pessoa, eu nunca soube de fato o que eu queria fazer.</p>	<p>Não romantizando; Nunca soube o que fazer</p>
<p>F.</p>	<p>Aí, teve um fator muito importante, que foi que a minha avó, ela teve câncer de mama, no período que eu estava no cursinho, inclusive. Aí, ela acabou falecendo logo depois que ela recebeu o diagnóstico, foi muito rápido, e eu tinha uma ligação muito forte com ela, porque ela também é minha madrinha, era minha madrinha. E eu fiquei muito chocado com a forma que os profissionais, os médicos, principalmente, falaram sobre isso com a minha mãe e com a minha tia, porque eram duas pessoas que eu nunca tinha visto chorar na minha vida. E aí eu lembro do dia que minha vó recebeu o diagnóstico, minha mãe tava em casa chorando, óbvio né, que receber a notícia de que alguém tá com câncer, principalmente se for sua mãe, eu imagino que deve ser um baque muito grande, entendeu? Só que eu queria saber o que tava acontecendo, e elas falaram que os médicos tinham falado que ela tinha só um mês de vida. E aí ela tava muito bem no dia, e do nada ela chegou lá, fez um exame, e o médico falou pra minha mãe: “olha, sua mãe só tem mais um mês de vida, pode começar a passear com ela, porque a gente pode até começar a fazer os paliativos, porque o tratamento vai ser um pouco difícil de acontecer”. E, ok, que ela faleceu</p>	<p>Avó teve câncer; Como abordar a morte;</p>
	<p>logo depois, não foi um mês também, acho que foram uns quatro, cinco meses, mas a forma como essa notícia foi dada... Eu não sei nada de teoria, de como que dá más notícias para família do paciente, só que eu não acho que seja a melhor forma de abordar essa situação, você tem que ver que do outro lado tem uma pessoa também.</p>	

	<p>É porque também tem alguns outros contextos, assim, porque, minha família, meus pais, assim, de certa forma, eles eram muito homofóbicos, e eles tinham, sei lá, umas atitudes que hoje eu enxergo como sendo um pouco narcisistas. Não que eles sejam pais narcisistas, porque eu acho que eles não são, mas algumas coisas foram muito marcantes pra mim, que me fizeram querer sair de lá. E sair de lá e recomeçar aqui foi muito bom pra minha saúde mental e pra eu poder me entender mesmo como pessoa e ter as minhas próprias experiências. Aí eu achei que sair era a única solução na época.</p>	<p>Pais homofóbicos; Querer sair de lá; Ter próprias experiências</p>
G.	<p>Então, eu sempre me interessei muito pela área da saúde, sabe, de modo geral, e saindo do Ensino Médio, aquelas dúvidas que geram na gente, o que a gente vai fazer de curso para o futuro e tal, eu já pensava na medicina.</p>	<p>Interesse na área da saúde; Dúvidas do futuro;</p>
	<p>Só que eu não tive uma boa nota para conseguir como primeira opção, e a gente sabe que a medicina é muito concorrida nesse sentido de notas muito altas. Apesar de ter entrado por reserva de vaga, de ação afirmativa, mesmo assim era muito distante da minha realidade naquele momento, aí eu comecei a fazer Ciências Biológicas, também na UFMG, levei quase até o final do curso assim, e aí só chegando mais para o final do curso que sai.</p>	<p>Medicina é concorrida; Nota de corte alta; Distante da realidade; Ciências Biológicas;</p>
	<p>Mas eu nunca tive nenhuma história dessas românticas como o pessoal às vezes tem da medicina, tipo “ah eu escolhi a medicina porque uma avó, minha avó teve uma iluminação divina”... não teve nada disso</p>	<p>Não teve história romântica; Primeira pessoa a ingressar na universidade;</p>

	<p>não, lá em casa eu sou a primeira pessoa a ingressar numa universidade, seja pública, seja particular, então para mim sempre foi muito claro que eu queria chegar nesses lugares para abrir portas para quem vier depois de mim lá em casa, para mostrar que se eu estou chegando todo mundo também consegue chegar e ir embora, quem precisar também ir.</p>	<p>Abrir portas</p>
	<p>Eu sempre quis muito estar nesse lugar, e fazer parte desse lugar de mostrar que é possível, em uma família de pessoas muito humildes, muito trabalhadoras, mostrar que o trabalho é extremamente importante, claro, a gente tem que sempre trabalhar, mas que dá para chegar também em outros lugares que a gente não imaginava que seria possível.</p>	<p>Lugar possível; Família de pessoas humildes; Chegar em outros lugares; Não imaginava possível</p>
	<p>Mas é isso, acho que eu escolhi a medicina muito por gostar do curso, sempre ter muito interesse com a área da saúde, eu sempre me encantei muito por hospitais de modo geral. Eu lembro que eu era pequeno, eu ia nos hospitais e ficava com um trem na cabeça de “nossa, que incrível, deve ser muito bom trabalhar aqui”.</p>	<p>Gostar do curso; Interesse na área de saúde; Encantei por hospitais</p>
<p>[Q2] O que você considera que fez a diferença na sua história de vida, para você querer e conseguir entrar no curso de Medicina?</p>		
A.	<p>Acredito que o que mais fez diferença nesse contexto pra mim foi ter um apoio familiar</p>	<p>Apoio familiar</p>
	<p>(...) conseguir ingressar numa universidade na mesma cidade em que meus pais moram, o que possibilitou a permanência dentro das possibilidades de arcar com os custos de vida durante o curso.</p>	<p>Cidade que pais moram;</p>
	<p>(...) o contexto específico da medicina, eu entrei após ter concluído uma graduação e ter tido experiência profissional, inclusive no ramo da educação, quando dei aulas particulares para estudantes do Ensino Médio. Isso consolidou os aprendizados da graduação já concluída (...)</p>	<p>Graduação concluída Experiência profissional;</p>

	(...) bem como meus aprendizados no ensino médio, que também concluí em uma instituição federal (CEFET) e que certamente contribuiu pra uma formação muito diferenciada, quando comparado a outras escolas públicas.	CEFET; Formação diferenciada
B.	Eu acho que o que fez a diferença pra mim foi realmente que eu tinha um suporte familiar, e também financeiro, sabe? Pra tanto não precisar trabalhar durante a minha preparação, e eu tive também um suporte emocional muito grande da minha família.	Suporte familiar; Suporte Financeiro; Não precisava trabalhar; Suporte Emocional
C.	Acho que meus pais foram importantes influenciadores disso, meus pais sempre salientaram e ressaltaram a importância da educação como forma de ascensão social e me proporcionaram com que eu não precisasse fazer outra coisa.	Pais influenciadores; Importância da educação; Educação como forma de ascensão social; Não precisasse fazer outra coisa
	(...) eu acho que um ponto central na minha vida foi ter entrado no Instituto Federal, porque eu sempre estudei em escola pública, aí durante, do Ensino Fundamental pro Ensino Médio eu passei no Instituto Federal e eu estudei lá. Acho que foi um ambiente onde eu tive muito acesso a muita coisa que eu não teria em uma escola estadual, eu tive incentivo a estudar mais ainda, eu tive professores que me promoveram muito questionamento crítico da realidade que eu vivia e sobre as minhas vivências.	Instituto Federal; Ambiente de acesso; Pensamento crítico; Incentivo de estudar; Professores; Questionamento crítico sobre minha realidade e vivências
	E aí eu fui conversando com meus pais, minha mãe falou até assim “ai mas a gente não tem dinheiro” e aí eu falei, expliquei pra minha mãe e tals sobre cursinho, escola federal, porque meus pais até então não conheciam, quando eu passei na UFMG eles nem conheciam sobre a UFMG. Então é algo muito distante da minha realidade (...)	Distante da realidade; Escola federal; Pais não conheciam; Não tem dinheiro; Distante da realidade
	(...) eu acho que toda minha trajetória foi cercada de incentivo a esse estudo, seja	Incentivo aos estudos; Pais; Instituições

	pelos meus pais, seja pelas instituições que eu estudei durante o fundamental (...)	
	Eu saber que eu poderia que eu acho que é um dos principais fatores, saber que a gente pode muito mais e que se a gente persistir e correr atrás, eu sei que eu tenho milhões de privilégios em comparação a outras pessoas, mas na minha questão eu acho que o incentivo foi muito forte.	Saber que pode; Incentivo
	(...) por exemplo, se eu não tivesse entrado no Instituto Federal talvez minha mentalidade seria outra, sabe? Talvez eu estaria dentro da minha bolha e tals, eu acho que o Instituto Federal me fez questionar muita coisa que eu acreditava como inquestionável, só como verdade, e o Instituto Federal me permitiu que eu pudesse olhar para os outros novos horizontes sabe? Que tá tudo bem pensar diferente, eu acho que isso meio que acendeu uma faísca dentro de mim, e foi isso.	Instituto Federal; Questionar o inquestionável; Novos horizontes; Acendeu faísca em mim
D.	Então, a questão do querer vem de poder proporcionar uma qualidade de vida melhor pra mim e pra minha mãe né, que é mãe solteira e me criou sozinha com a ajuda da minha vó. Então vai muito do querer ajudar o outro sim, mas eu também pensei na questão do retorno que pode me trazer.	Proporcionar qualidade de vida; Querer ajudar o outro; Retorno que pode trazer
	E do conseguir já foi uma questão que eu acho do acaso mesmo, que foi quando eu consegui sair do meu emprego, receber meu acerto e ter a oportunidade de tá em casa sem trabalhar e estudando, que a única forma era se eu tivesse alguma renda, e aí a renda veio por meio do meu acerto e do seguro desemprego. E aí é isso né.	Acaso; Sair do emprego; Receber acerto; Oportunidade de não trabalhar; Renda; Seguro desemprego
	E o permanecer, você não perguntou, mas o permanecer vai também de eu ir trabalhando, fazendo minhas coisas, ajuda da minha vó também, ajuda da faculdade que não supre né os gastos do mês, mas ajuda bastante.	Ajuda da vó; Ajuda da faculdade

E.	Assim, pensando sobre a retrospectiva da minha vida até agora e olhando pros meus primos, meus tios, pra minha família assim em si, eu acho que o que fez a diferença foi os meus pais abdicarem das coisas que eu precisava fazer, tipo, igual meus primos precisaram fazer para sobreviver, e a minha coisa seria só educação.	Pais abdicarem das coisas; Fazer para sobreviver; Só a educação
	Então sempre foi uma frase lá em casa que: “deixa as coisas sem fazer mais cuida das coisas da escola”. Então nunca tive essa pressão de precisar trabalhar ou de ter que sustentar você mesmo ou sua família, nada.	Cuida das coisas da escola; Não teve pressão de trabalhar
	E eu acho que isso é um diferencial mas também assim, foi um diferencial porque meus pais perceberam desde pequeno que eu e minha irmã tínhamos um certo, uma certa facilidade, pros estudos e meus professores. Na minha cidade, ela é muito boa na educação, e eu tive professores ótimos, então desde pequeno eles já perceberam que eu e minha irmã tínhamos uma facilidade pros estudos, e incentivaram minha mãe e o meu pai a fazer cada vez mais eu ficar nos estudos e não me desviar pra outras coisas.	Diferencial; Pais perceberam a facilidade pros estudos; Professores ótimos; Professores incentivaram;
	Então meus tios me ajudaram a comprar apostila, meus pais principalmente, então assim eu tive meu quatinho de estudos, então eu passava o tempo no meu quarto de estudos e ninguém me atrapalhava, ninguém me parava pra nada. Então foi isso, um apoio familiar, uma base familiar bem estruturada, acho que foi uma diferença pra mim.	Tios ajudaram; Pais principalmente; Apoio familiar; Base familiar; Bem estruturada
F.	Mas na minha formação mesmo a minha mãe acho que foi o pilar essencial pra eu poder ter o interesse também de buscar Ensino Superior, ver que de fato vale a pena ingressar numa carreira acadêmica e tudo mais. Porque a minha mãe sempre falou que ela sempre teve muita vontade de estudar, só que infelizmente ela não pode porque ela teve que sair de casa com 14 anos porque teve que trabalhar em casa de	Mãe; Pilar essencial; Interesse de buscar; Vale a pena; Mãe teve vontade de estudar; Passou a influência; Tem que estudar

	<p>família. Ai sabe aquele tipo de empregada doméstica que dorme no local? Então, ela com 14 anos ela saiu da casa dos pais, dos meus avós, e foi morar com a senhora lá e ficou, acabou depois constituindo família e tudo mais. Aí por conta disso acabou não conseguindo fazer o que ela gostaria de ter feito (...) E eu acho que assim, como ela tinha vontade mas não teve a oportunidade né, ela me passou muito essa influência. Então assim, na minha cabeça faz sentido ser isso, sabe? Ela nunca falou tipo: “ai estude porque eu não tive a oportunidade de estudar”. Não, pra ela sempre foi algo mais do tipo: “não, você tem que estudar sim, mesmo que criança não goste muito de estudar”.</p>	
	<p>Mas eu acho que dentro desses índices o fato de eu ter essa estrutura familiar que pode me possibilitar que eu almejasse e até que eu entendesse também a importância de ocupar esses espaços que a gente tá ocupando hoje em dia, faculdade, Ensino Superior, universidades públicas, isso passa muito por eles e acho que é isso.</p>	<p>Estrutura familiar;</p>
<p>G.</p>	<p>(...) para além de motivação pessoal, me fizeram ingressar no Ensino Superior, e aí muito longe de uma questão meritocrática, porque eu não acredito e não prego em nenhum momento a meritocracia, porque a gente sabe que as pessoas partem de lugares muito diferentes, então não tem como existir minimamente uma meritocracia com pessoas saindo de lugares diferentes e posições diferentes, como que conseguiriam chegar ao mesmo tempo nos lugares. Então não pensando na ótica da meritocracia eu consegui oportunidades muito boas na vida, sabe?</p>	<p>Além de motivação pessoal; Não prego meritocracia; Oportunidades boas</p>
	<p>Eu consegui estudar em uma escola muito boa de Ensino Médio, consegui ter uma base familiar apesar de ter sido constituída só pela minha mãe, a minha mãe sempre foi muito... sempre valorizou muito a educação, muito mesmo.</p>	<p>Escola boa; Ensino Médio; Base familiar; Mãe valorizou educação</p>

	<p>Então ela sempre apoiou muito a minha educação em casa, e ela sempre teve muita estrutura, posso dizer assim, pra que a gente pudesse estudar. Apesar das condições muito difíceis e precárias em casa, a gente nunca precisou abandonar ou evadir escola pra trabalhar ou alguma coisa do tipo. E ela sempre prezou muito por ela trabalhar mais do que 12 horas por dia, por exemplo, pra gente conseguir estudar, mesmo que em escola pública, mas que a gente conseguisse estudar. Ela valorizava muito a educação.</p>	<p>Apoiou educação; Estrutura para estudar; Não evadiu para trabalhar; Ela trabalhar mais que 12 horas; Valorizava a educação</p>
	<p>Eu consegui com meu boletim ganhar vaga em um preparatório pra escola de nível médio técnico federal, e consegui uma vaga no CEFET, que é uma escola de nível médio técnico federal, que tem um ensino muito bom. E aí essa escola me fez ter uma boa formação no Ensino Médio, e aí com essa formação eu consegui me sair bem no ENEM e comecei o curso de Biologia.</p>	<p>CEFET; Ensino muito bom; Boa formação; Sair bem no ENEM Comecei curso de Biologia</p>
	<p>E também consegui uma boa formação na graduação. Tentei novamente uma bolsa por uma prova em outro pré vestibular, aí já a nível de graduação, e fiz um pré vestibular e consegui novamente fazer o ENEM e passar no Ensino Superior.</p>	<p>Boa formação na graduação;</p>
	<p>Diferente da realidade de muitos colegas que tiveram uma vivência muito parecida com a minha, que partiram de lugares parecidos ao meu, mas que não tiveram tantas oportunidades quanto eu tive. Então acho que isso foi, isso fez muita diferença pra mim, acho que essas oportunidades que eu fui tendo ao longo do caminho.</p>	<p>Colegas com vivência parecida não tiveram oportunidades; Oportunidades ao longo do caminho</p>
<p>[Q3] As políticas de ações afirmativas te ajudaram a entrar na universidade?</p>		
	<p>Com certeza, com certeza.</p>	<p>Com certeza</p>
A.	<p>(...) hoje em dia você já vê uma diversidade muito maior na universidade, né? De racial, social e tudo, então com certeza isso mudou muito o perfil e contribuiu pra minha entrada também.</p>	<p>Diversidade maior; Com certeza mudou perfil; Contribuiu para entrada</p>

B.	Ajudaram porque assim, eu fui no Ensino Médio pro IF (Instituto Federal). Eu acho que tem uma qualidade melhor do que uma escola pública estadual, por exemplo, ou municipal. Só que eu acho que em relação aos colégios particulares de ponta, por exemplo, que os meus amigos da Medicina fizeram, com aquela dinâmica de simulado todo o fim de semana, do estudo voltado pro vestibular, eu não tive isso.	Instituto Federal; Amigos da Medicina têm vantagem por estudar na particular; Não tinha dinâmica de simulado; Não tive estudo voltado pro vestibular;
	Então eu acho que eu tive uma dificuldade maior, sabe, no Ensino Médio, em relação a meus colegas de particular. Então me ajudou sim, acho que a cota foi fundamental pra mim.	Dificuldade maior; Cota foi fundamental
C.	Eu só consegui entrar na UFMG por conta das políticas, porque é um fator que a gente, tendo o ensino muito secundarizado, a gente não tem incentivo.	Só consegui entrar pelas políticas; Ensino secundarizado; Não tem incentivo
	Então teve muitas coisas que eu tive que correr atrás muito depois, a política começa muito atrás, e eu acho que a política permite com que a gente tenha um fator de competição, que a gente consiga chegar lá, sabe? A gente começa muito atrás.	Correr atrás; Política começa atrás; Política permite fator competição; Consiga chegar lá;
D.	Entrar ajuda, manter já é mais complicado (risos). Mas com certeza a ação afirmativa foi muito importante para que eu conseguisse pensar na possibilidade da medicina.	Entrar ajuda; Manter é mais complicado; Com certeza; Ação afirmativa foi importante; Pensar na possibilidade
E.	Olha me ajudou, ajudou sim	Ajudou sim
F.	Ah, com certeza, com certeza, definitivamente, porque se não fossem as políticas afirmativas, eu não estaria aqui.	Com certeza; Definitivamente; Sem ela não estaria aqui
G.	Sim, é muito, muito interessante pensar como que as políticas de ação afirmativa são muito importantes para o ingresso na faculdade.	Sim; São muito importantes

	Para permanência já são outros 500, mas para o ingresso na faculdade, para mim foi muito, muito positivo, definitivamente.	Para permanência outros 500; Para o ingresso muito positivo
	Com a nota que eu tirei, eu não conseguiria entrar sem as políticas de ação afirmativa, então, definitivamente foi um definidor de se eu conseguiria passar ou não, se eu não tivesse acesso às políticas eu não teria conseguido.	Com a nota não conseguiria; Definidor se passaria; Sem o acesso às políticas não conseguiria
[Q4]As políticas de ações afirmativas te ajudam a manter-se na universidade?		
A.	Então, eu acredito que isso vai ajudar muito de pessoa pra pessoa. No meu caso, sim.	Pessoa pra pessoa; Meu caso sim
	Eu creio que da mesma forma que contribuiu pra minha entrada, facilita a minha permanência também, mas também por eu ter tido já uma outra experiência de graduação.	Contribuiu para entrada; Facilita a permanência; Outra experiência de graduação
	(...) mas a gente tem também algumas ações afirmativas para seleções nesses projetos (iniciação científica, monitoria e projetos de extensão) que já é outra coisa que contribui também. Então ter essas ações afirmativas depois, eu falei que parava no acesso, mas não, eu acho que essa daí é um ponto extremamente importante onde também entram essas ações.	Ações afirmativas para seleção de projetos;
B.	Depende. Eu acho que pra acessar FUMP (Fundação Universitária Mendes Pimentel), questão econômica, pra eu me manter foi mais fácil com a cota. Porém psicologicamente eu acho que não impacta em nada.	Depende; Acesso à FUMP; Psicologicamente não impacta
	Eu acho que quando você é um aluno cotista, você entra pela cota, então nem é que você é ajudado, eu acho que acontece uma forma de justiça social dentro daquilo. Eu acho que a partir da cota pensam que você equipara, e eu acho que você não tá equiparado. Com as pessoas de escolas particulares você equipara a partir da cota,	Justiça social; Não tá equiparado; Cota equipara para entrar e dentro da universidade todo mundo tá na mesma; Menos acesso;

	e quando você tá dentro da universidade, eu acho que tá todo mundo na mesma. Eu acho que estudantes cotistas tem menos acesso, principalmente financeiramente, porque normalmente são estudantes negros e pobres.	FUMP ajuda principalmente financeiro
	Então eu acho que é difícil. Mesmo sendo cotista, a manutenção é mais difícil dentro do curso. Pra questão psicológica também.	Difícil; Manutenção é difícil
C.	É, a política de assistência estudantil, sim, eu acho que sem essas políticas eu não estaria aqui hoje. Foi muito difícil, eu só vim na verdade porque eu sabia que tinha FUMP (Fundação Universitária Mendes Pimentel) e tal, e que ela poderia me assistir de uma forma.	Política de assistência estudantil; Sem elas não estaria aqui; Só vim porque sabia da FUMP
	(...) meus pais tiveram que fazer malabarismo para que eu ficasse aqui em BH e que eu conseguisse me sustentar.	Pais fizeram malabarismo
D.	Entrar ajuda, manter já é mais complicado (risos).	Entrar ajuda; Manter é mais complicado
	Eu acho que o problema é que tipo, eu entrei com as cotas, e tenho o auxílio da FUMP, mas mesmo assim ainda é cansativo, sabe? Principalmente pra pegar ônibus, eu pego mais de um ônibus por dia pra chegar na universidade e é muito exaustivo, e todo final de semana eu tenho que trabalhar pelo menos um dia, ou sábado ou domingo, pra poder ajudar em casa e também com a compra dos meus materiais.	Auxílio da FUMP; Ainda é cansativo, principalmente pegar ônibus; Exaustivo; Tem que trabalhar; Ajudar em casa
	Ajuda sim, demais, (a FUMP) mas mesmo assim ainda não é o suficiente. Tipo, eu consegui o auxílio manutenção depois de um ano no curso que é 400 reais. Já me ajuda, só que não é o suficiente para eu poder parar de trabalhar, minha mãe não ganha tanto e eu não gosto também de ter que depender sempre dela e da minha vó, sabe?	Ajuda sim; FUMP não é suficiente; Não é suficiente para não trabalhar; Depender da mãe e da avó

E.	Para mim a UFMG é tipo assim, a cota da UFMG ajuda para se manter junto com a FUMP (Fundação Universitária Mendes Pimentel).	Ajuda junto com a FUMP
	Então tipo, lá em casa foi um dos pontos da discussão, de como ia fazer para pagar o transporte, porque em São Paulo tinha integração e a capital São Paulo também dá cotas de ônibus que você não precisa pagar. E eu era do PROUNI (Programa Universidade para Todos), então recebi a bolsa permanência e também recebi o vale transporte. Aqui em BH não tem essa integração, não tem vale estudante, não tem nada.	Ponto de discussão em casa era como pagar transporte; Recebia vale transporte e em BH não tem
	Olha para além da FUMP o que me faz manter no curso, o que ajuda, é que eu sou ficcionado na medicina, sou realmente apaixonado.	Ajuda que sou ficcionado na medicina
	E quando eu tô aqui sentado também não tem só não tem só eu sentado, quando eu tô estudando não estou só eu estudando, tem todo mundo que me deu todo o apoio para eu estar aqui, segurando a minha barra por trás. Então tá minha mãe na Bahia trabalhando todos os dias, tá meu tio, tá meus avós, tá meu pai, tá todo mundo, uma rede inteira para conseguir me manter aqui.	Não tem só eu sentado, não sou só eu estudando, tem todo mundo que me deu apoio; Tá minha mãe trabalhando; Tios, avós, pai; Rede inteira
F.	Olha, eu acho que sim, principalmente pelas pessoas que estão lá comigo.	Acho que sim; Principalmente pelas pessoas
	E querendo ou não, estar ali com o meu grupo de amigos, o núcleo ali, todo mundo, acho que só tem uma pessoa que não entrou também por política afirmativa. Então querendo ou não tem muita essa questão de identificação, né. E eu estava conversando hoje sobre isso com uma amiga minha, que também é de políticas afirmativas, às vezes se manter no curso é muito difícil, por conta da carga horária, dos desafios, que é muita coisa, é muito intenso. E ter as pessoas próximas assim é definitivamente um motivador, sabe, para	Estar com grupo de amigos que entraram por políticas; Questão de identificação; Manter é difícil; Carga horária; Desafios; Muito intenso; Pessoas próximas é motivador; Cuidado como pessoa;

	continuar lá e continuar motivado também, não só o nosso cuidado próprio como pessoa, mas também cuidar um do outro. E tenho certeza que se não tivesse essa galera lá eu não teria tantas amizades, igual eu tenho. Eu acho que principalmente nesse sentido é o que me... Acho que esse é o fator principal mesmo das políticas para me manter lá ainda, entendeu?	Sem essa galera não teria amizades; Fator principal para me manter
G.	Eu sinto que muitas vezes as políticas da UFMG são para inglês ver, do tipo, “entre na faculdade e se vire”.	Para inglês ver; Entre e se vire
	(...) eu sinto isso um pouco também nas outras ações afirmativas, apesar da gente ter, por exemplo, a Fump, que é um órgão muito bom, eu ainda sinto que é um tanto quanto, ouvindo as histórias dos colegas, eu sinto que é um tanto quanto difícil para as pessoas se manterem na universidade, apesar dos auxílios que a universidade dispõe, especialmente financeiro.	FUMP é muito bom; Tanto quanto difícil se manter; Apesar dos auxílios; Financeiro
	Ainda assim, são muitas coisas que a gente vai enfrentando no dia a dia, assim, para a nossa permanência, é uma coisa muito distante ainda da realidade, ajudou a entrar, foi muito bom, mas agora como permanência eu acho que, deveria ser uma política mais continuada, assim, sabe? Algumas coisas da UFMG deveriam ser voltadas mais para a permanência desses estudantes e, por exemplo, a Fump não tem uma, eu desconheço pelo menos, não tem um critério de inclusão de pessoas negras, para as diversas funcionalidades.	Permanência é distante da realidade; Política continuada; Voltar para permanência; Fump não tem critério para negros
	Então eu sinto essa falta, eu acho que a universidade não tem muitas políticas que visem a nossa permanência lá, coloca a gente lá dentro, que é bom, mas por outro lado nem todo mundo consegue chegar ao final, né.	UFMG não tem muitas políticas; Nem todo mundo consegue chegar no final
[Q5] O que contribui para que você se sinta bem na universidade?		
A.	Então, eu acho que uma característica, assim, que pega para mim mesmo, que me	Família morar na cidade

	ajuda bastante, é o fato de minha família já morar aqui na cidade.	
	E pensando dentro da universidade, eu acredito que o que mais contribui para mim é o relacionamento entre as pessoas mesmo, a contribuição mútua, porque vindo da universidade em si acho que são poucas as medidas que eu vejo.	Relacionamento entre pessoas; Contribuição mútua; Poucas medidas da universidade
	A gente tá com uma assistência estudantil muito limitada, muito pouco abrangente, então vindo da universidade eu não consigo citar muita coisa não.	Assistência estudantil limitada; Pouco abrangente
B.	Sem os meus amigos, eu acho que são fundamentais pra minha trajetória na medicina. A minha família me dá muito apoio também. Eu acho que as minhas relações me dão muito suporte. Eu acho que sem essas relações seria complicado.	Amigos fundamentais; Família dá apoio; Relações dão suporte
	Morar perto da faculdade me ajuda muito também.	Morar perto
	E a casa de Candomblé. Eu tô no Candomblé há mais ou menos... cinco meses, e tem me feito muito bem. Realmente é uma... é um universo, sabe, que eu me coloquei, que tem me feito muito bem. Tem me feito mudar muito minha percepção sobre as pessoas, sobre o curso, acho que eu tenho estado mais paciente também comigo, com as pessoas, com o meu processo.	Candomblé; Estou mais paciente
C.	(...) quando eu cheguei, pra mim foi muito difícil isso, porque como eu perdi na banca foi meio que uma desconstrução de tudo que eu tinha aprendido sobre mim, sabe?	Cheguei e foi difícil; Banca de heteroidentificação; Desconstrução de mim
	E aí eu fiz amizade com uma amiga minha, que ela tá no grupo Movimento Negro, e aí eu acabei entrando nesse grupo do Movimento Negro, e atualmente eu participo da Liga de Saúde da População Negra.	Amizades; Movimento Negro; Liga de Saúde da População Negra

	Então dentro da medicina eu demorei muito a me encontrar, ainda mais porque é um curso muito elitizado, é um curso, sei lá, eu me sentia meio desconectado como se eu não devesse estar ali, por muitos fatores.	Demorei a me encontrar; Curso elitizado; Sentia desconectado; Não devesse estar ali
	Pra mim foi muito difícil me encontrar dentro desse meio, demorou muito, mas eu acabei me encontrando com meus amigos que funcionaram como uma rede de apoio, porque sem isso eu acho que eu não conseguiria também estar no curso.	Muito difícil me encontrar Encontrei amigos; Rede de apoio; Sem isso não conseguiria
	(...) pra me encontrar dentro da UFMG, eu acho que foi até mais fácil. Por exemplo, eu entrei em um grupo de extensão, então eu comecei a ir em escolas, eu gosto muito dessa área de educação, dessa possibilidade que a educação pode permitir, de alguma forma, levar um pouco do conhecimento que eu tive durante a minha trajetória enquanto pessoa e enquanto acadêmico.	Grupo de extensão; Educação possibilita levar conhecimento
	Conversando com o Movimento Negro, conversando com amigos, entendi que assim, esse curso é pra mim.	Movimento Negro; Amigos; Curso é pra mim
D.	Minha rede de apoio com certeza sem minha mãe e minha vó eu não ia tá conseguindo me sustentar. E não só pelo apoio financeiro que é muito importante, mas também o apoio que elas dão de incentivar (...)	Rede de apoio; Mãe e vó; Apoio financeiro; Apoio de incentivar
	(...) tenho uma amiga também, que pega muitos serviços junto comigo, ela sempre me incentiva pra continuar estudando, pra não desistir e isso é muito importante também.	Amiga; Incentiva a continuar estudando; Não desistir
	Da minha turma eu sou o mais ferrado financeiramente, não tem jeito, mas meus colegas me dão uma força também, tenho amigos que me ajudam também a continuar estudando.	Colegas dão uma força; Amigos ajudam a continuar
E.	(...) porque tem muita gente que não entende, mas tem gente que entende	Conviver com quem entende;

	<p>também. E é isso que vai fazer com que a gente vá passando também, é conviver com essas pessoas que entendem, e as que não entendem a gente manda um beijo e fala “pode seguir sua vida”. Mas bom que meu grupinho entende (...)</p>	<p>Grupinho entende</p>
	<p>E acho que a vida pede isso, a vida pede a imagem de cabeça erguida e eu tô na minha terapia, então tá tudo bem. Vai trabalhando tudo isso tudo e ao longo do caminho vamos ficando melhor em lidar com tudo isso, junto com a terapia.</p>	<p>Vida pede isso; Cabeça erguida; Terapia</p>
<p>F.</p>	<p>(...) minha família, né, óbvio. Se não tivesse a ajuda deles, assim, eu não conseguiria estar cursando. Quer dizer, conseguiria a gente sempre dar um jeito, né? Na vida a gente consegue dar um jeito em tudo. Mas nossa, seria muito mais complicado.</p>	<p>Família; Sem eles seria mais complicado</p>
	<p>(...) meu namorado ele me dá muita força pra poder continuar. Às vezes eu fico em crise aqui, porque eu procrastino muito. E aí eu acabo, sei lá, deixando pra estudar muito perto da data da prova, por exemplo. E aí ele sempre me motiva a não procrastinar.</p>	<p>Namorado; Fico em crise; Procrastino muito</p>
	<p>E as vivências, as próprias coisas que a faculdade proporciona, tipo, os espaços de convivência, que a gente pode ficar lá fofocando, falando mal dos outros também, por exemplo, faz parte (risos). Isso me motiva a ir pra aula, porque eu sei que os meus amigos vão estar lá. E aí, por exemplo, eu... Porque tem muitas coisas na faculdade, né?</p>	<p>Espaço de convivência; Ficar fofocando; Motiva a ir pra aula; Meus amigos estarão lá</p>
	<p>Tem muita liga, extensão... Isso é um motivador para continuar lá.</p>	<p>Liga Acadêmica; Projetos de extensão; Motivador</p>
	<p>Mas o meu caso específico é que eu sempre gostei de esportes, principalmente de vôlei, só que eu nunca tive a oportunidade de praticar. E aí, na faculdade, eu tô num time de vôlei, estou melhor no vôlei.</p>	<p>Esportes; Time de vôlei da faculdade</p>

	<p>E aí, ter contato também com os veteranos é bom, porque a gente consegue...tipo, eu pelo menos, eu fico pensando assim, “nossa, vou aguentar o ciclo básico, porque daqui a pouco o ciclo clínico tá aí”. E ter esse contato com eles, eu consigo entender melhor como é que funciona e eu sei que se eu precisar de alguma dica, algum material, eu sei que eu posso contar com eles também. Fora os grupos, né? O D.A. (Diretório Acadêmico) também sempre compartilha drives que tem na faculdade com resumos.</p>	<p>Contato com os veteranos; Consigo entender melhor; Veteranos dão dicas e material; Diretório Acadêmico</p>
G.	<p>Eu acho que as amizades e as pessoas que a gente constrói na trajetória são fundamentais para nossa permanência, para nossa saúde mental, que sem saúde mental a gente não consegue ficar na universidade, é muito difícil.</p>	<p>Amizades são fundamentais; Fundamental para saúde mental; Muito difícil</p>
	<p>E eu acho que as amizades, as pessoas que a gente encontra no caminho são importantíssimas para dar essa força para a gente, para a gente compartilhar nossas angústias também, com pessoas que estão vivendo aquelas angústias parecidas. E isso realmente tem sido muito bom na trajetória, porque tem momentos que a gente se encontra muito, muito sozinho, muito desamparado, de modo geral. E aí a gente encontra nessas pessoas alguém para caminhar junto, para dividir a carga, e também para receber um pouco da carga da pessoa, para compartilhar de fato. E isso para mim tem sido um diferencial. Eu consigo muito me sentir bem mentalmente, principalmente, na universidade por conta das amizades, enfim, das pessoas que a gente vai conhecendo ao longo desse tempo.</p>	<p>Amizades são importantíssimas; Dar força; Compartilhar angústias; Pessoas que vivem angústias parecidas; Se encontra sozinho; Desamparado; Alguém pra caminhar junto; Compartilhar; Isso é diferencial</p>
	<p>Mas em relação à política de assistência social, por exemplo, a Fump tem sido muito importante para mim desde o início da faculdade, desde a época da Biologia. É muito importante para eu conseguir de fato permanecer estudando na universidade. Mas comigo ela está funcionando muito</p>	<p>Política de assistência social; FUMP tem sido importante; Conseguir permanecer estudando;</p>

	bem, está sendo uma coisa muito positiva, mas são várias histórias que a gente escuta de pessoas que não conseguem um acesso, enfim, talvez por uns critérios que a gente desconhece dentro da instituição.	Funcionando muito bem;
[Q6] Existe algum impacto negativo na sua vivência na universidade?		
A.	(...) a FUMP (Fundação Universitária Mendes Pimentel) é extremamente engessada nesse sentido. Então, ela usa alguns conceitos que eu não vejo aplicabilidade. Só para te dar um exemplo, eu tenho um irmão que não mora com a gente já faz mais de sete anos e eles consideram ele no estudo até hoje. Então, eles não consideram a realidade de fato que a gente vive aqui, né? Então, por exemplo, a nossa situação de acordo com o CadÚnico e de acordo com a FUMP é totalmente diferente. Então, infelizmente, eu fiquei bem desabastecido nessa nova entrada.	FUMP é engessada; Conceitos sem aplicabilidade; CadÚnico diferente FUMP; Desabastecido
	(...) eu contava a gente ter pelo menos o auxílio no restaurante universitário e isso pesa bastante, porque ainda existe um subsídio, né? Então, você pensa que um dia inteiro, o custo de deslocamento, que já é alto, com duas refeições a 5,60, então, pesa bastante. Então, esse, com certeza, foi um dos maiores limitadores, assim.	Auxílio; é limitador; Custo deslocamento pesa bastante
B.	Então, minha mãe, ela tem um colégio pequeno em Salvador, de bairro. E aí eu ajudo ela em questão de documentação, de planejamento, de projeto. É um pouco pesado, tudo que é demanda é semanal para entregar. Mas eu, por exemplo, não tenho que bater ponto em algum lugar, entendeu? Que seria impossível, com a minha dinâmica, com o curso integral. Mas ocupa um tempo que a maioria dos meus colegas não trabalham e eu sinto impacto disso, sabe? Principalmente tempo de estudo.	Ajuda a mãe no trabalho; Planejamento de horário; Não tem que bater ponto; Curso integral; Ocupa tempo; Colegas não trabalham; Sinto impacto
	Eu tenho um milhão como negativo (risos). Muita coisa.	Milhão como negativo

	O primeiro é que eu acho que a faculdade de medicina, principalmente no ciclo básico, depois dizem que é melhor inclusive, ela é muito densa de conteúdo.	Densa de conteúdo
	(...) a cobrança dos professores (...)	Cobrança dos professores
	Tem a própria questão do ego, os alunos de medicina são muito egocêntricos, sabe?	Ego dos alunos
	(...) mesmo com colegas de turma, mesmo quando você não é amigo de alguém, você tem uma tendência maior a ajudar essa pessoa, a compartilhar mais os momentos. Na medicina parece que é sempre uma disputa, sabe?	Disputa
C.	Porque é um curso onde você tem provações constantemente de que você é pobre e que você não deveria estar lá, sabe? Tipo, eu me sentia, sei lá, parece que eu caí aqui, sabe? Porque conversando com meus colegas, naquele momento sem ter uma identificação, parecia que a trajetória deles era pra estar lá e a minha eu joguei pra aqui... tipo, não sei se você consegue entender, pra eles a construção deles enquanto pessoa foi pra estar na UFMG e a minha foi jogar pra UFMG. Tipo, eu não tive uma construção, meus pais não tiveram acesso ao Ensino Superior, então pra mim foi muito difícil.	Provações constantes; Sentia que caí aqui; Não ter identificação; Colegas tiveram construção para estar na UFMG; Meus pais não tinham Ensino Superior
	Por exemplo, eu tenho lá um colega que o pai dele é dono da metade do Horizonte, que é um hospital referência em BH, e eu não tenho nada que eu possa... sabe? Eu não tive contato com a medicina fora da UFMG.	Colega pai é dono de hospital; Eu não tenho nada; Não tive contato com medicina
	E quando eu cheguei também tinha muito, a galera solta uns comentários muito estranhos sobre ser cotista, e eu tenho muito orgulho, eu não tenho vergonha nem nada, eu sei que aqui é meu lugar. Eu acho que a galera, isso não é algo que eles falam diretamente, é algo mais velado, tipo, faz um rodeio para chegar em uma coisa pra dizer que você não deveria estar aqui.	Comentários estranhos sobre ser cotista; Tenho muito orgulho; Não tenho vergonha; Aqui é meu lugar; Algo velado; Você não deveria estar aqui

	<p>Por ser um curso que tem uma galera mais elitizada, eu acho que eles sempre tendem a reforçar que você não deveria estar ali, mesmo que velado, isso que me deixava mal essa forma mais velada. Porque antes eu falava: “não é coisa da minha cabeça”. Só que foi tanta coisa, tipo, às vezes eu pensei que era coisa da minha cabeça que eu parei e falei: “não, realmente tem um problema nisso aqui”.</p>	<p>Galera elitizada; Reforçar que você não deveria estar ali; Mesmo que velado; Me deixava mal</p>
D.	<p>Eu pensar que o mundo é muito injusto, sabe? Pensar que eu tenho que fazer tanto a mais que a maioria, ficar comparando, quando fico comparando aí que começo a ficar mal também.</p>	<p>Mundo é injusto; Tenho que fazer tanto a mais que a maioria; Ficar comparando; Fico mal</p>
	<p>Os horários de aula também, que são muito doidos, eu to no 5º período e ainda não começou o internato né, mas tem muitos horários que atrapalham por exemplo de conseguir trabalhar algum outro horário na semana. E como moro longe da UFMG eu também fico cansado com horários de ônibus, de ter que ficar muito tempo pra chegar em casa, então os horários são bem ruins.</p>	<p>Horários de aula; Horários atrapalham a trabalhar; Moro longe; Cansado com horários de ônibus</p>
E.	<p>Eu acho assim, o impacto negativo é quando eu vou para aula e aí eu vejo que aquela aula é só o slide que o professor está mostrando, que não é nada demais. Eu acho que ainda tem um pouco da expectativa, do calor de estar na UFMG, de ter uma aula magnífica e tal. E às vezes o professor, apesar de todos professores que eu tive até hoje serem muito bem formados, têm uma qualificação extraordinária, mas tem alguns que você olha assim você fala: “você tá lendo só o slide e eu queria saber mais”. Aí você vê aquela sensação de: “ele podia ter falado mais alguma coisa, podia ter aplicado, mesmo ainda sendo o ciclo básico, ele podia ter aplicado mais à clínica, à medicina para dar aquele up”.</p>	<p>Aula é só slide; Poderia ter falado mais; Podia ter aplicado mais à clínica</p>
	<p>E eu não gosto muito de sobrecarregar meus pais, e aí vem um pouco esse negócio de não gostar muito de sobrecarregar e</p>	<p>Não gosto de sobrecarregar meus pais;</p>

	<p>ficar tipo pedindo dinheiro. Cria um sentimento ali de falar: “nossa tô dando mais gasto, tô fazendo meus pais trabalharem mais que já estão”. Fico mais cansado e aí esse negócio, pensar um dia só não faz tão mal para você mas eu, que sou uma pessoa ansiosa, eu começo a pensar várias e várias vezes e aí no final do dia eu estou deprimido, tô completamente sem conseguir mais estudar porque minha cabeça só tá pensando que eu estou dificultando a vida de pessoas que já tem uma vida difícil. E aí você precisa contrapor esta ideia de que você tá piorando uma vida difícil, com uma ideia de uma vida melhor que você pode dar no futuro. Só que esse futuro é um futuro incerto, que você não sabe se ainda tá um pouco distante.</p>	<p>Sentimento de estou dando gasto; Fico mais cansado; Sou uma pessoa ansiosa; Fim do dia estou deprimido; Sem conseguir estudar; Futuro incerto</p>
	<p>Então na medicina isso é uma das coisas que acontecem que é muito ruim. A maioria das pessoas ali tem condições e aí é um pessoal que fala muito de currículo, fala muito de residência, e você vê aí o povo tá indo pro congresso, tá fazendo curso de urgência emergência, tá fazendo curso de idiomas. E você pensa naquilo e você fica falando assim: “eu acabei de comprar meu notebook com 21 anos, meu primeiro notebook, então a minha realidade não é a mesma deles”.</p>	<p>Maioria das pessoas têm condições; Minha realidade não é a mesma deles</p>
F.	<p>Acho que o principal é a carga horária. Carga horária.</p>	<p>Carga horária</p>
	<p>Por exemplo, igual quando tem semana de prova, eu tenho prova amanhã. E aí eu sei que eu vou ficar que nem um zumbi amanhã, porque eu preciso acordar para estudar. E aí é muito complexo, porque esse período, por exemplo, é muito puxado, tem muita prova, quase toda semana eu vou ter pelo menos uma prova. E aí querendo ou não, isso também pesa um pouco na saúde mental.</p>	<p>Muitas provas; Pesa um pouco na saúde mental</p>
	<p>E eu fico muito ansioso. Ainda mais que eu tenho tendência a procrastinar, eu vou ficar em surto toda hora. Mas enfim, isso é</p>	<p>Ansioso; Tendência a procrastinar;</p>

	<p>coisa pra eu trabalhar na terapia, né? (risos). Porque eu estou trabalhando nisso, mas eu não consegui superar ainda. É uma coisa que... não vou falar que atrapalha, eu não sei se atrapalha, mas dificulta um pouco.</p>	<p>Trabalhar na terapia; Não consegui superar; Dificulta um pouco</p>
	<p>E da mesma forma que eu coloquei com os colegas, que me ajudam a me manter lá tem alguns colegas que são ao contrário, entendeu? Porque tipo assim, sabe aquele estereótipo de menina branquinha que teve tudo na vida? Sabe? Eu já fui cansado para essas pessoas.</p>	<p>Colegas que são o contrário; Estereótipo de menina branquinha que teve tudo na vida; Já fui cansado para essas pessoas</p>
G.	<p>Ah, aí são muitas coisas, de fato. Eu acho que uma delas está muito associada com o que faz eu permanecer, que é justamente ter que fazer esses <i>freelancers</i>, sabe? É muito bom para mim fazer, conseguir estar na faculdade, mas ao mesmo tempo tem momentos que eu encaro e penso tipo assim “poxa, isso está me atrapalhando de uma forma muito grande”, porque geralmente é no final de semana que é o tempo que eu tenho para estudar, geralmente é de noite, então cansa muito, desgasta muito a gente.</p>	<p>Fazer <i>freelancers</i>; Desgasta muito</p>
	<p>Eu acho que a pressão também dos professores é uma coisa que influencia muito, acho que eles não estão muito importando com a nossa sanidade mental, com o que a gente se sente bem ali, enfim, são muito distantes da nossa realidade, né?</p>	<p>Pressão dos professores; Não importam com nossa sanidade mental; Distantes da nossa realidade</p>
	<p>A competitividade entre os alunos é uma coisa que me atrapalha muito também, eu tento não deixar isso me afetar, mas no final a gente olha assim e fala, “caraca, é um ambiente que não faz bem, é uma coisa que desgasta nossa energia”, e tem muito isso na medicina.</p>	<p>Competitividade entre alunos; Ambiente que não faz bem;</p>
	<p>Eu acho que outra dificuldade são as poucas quantidades de bolsas de monitoria, enfim, de coisas que a gente faz para além da graduação, acho que isso</p>	<p>Poucas quantidades de bolsas; Não acessar essas bolsas;</p>

	<p>também influencia negativamente na permanência, uma vez que a gente não consegue acessar essas bolsas que teriam retorno financeiro, ou muitas das vezes essas bolsas são voluntárias. O voluntariado é ótimo, é incrível, mas não no contexto de quem precisa de dinheiro para se manter na faculdade, né?</p>	<p>Precisa de dinheiro para se manter</p>
	<p>No começo do curso também, eu sentia muito uma pressão do lugar, da faculdade de medicina, das pessoas que convivem ali. Mas era um incômodo mais pessoal, agora eu já consegui me adaptar melhor. Mas eu sentia muito essa pressão do espaço, como que aquele espaço era diferente da minha realidade, como que as pessoas que frequentam ali sempre eram pessoas que estavam em lugares que eu colocava como inalcançáveis. Então assim, hoje eu já consegui me adaptar com muita terapia colocada na cabeça do tipo “não, ali é seu lugar também, se todo mundo está ali, é seu lugar”. Aí você tem que ocupar esses espaços, mas no começo é bem desafiador, você ver tanto de gente diferente da sua realidade e ter que de fato entrar naquilo ali, fazer parte porque a gente tem que fazer parte também.</p>	<p>Pressão do lugar; Pressão das pessoas; Pessoas que estavam em lugares que eu colocava como inalcançáveis; Consegui me adaptar com terapia; Ocupar esses espaços é desafiador; Gente diferente da sua realidade</p>
<p>[Q7] Como são as suas relações pessoais dentro da universidade (com colegas, professores e funcionários)?</p>		
<p>A.</p>	<p>(...) isso daí me surpreendeu positivamente, porque eu entrei com esse receio, né? Como eu já estaria entrando dez anos depois de ter entrado na minha primeira vez, eu tive aquela percepção de que talvez eu estaria um pouco deslocado por idade e tudo. Mas o curso da medicina, eu acho que até alguns outros da área da saúde também, mudam bastante isso. A gente não tem mais aquele perfil que o discurso tem de todo mundo abaixo de 20 anos. Então, é uma diversidade muito grande de locais e de idades também.</p>	<p>Percepção de que estaria um pouco deslocado por idade; Diversidade de locais e idades</p>
	<p>E eu acabei tendo uma facilidade enorme para poder criar laços lá, justamente por esse curso mais diverso. Então, a gente tem</p>	<p>Facilidade para criar laços; Curso mais diverso;</p>

	o meu grupo de amizades, por exemplo, é gente de todo tipo, de todo lugar. E isso, com certeza, ajudou demais, porque a gente sempre está estudando junto, fazendo as coisas juntos.	Gente de todo lugar
	A medicina também é um curso que tem uma fama de ser muito individualista, né? Mas que a gente, por enquanto, está conseguindo quebrar isso e levar o negócio mais assim, de colaboração e tal.	Medicina tem fama de individualista; Conseguindo quebrar essa fama; Colaboração
	Eu acho que é o perfil de professor até diferente também do que a gente, do que eu estava acostumado no ICEX (Instituto de Ciências Exatas), na Engenharia... Então, é uma dinâmica mais de colaboração mesmo. Acho que são professores que tentam realmente fazer de toda forma com que a gente absorva aquilo, de uma maneira não punitiva, vamos dizer assim.	Perfil de professor diferente das exatas; Dinâmica de mais colaboração
	Os funcionários que a gente tem também, por exemplo, lidando ali em laboratório, no espaço da própria faculdade, são pessoas extremamente tranquilas e boas de lidar.	Funcionários pessoas tranquilas
B.	Eu entrei mais aberta, eu acho que mais aberta às pessoas, as possibilidades (...) Só que hoje eu tenho uma rede de apoio, uma rede de amigos muito mais fechada (...) e isso que ajuda a me manter (...)	Entre mais aberta; Rede de apoio mais fechada; Ajuda a me manter
	Esses amigos me fazem bem, a minha rede de apoio, a galera que eu dou risada, que eu saio, que eu conto se eu precisar de alguma coisa.	Amigos; Rede de apoio; Galera que conto se precisar
	Mas dentro do meu curso, eu vejo que é uma elite, que eu não me vejo muito nessas pessoas, sabe?	Elite; Não me vejo nessas pessoas
	Não que eu esteja ignorando essas pessoas, fingindo que elas não existem, mas me comparar a essas pessoas, em estar perto dessas pessoas, conviver mais próxima a essas pessoas, não tem me feito bem. Porque eu sinto que a realidade é muito	Comparar a essas pessoas; Conviver mais próxima a essas pessoas não me faz bem;

	diferente da minha. E talvez são relações que eu não queria estabelecer tanto, sabe?	Realidade diferente da minha
C.	(...) teve professores que tiveram comentários muito escrotos na época do ciclo básico, tipo assim, era basicamente falando que pessoas que tinham QI elevado tenderiam a produzir pessoas com QI elevados e isso era reflexo da faculdade de medicina à exceção dos cotistas.	Professores com comentários ruins; Pessoas com QI elevado geram pessoas com QI elevado; Reflexo da medicina exceto cotistas
	(..) teve colegas, por exemplo, que no final do primeiro período, perguntavam: ‘ah, qual foi a melhor experiência da faculdade pra você?’ Aí a pessoa basicamente falou: ‘ah, o encontro que eu tive em meio a essas pessoas que eu não teria convívio, que eu não encontraria. Onde eu estava, na minha realidade, nem todo mundo pensava diferente, tinham perspectivas iguais, pensavam as mesmas coisas, e pra mim foi muito difícil me adaptar a esse choque’. Basicamente ela tava falando que ela tava se encontrando no universo com minorias, e aí tipo, essas coisas antes me davam um choque, agora eu acho que eu tô mais anestesiado.	Colega falando que estava se encontrando no universo com minorias; Me dava choque; Agora estou mais anestesiado
	Olha, com meus colegas de turma, no geral a turma, eu diria que é uma relação de algo mais distante, a depender da turma.	Colegas de turma; Relação distante
	É porque a galera tem uns papos muito: “aí, eu fui lá, gastei 200 reais no, esqueci o nome do lugar... enfim, nos lugares que a galera frequenta, que frequenta quem paga muito, e isso meio que dá um choque, né? Tipo assim, porra, sei lá, eu como no R.U., e com essa galera... ai, não dá para fluir. Aí eu percebi que é melhor conversar com seus amigos, e está tudo bem. Enfim, é difícil fazer vínculo com outras pessoas, de outras realidades, porque de alguma forma, você sempre está sendo julgado, não sei, eu sempre sinto isso. Eu tenho uma amiga que, por exemplo, ela tem uma realidade totalmente diferente da minha, e às vezes eu falo umas coisas para ela, e eu sinto que ela não me entende, ou ela tenta	Lugares que só frequenta quem paga muito; Difícil fazer vínculo; Está sempre sendo julgado; Realidade totalmente diferente da minha

	entender, mas ela não consegue. Aí eu falo: “tá bom, amiga”.	
	As relações com os professores, eu acho que alguns professores têm um certo preconceito, acho que é um preconceito mesmo, mas tem aquele ar de superioridade, como se fosse o supra sumo da inteligência. Só que tem outros professores que, sei lá, traz a gente pra medicina, deixa a gente confortável, deixa a gente aberto às dúvidas, a querer buscar conhecimento, e é isso.	Professores têm certo preconceito; Ar de superioridade; Professores que deixam a gente confortável
	(...) a gente tinha uma matéria chamada ciências sociais aplicadas à saúde. Tipo, um show de horrores pra mim. Por exemplo, eu acho que eles foram obrigados a falar sobre negros, sobre pessoas trans, e eu não lembro muito mais. Só que, gente, pra mim foi horrível a aula de negros, tipo, eram várias ideias... que, por exemplo, na nossa sala, teve uma menina que ela contou que a amiga dela, que ela achava que ela era branca, e aí ela perdeu na banca, e ela não passou na segunda banca e ela disse: “mas ela era até inteligente pra ter jogado para ampla concorrência, mas ela bestou e aí jogou pra cota de negro”. A galera às vezes perde a noção, não sei, porque eu acho que nunca teve noção também (risos). Teve uma outra também que falou que a família dela era mais racializada, tinha um conhecimento racial, aí disse: “quando eu era criança, eu tinha uma boneca preta”. E aí acabou, ponto. Aí fico tipo: “cala a boca, só cala a boca” (risos).	Show de horrores; Comentários racistas; Galera perde a noção
	Com os funcionários, eu não tenho tanta relação, acho que é o contato mais do dia a dia, mas eu gosto muito de cumprimentar, dar bom dia, de conversar, perguntar o nome, eu acho que é muito importante também. Eu vim de uma cidade muito pequena, e a gente sabe os nomes de todo mundo, e aí eu gosto de estar perguntando: “ah, qual o seu nome?” Aí ela fala, fala, aí	Funcionários é o contato do dia a dia

	fico: “ah bom dia então, fulano”, mas é isso.	
D.	Eu acho que são boas, nunca tive grandes problemas assim, converso mais com meus amigos mas mesmo assim não tenho problemas com os outros colegas.	Boas relações
E.	Eu acho que é uma relação boa tipo assim, um dos meus medos quando eu vim para cá é de não ter, de não conseguir fazer amigos, para ter um apoio na faculdade, mas consegui, ainda bem, e tá mantendo esse apoio.	Relação boa; Medo de não fazer amigos
	Com os professores eu não tenho assim, uma relação, eu tô entrando terceiro período né e aí os veteranos lá que dizem que tem alguns professores que gostam de pisar no aluno. Mas assim, eu ainda não tive esses professores, só que é só o final do terceiro período.	Boa relação com professores
F.	(...) uma coisa que eu reparo muito, que alguém fala assim “ah, é porque o meu avô era fulano, meu avô era, sei lá, era professor daqui da UFMG, meu avô era médico, sabe, meu avô era, sei lá, dentista”, esse tipo de coisa. E meu avô não sabia nem ler, escrever, sabe? E, tipo, é nesse sentido também, que as pessoas já têm uma estrutura familiar muito boa, de estar no Ensino Superior, e querendo ou não, isso diferencia um pouco, né? Fora também das próprias vivências das pessoas, porque às vezes ... ah, é porque tem umas pessoas tão imaturas lá, e não é questão de idade mesmo, sabe? Porque, tipo, sei lá, parece que a pessoa tem 28 anos e fica fazendo gracinha, que nem um menino de 15. E, nossa, isso pra mim não é concebível, porque, meu, com 15 anos eu já tava ralando, eu já tava trabalhando e, tipo, como assim você tá com a mente assim meu, olha o tanto de privilégio que você tem pra não conseguir raciocinar o A com o B direito. Aí eu fico meio estressado com isso, mas eu tento ignorar.	Pessoas já têm uma estrutura familiar muito boa; Diferencia um pouco; Pessoas imaturas; Olha o tanto de privilégio que você tem; Fico meio estressado

	<p>Tem alguns grupos que eu não transito muito, tipo os “heterotops” lá. É um pessoal muito elitizado, e eu não consigo ter muita conexão, mas mesmo assim tem gente... a maioria das pessoas são muito legais. Dá pra ter uma troca boa e tem consciência de classe também, mas tem algumas pessoas que são muito fora da curva, assim, que não entendem o básico de como funciona a sociedade, infelizmente.</p>	<p>Grupos que não transito; Pessoal elitizado; Dá pra ter troca boa; Pessoas fora da curva; Não entendem com funciona a sociedade</p>
	<p>Com os professores também, acho que eles são todos tranquilos, salvo exceções de alguns professores que são mais rígidos no sentido de não ter muita flexibilidade. Pra poder negociar data de prova, pra ver se dá pra mudar, ou sei lá, um slide muito bem definido naquele padrão e se a gente muda uma coisa diferente já implica e tira ponto. Mas é assim, às vezes a pessoa não tem didática, infelizmente, mas como eu vim da Engenharia, né, na Engenharia é muito pior.</p>	<p>Professores tranquilos; Alguns são mais rígidos; Pessoa não tem didática;</p>
	<p>E com os funcionários eu adoro minha relação com eles, sempre passo, dou um bom dia, boa tarde, boa noite. Nunca tive, não tenho nada a reclamar dos funcionários, não. Sempre tão com um sorriso no rosto. E a relação é boa também.</p>	<p>Funcionários é uma relação boa</p>
<p>G.</p>	<p>Eu tento manter uma relação muito saudável e de respeito, especialmente com a figura do professor, e uma coisa também que eu percebo muito na faculdade é a diferença de como que as pessoas lidam com essas figuras do professor mesmo dentro da universidade. Porque eu vejo muito, já vi muito na minha turma, o pessoal batendo boca com o professor porque foi mal na prova, o professor não querer corrigir a prova, e a universidade é assim, o professor não vai ser seu amigo, não vai recorrer sua prova, enfim. E aí acho que o pessoal que nunca teve muito contato com a universidade pública, com o serviço público de modo geral, e sempre teve muito as coisas entregues ali na mão,</p>	<p>Relação saudável e respeitosa; Professor não vai ser seu amigo; Pessoal nunca teve contato com serviço público; Sempre teve coisas entregues na mão; Tento me afastar dos embates</p>

	<p>eu sinto que eles têm esses embates constantes com os professores, e é uma coisa que eu tento sempre me afastar.</p>	
	<p>Com a turma é uma coisa que eu tento melhorar com o tempo, porque nos primeiros semestres, por exemplo, eu entrava mudo e saía calado de todas as aulas, do jeitinho que eu chegava, eu sentava ali na frente, escutava a aula toda e saía. Porque são realidades muito diferentes da minha e eu sempre coloquei muito claro na minha cabeça que eu não ia me encaixar, me moldar pra encaixar em lugares que eu não pertença. E isso sempre foi muito claro pra mim, eu não preciso de nenhuma forma fazer parte disso ou me encaixar aqui. E aí eu via nos grupinhos e tentava às vezes conversar e eu via que eram realidades tão distantes, tão diferentes do que eu cresci e tive na minha vida, que eu falava “não faz sentido pra mim não, não vou passar por isso só pra falar que eu tenho amigos dentro da faculdade”. E aí eu fiquei pelo menos pelos quatro primeiros semestres sem conversar com ninguém mesmo, sabe?</p>	<p>Com a turma eu tento melhorar com o tempo; Entrava mudo e saía calado; Realidades muito diferentes da minha; Não ia me encaixar; Não preciso fazer parte disso; Não faz sentido para mim; Fiquei sem conversar com ninguém</p>
	<p>E aí era uma trajetória muito difícil nesse começo, porque a gente sente falta, como eu falei, uma das coisas mais importantes pra minha permanência é justamente as companhias que eu fiz no caminho pra dividir essas angústias. Só que no começo era muito difícil, era realmente muito complicado.</p>	<p>Trajетória difícil no começo; Companhias que eu fiz no caminho; Dividir essas angústias</p>
	<p>E aí com o tempo eu fui encontrando pessoas que têm a mente, o conceito de mundo próximo do que eu acredito e a gente conseguiu ter essas trocas e hoje é bem mais fácil. E a gente mantém uma relação muito boa, muito afetuosa, muito de preocupar um com o outro, de saber como é que tá a vida mesmo, na faculdade e fora dela. Como que a gente pode desestressar um pouquinho também da faculdade, levar o mais leve possível, compartilhando esses anseios.</p>	<p>Relação boa e afetuosa; Desestressar um pouco; Compartilhar anseios</p>

	Da mesma forma com os servidores, com técnicos administrativos, enfim, eu tento manter uma relação muito de respeito e de entender que aquelas pessoas são fundamentais ali pra o que a gente faz. Especialmente, por exemplo, em todas as clínicas, nos diversos anexos, o pessoal que presta serviço ali é fundamental para que os pacientes cheguem, sejam atendidos, sejam direcionados, enfim.	Servidores é relação de respeito; São fundamentais ali; Presta serviço fundamental
[Q8] Como você circula e se sente nos ambientes da universidade?		
A.	(...) até o próximo período, a maior parte nossa é no Campus Pampulha (...) o Campus Pampulha é onde a gente permanece mais tempo mesmo.	Maior parte no campus Pampulha
	Mas a gente circula (no campus Saúde) e assim, tem também envolvimento com outras coisas além das aulas, né? Então, por exemplo, eu tenho um contato ali com o D.A. que é o Diretório Acadêmico do curso. Então, a gente tem um contato um pouco mais próximo do Campus Saúde para além das aulas também.	Circula no campus Saúde; Envolvimento além da aula; Contato com D.A.
	(...) o Campus Saúde, apesar de englobar alguns outros cursos, a medicina é ampla maioria, né? Então, eu acho que as relações lá se dão um pouco diferente, assim, o Campus, você tem, é um espaço muito maior, né? Você tem cursos muito diferentes ali de pertinho e tudo. E então, acho que é um ambiente muito diferente. Acho que o fato de estar no centro também é foda.	Campus Saúde medicina é maioria; Relações se dão diferente; Campus Pampulha é maior; Cursos muito diferentes pertinho; Estar no centro é difícil
	(...) sempre eu tento permanecer para além das aulas, porque, por exemplo, as questões assim de festas, de eventos que vão ter eu sempre estou tentando participar	Permanecer além das aulas; Tento participar de festas e eventos
	E outra coisa que é um pouco até mais difícil pela questão de agenda e de espaço, que são os eventos de outros cursos. Eu estava tendo uma conversa sobre isso ontem, que é uma coisa que durante a engenharia eu prezei muito por fazer, para	Difícil de ir nos eventos pela agenda e espaço; Mais difícil ir em festa de outros cursos

	viver com outras... Festas de outros cursos, eventos e tudo. E que na medicina parece um pouquinho mais difícil (...)	
B.	Eu gosto muito de, tipo assim, de eventos da UFMG, de calourada de outros cursos, só que eu percebo que outros colegas da medicina não vivenciam tanto isso. Eu acho que eu sou realmente exceção, sabe?	Gosto da calourada de outros cursos; Colegas da medicina não vivenciam isso; Acho que sou exceção
	Eu tenho muitos amigos da medicina, muitas pessoas que eu gosto muito dentro da medicina, só que eu tento vivenciar a cidade e a UFMG também, sabe? Para além da medicina. Nem sempre consigo, mas assim, tenho feito um esforço maior, para não ficar só presa na medicina, são legais as festas, mas eu percebo que eu preciso ver mais de Belo Horizonte em si e de outros cursos da UFMG, sabe?	Tento vivenciar a cidade e a UFMG; Para além da medicina; Preciso ver mais de BH e outros cursos
	Eu percebo que a Pampulha tem mais estudantes negros. Isso que eu percebo. E também sinto que a cobrança na Pampulha é desproporcional. Mas eu sinto que as pessoas, inclusive da Pampulha, vivem mais na universidade.	Pampulha tem mais estudantes negros; Cobrança na Pampulha; Pessoas da Pampulha vivem mais a universidade
	Eu sou coordenadora do Movimento Estudantil do D.A. (Diretório Acadêmico), e sou coordenadora também da LIASC, que é a Liga de Saúde Coletiva.	Movimento Estudantil do D.A.; Liga de Saúde Coletiva
C.	(...) atualmente, querendo ou não, é um curso que deixa a gente mais excluído dos demais, e que às vezes eu sinto falta de estar na Pampulha, de estar no ciclo básico, não do ciclo básico em si, mas de estar na Pampulha, porque eu sinto que é um lugar diferente. Lá tem planta, você pode ir pra muitos prédios, você pode ir na Economia, na FACE (Faculdade de Ciências Econômicas), você pode ir na FAFICH, você pode ir em vários lugares do ICB (Instituto de Ciências Biológicas). Enfim, você pode percorrer os âmbitos da faculdade, vários prédios, lá na Engenharia...enfim, e na saúde já é diferente. Eu sinto que eu tenho que ter a aula e ir embora, não ficar lá, porque não	Curso que deixa a gente excluído dos demais; Sinto falta de estar na Pampulha; Pampulha é um lugar diferente; Lá tem planta, muitos prédios; Na Saúde é diferente; Tem que ter aula e ir embora; Vibe de hospital

	<p>sei, me passa muito a vibe de um hospital onde você não tem esse estímulo para ficar lá.</p>	
	<p>(...) eu acho que é porque a Pampulha tem mais, tipo, é um ambiente mais diverso, você vê pessoas, sei lá, pessoas que você veria normalmente, como se eu estivesse na minha cidade, sabe? Tipo assim, pessoas que, sei lá, não tem, a vida ganha.</p>	<p>Pampulha é mais diverso; Pessoas que você veria normalmente; Pessoas que não tem a vida ganha</p>
	<p>Eu acho que a medicina tem, é uma galera, eu diria que uns 80%, são uma galera que já tem uma qualidade de vida muito grande, e que não consegue entender o que é pobre, pode-se dizer assim, né, pessoas que não têm tanto dinheiro, sabe? Isso me dá meio que uma agonia, não sei, é meio difícil até para conversar, eu acho que não tem um ambiente tão aberto a esse diálogo, porque você sempre está sendo “estranho”. Eu não gosto. Na verdade não é que eu não gosto, eu não gosto na verdade, mas tipo, você está sempre sendo esquisito, sabe?</p>	<p>Galera com qualidade de vida grande; Não entendem o que é pobre; Dá agonia; Difícil para conversar; Ambiente não aberto a diálogo; Você está sempre sendo “estranho”</p>
	<p>Ah, eu saio às vezes, eu saio mais com meus amigos, a gente costuma sair, tipo, sair só nós. Eu tenho um grupo de amigos, cinco, seis amigos, e a gente sai um com outro e tal. A gente vai no Jaeh (bar)., eu amo o Jaeh., e em alguns lugares assim, sabe. Às vezes a gente vai na festa da medicina, não vou mentir não (risos), mas enfim, no geral a gente sai junto, vai no parque Guanabara, ou vai em lugares assim, sabe.</p>	<p>Saio com meus amigos; A gente vai no Jaeh (bar); Às vezes a gente vai na festa da medicina; Vai no parque Guanabara</p>
D.	<p>Então quando tem aula de manhã e de tarde, ou então de manhã e de noite eu prefiro ficar na UFMG mesmo porque não pago refeição e tenho direito a café da manhã, almoço e jantar.</p>	<p>Quando tem aula dia todo prefiro ficar na UFMG; Não pago refeição</p>
	<p>Mas é mais isso, durante a semana fico na UFMG, fim de semana eu trabalho e acaba que não tenho muito tempo pra lazer.</p>	<p>Durante a semana fico na UFMG; Fim de semana trabalho; Não tenho muito tempo pra lazer</p>

E.	<p>Tem semanas que vão me exigir mais que as outras, mas normalmente é ir para a faculdade, ter as aulas, estudar nas aulas, ir acompanhando o professor, estudando e anotando, fazendo flashcards e ao chegar à noite é estudar mais, fazer alguma lista de exercício que tem, algum trabalho.</p>	<p>Normalmente é ir para a faculdade, ter as aulas, estudar; A noite é estudar mais</p>
	<p>Só que eu também descanso um pouco antes de começar a estudar igual hoje por exemplo, eu tava correndo antes da gente começar a conversar, aí eu coloquei exercício físico na minha prática diária.</p>	<p>Descanso um pouco; Coloquei exercício físico na prática diária</p>
	<p>Eu tô na LIASC, que é a liga de acadêmica de saúde coletiva e na LABio que é a liga de bioética. Aí os dois projetos de extensão são vinculados às ligas,</p>	<p>Liga acadêmica; Projeto de extensão</p>
	<p>Olha eu vou nas festas que dá pra ir, normalmente eu vou nas festas da Pampulha, eu vou em quase todas as festas que eu tiver afim. Mas ultimamente estou indo mais nas festas que acontecem no campus da Pampulha. As festas da medicina tô deixando um pouco de lado porque eu acho que é um povo assim tá muito batido já, tem mais gente batida</p>	<p>Vou nas festas que dá pra ir; Mais em festas no campus Pampulha; Festa da medicina tá batido; Gente mais batida</p>
	<p>(...) se você botar todo mundo assim, em fileira, você não sabe reconhecer quem é quem todo mundo é parecido na Medicina. Tipo, a primeira festa que eu fui acho que foi a calourada da Fafich (Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas) com a da Letras eu falei: “gente, aqui tem corpos reais, aqui são corpos reais”. E eu vejo, eu acho, que isso traz muito de onde eu venho né, venho do interior e do interior bem pobre da Bahia.</p>	<p>Todo mundo é parecido na Medicina; Festa na Pampulha tem corpos reais</p>
	<p>A gente é um grupo assim, meio diferente dos “medicineros” (risos). A gente não vai muito para as festas da medicina, a gente vai muito para outras festas possíveis.</p>	<p>Grupo diferente; Não vai muito pra festas da medicina</p>
	<p>Eu não me senti muito bem na Unisa, eu olhava para todo mundo ali e tipo assim, claro que tinha pessoas parecidas, com</p>	<p>Não me senti bem na Unisa;</p>

	<p>situações semelhantes, mas, por exemplo, na minha sala tinham 90 alunos, minha sub turma tinha 90 alunos, e tinha duas pessoas pretas. Eu olhava para aquela sala cheia de branco de 19 anos que tem uma Mercedes, mas não tem carta para dirigir, e eu falava: “gente esse lugar não é para mim, essa faculdade não é para mim, eu preciso de uma faculdade que eu consigo olhar e me ver dentro dela” e aí apareceu a UFMG.</p>	<p>Tinha só duas pessoas pretas; Esse lugar não é pra mim</p>
	<p>As pessoas que estavam formando, as pessoas do meio médico, as pessoas que estão nas liga, as pessoas que estavam no projeto de extensão, eu olhava e falava: “gente essas pessoas não parecem comigo não, e eu não sei se é uma faculdade para mim”. Mas aí a gente se encontra e temos amigos, e aí os amigos fazem esse apoio e a gente vai encontrando mais e mais pessoas no campus.</p>	<p>Essas pessoas não parecem comigo; Não sei se é uma faculdade pra mim; Amigos fazem o apoio</p>
F.	<p>Eu e os meus amigos, a gente tava até falando sobre aproveitar o forró que tem na Praça de Serviços qualquer quarta-feira dessas que a gente estiver lá, que não tiver prova.</p>	<p>Aproveitar o forró; Quando não tiver prova</p>
	<p>É tudo muito bom. Os professores são ótimos. Porque eu tenho muita aula no CAD, né? No CAD 1. E lá é muito bom, assim, não tem nada a reclamar. Tipo, de estrutura, a única coisa que eu reclamaria são os banquinhos do ICB. Que nos laboratórios é um banquinho maior que a mesa, e às vezes dá um pouquinho de dor nas costas. Mas eu sei que tem que ser um banquinho mesmo, que não tem como colocar cadeira dentro do laboratório. Mas é isso.</p>	<p>Boa estrutura</p>
	<p>Assim, eu não consigo falar qual é o meu preferido, porque nos dois lugares (Campus Pampulha e Campus Saúde) tem coisas positivas e negativas. Mas, definitivamente, a Pampulha está com mais pontos positivos. Porque o campus é lindo, tem muito verde, dá pra você sentar. Você consegue ver muita gente, igual eu vou no bandejão, todo dia eu vejo uma</p>	<p>Pampulha está com mais pontos positivos; Campus lindo, muito verde; Consegue ver pessoas diferentes; Isso me faz bem; Medicina é muito fechada</p>

	<p>pessoa diferente, e querendo não, isso faz bem. Sei lá, eu acho isso legal. Você vê tantas pessoas convivendo no mesmo espaço, tantos cursos diferentes, tantas visões diferentes sobre a mesma abordagem, sabe? De áreas diferentes... a Medicina é muito fechada, assim.</p>	
	<p>É sempre o mesmo assunto também, chega a ser um pouco monótono, às vezes (...) Ah, é tudo relacionado à Medicina. Parece que o pessoal fica muito bitolado com isso. Porque já começa a falar do paciente, que não sei o quê, aí fico assim “gente, eu não quero saber disso, sabe? Já chega disso na aula, pelo amor de Deus, troca o disco”. Mas eu vejo que tem muito perfil disso também, tem muito ego dentro da Medicina.</p>	<p>Sempre o mesmo assunto; Tudo relacionado à Medicina; Pessoal fica bitolado; Muito ego na medicina</p>
	<p>É legal que tem o CEU (Centro Esportivo Universitário) ali perto também, dá pra ir lá no CEU.</p>	<p>Centro Esportivo Universitário</p>
G.	<p>E aí eu falando com ela, também uma mulher negra, falando: “fulana, eu sinto que aqui não é o meu lugar, sabe? Eu sinto que quando eu chego ali na faculdade de medicina, no campus da faculdade de medicina, eu sinto que aquilo ali não é feito para mim, que eu estou sendo um invasor naquele espaço”.</p>	<p>Sinto que aqui não é meu lugar; Sinto que não é feito pra mim; Sou um invasor naquele espaço</p>
	<p>E quando eu comparo assim, dentro da medicina ainda, o que eu vivi no campus Pampulha nos dois primeiros anos que a gente tem aquele contato maior, do que eu vivo hoje na Faculdade de Medicina, é muito diferente, é uma realidade totalmente diferente.</p>	<p>Na medicina é uma realidade totalmente diferente da Pampulha</p>
	<p>Primeiro que no campus Pampulha a gente tem uma diversidade de alunos, de cursos, de assuntos para conversar, é muito interessante. Apesar do pessoal da medicina sempre ser muito isolado, se isolar muito, eu sempre mantive muito contato com alunos de outros cursos também. Então essa troca era muito positiva, muito enriquecedora, sabe? Estar</p>	<p>Campus Pampulha tem uma diversidade; Medicina é isolado; Campus Saúde é restrito; Só tem estudante de medicina</p>

	<p>com gente da filosofia, da psicologia, da letras, da biblioteconomia, enfim, eu sempre prezei muito por isso durante o tempo que eu estava no campus Pampulha. Agora que é tudo no campus Saúde, é uma coisa muito restrita. Porque nos ambientes que eu frequento, para as aulas de medicina e para os ambulatórios, é só estudante de medicina</p>	
	<p>E eu tive muito esse sentimento no começo, de que aquilo não era meu lugar, de que ali não era para mim, enfim. E era doido porque ninguém me falava isso, mas eu entrava no espaço, olhava as pessoas ao redor, zero diversidade de pessoas, todo mundo do mesmo jeito, branco, aí eu ficava tipo “ pô, é o lugar que eu sempre coloquei na minha vida como o lugar inalcançável, sabe?” E aí foi muito trabalho para entender que não, eu pertencço àquele lugar, assim como qualquer outra pessoa. Enfim, eu tenho que pertencer justamente para mostrar para quem está de fora que ali também é o nosso lugar, mas no começo eu senti muito deslocado, muito um peixe fora d'água.</p>	<p>Sentimento de que não era meu lugar; Ninguém me falava; Entrava nos lugares e era zero diversidade; Tenho que pertencer pra mostrar que é nosso lugar</p>
<p>[Q9] Você acha que a sua cor tem algum impacto (positivo ou negativo) no seu processo acadêmico?</p>		
A.	<p>Olha, eu acho que agora, talvez impacte menos, mas é porque eu acho que talvez seja um pouco mais complicado de mensurar, mas a gente tem que olhar pro cenário de uma forma ampla, né?</p>	<p>Agora menos; Complicado de mensurar; Olhar de forma ampla</p>
	<p>(...) até uma questão que a gente já teve em aulas voltadas para essa parte de sociais e tudo, que por mais que tenha essa crença né, de que as coisas são iguais, você vê na hora que chega no processo de residência, de seleção de residência, por exemplo, você vê uma foto de uma turma lá que é aprovada e é majoritariamente branca. Então, eu entendo que afeta sim e aí afeta em diversas coisas, né?</p>	<p>Processo de residência; Turma só de brancos; Afeta sim</p>
	<p>Você vê pessoas com facilidades muito maiores de dedicar ali todo o tempo para</p>	<p>Facilidades maiores de dedicar tempo</p>

	poder...só para a universidade, para poder desenvolver isso daí.	
	E aí, como eu falei, né, eu volto e meia preciso fazer trabalhos para poder manter as minhas demandas pessoais. Então, acaba funcionando como um dificultador também, apesar de eu não sentir que prejudica o meu currículo, na parte curricular mesmo do curso, eu acredito que prejudique em expandir essa dedicação para outras coisas. Essas questões extras, né?	Trabalho funciona como dificultador; Prejudica dedicação a outras coisas
	(...) no mercado de trabalho, eu percebi essa questão social muito mais pesada quando foi no mercado de trabalho, que é assim: quando a pessoa te vê como alguém com potencial ou não, isso diretamente pela imagem. Uma coisa que a pessoa nem sabe o que ela tá fazendo, mas que ela já faz aquela leitura. E quando dentro da universidade, isso vai... isso é facilmente reproduzido (...)	Mercado de trabalho mais pesada; Julga pela imagem; Julgamento reproduzido na universidade
B.	Totalmente. Eu acho que... acho que totalmente.	Totalmente
	(...) pra além do curso de fazer as matérias, eu tenho trabalhado muito na minha autoestima, e eu percebo uma aproximação das pessoas, por curiosidade mesmo, de como é ser negra e vivenciar a medicina. Também percebo em alguns momentos que eu sou invalidada por conta disso, sabe?	Trabalhado na autoestima; Aproximação por curiosidade; Invalidada
	Então, por exemplo, os meus amigos normalmente são pessoas negras, mulheres, LGBTs, então eu percebo que até as minhas relações, o fator raça é determinante pra eu me aproximar dessas pessoas, pra eu me ver nessas pessoas, pra gente conversar sobre vivências parecidas, sabe?	Amigos são pessoas negras; Raça fator determinante para relações; Conversar sobre vivências parecidas
	Os assuntos que eu me interesse dentro da medicina, por questões de raça, de sociedade, de saúde pública, de equidade, até os conteúdos que eu me interesse	Assuntos que me interesse por questão de raça; Mudança social;

	dentro da medicina, do se fazer médico, o fator raça é determinante pra mim. Acho que a questão da mudança social, de trabalhar pros meus, de tentar mudar a realidade das pessoas que eu vejo, porque eu sou do subúrbio de Salvador. Então pra mim, pensar em fazer esse curso pra mudar pelo menos um pouquinho dessa realidade é importante. Se eu não fosse negra, eu não precisaria talvez pensar dessa forma, eu teria outras preocupações, que são válidas também.	Trabalhar pros meus; Mudar realidade das pessoas; Se não fosse negra não pensaria assim
	Eu percebo que os meus amigos, assim, as pessoas brancas que eu conheço, elas têm outras prioridades.	Pessoas brancas têm outras prioridades
	(...) pra mim, por exemplo, o caminho de pensar sobre saúde da população negra, saúde pública, saúde das mulheres, como fazer com que o SUS (Sistema Único de Saúde) seja melhor utilizado, pensar sobre o controle social do SUS, faz muito mais sentido pra mim em relação às minhas vivências.	Saúde da População Negra; Saúde Pública; Controle social do SUS; Faz sentido em relação às minhas vivências
	É complicado, às vezes, estar na medicina, só que foi uma boa escolha, sabe? Foi a escolha mais acertada pra minha vida, é um curso que demanda muito, que me faz mal em alguns momentos e me faz bem em outros, mas eu vejo que foi uma escolha acertada pra mim, sabe? Faz sentido, e acho que fazer sentido é importante pra mim.	Complicado estar na medicina; Foi uma boa escolha; Faz sentido
C.	Então, é uma coisa muito complexa, porque tipo assim, pra mim acho que impacta. E eu consigo, sei lá, pra eu fazer uma distinção disso, eu não sei se necessariamente é do curso, é da cidade (...)	Complexo; Acho que impacta
	(...) na Bahia a população é majoritariamente negra. Tipo, eu não tinha essa consciência racial, sabe. Aqui em BH, eu sinto que as pessoas, seja na medicina, seja no mercado, eu sinto que de alguma forma eu sou olhado de forma diferente, por pessoas, por professores às vezes. Mas	Não tinha consciência racial; Em BH sou olhado de forma diferente; Não escancarado; Não entende porque existem cotas

	<p>mais, no geral, pelos colegas assim, mas é algo mais não escancarado. Alguns são racistas por natureza e gostam de falar isso, que são contra cotas, são contra pobre, que não entende porque existem cotas.</p>	
	<p>Eu já senti que me olharam estranho, só que também, às vezes, eu tento ignorar, porque eu cansei de ficar absorvendo, porque não vai me ajudar muito, e aí chega um momento que só quero parar de absorver essas coisas. Mas é que, em BH, na Medicina, eu acho que esses olhares são mais comuns do que eu gostaria que fossem.</p>	<p>Olhares estranhos; Tento ignorar; Quero parar de absorver; Olhares mais comuns em BH e na medicina</p>
	<p>Eu acho que vai, vai impactar, por exemplo, às vezes perguntaram, tipo: “ah, que curso você está fazendo?” Eu falo “medicina”, aí você já vê um espanto, não é um espanto legal, é um espanto meio: “como assim você está fazendo Medicina?” Então, eu sinto que é algo que vai me impactar, principalmente porque eu penso em ficar em BH. Eu gostei bastante, então é uma realidade que eu vou ter que engolir... ou não, porque eu vou falar também, né, porque a gente também às vezes não aguenta, tem que se posicionar. Eu acho que é triste porque, é isso sabe?</p>	<p>Vai impactar; Espanto quando falo que sou da medicina; Realidade que vou ter que engolir; Acho triste</p>
	<p>E, velho, eu não consigo, sabe? Você fica no ódio, antes eu era mais de ficar no ódio, numa raiva, sabe? E depois eu parei de falar. Isso não é uma coisa que eu gostaria de ter, esse sentimento eu não gostaria de ter. Eu sei que não é algo sobre mim, é algo sobre a pessoa que, ela que é escrota, ela que é babaca, mas de alguma forma, eu acho que atualmente eu lido com racismo ou coisas racistas tentando fazer vistas grossas. Porque quando eu cheguei aqui, pra mim, foi um fator de muito impacto, algo que me deixava doente, de ficar pensando: “ai meu Deus, ai meu Deus, hoje aconteceu um negócio”. Aí por conta disso eu ficava meio “noiado”, só que pra ficar bem, eu decidi que eu pararia de fazer</p>	<p>Raiva; Ódio; Tento fazer vista grossa; Me deixava doente; Algo muito frequente</p>

	<p>isso porque tava sendo algo muito frequente.</p>	
	<p>São questões que não permeavam a minha mente que, de alguma forma, fez com que eu construísse uma consciência racial, sabe? Porque, como eu te falei antes, eu não tinha esse estímulo, eu estava até lembrando de uma palestra que eu ouvi, falando sobre a perspectiva freiriana, que a partir da nossa vivência, a partir desse estímulo, é que a sociedade muda. E eu acho que, infelizmente, foi dessa forma que eu me mudei, que eu me construí enquanto pessoa negra, enquanto pessoa que luta pela causa.</p>	<p>Construí consciência racial; Perspectiva freiriana; Sociedade me mudou; Me construí enquanto pessoa negra</p>
	<p>Eu quero gritar e eu acho que foi isso. Eu acho que eu busquei coisas na faculdade onde eu permitisse que eu gritasse, que eu levantasse minha voz, sabe? Inclusive, quero fazer mais coisas nesse sentido.</p>	<p>Quero gritar; Busquei espaços seguros</p>
	<p>Eu não consigo não pessoalizar, e são pessoas que são da área da saúde. E eu fico: “essa galera vai ser médica, vai atender no SUS, e vai encontrar pessoas que precisam disso, sabe?” Eu fico com muito medo disso. Quando eu vejo meus colegas falando de população mais vulnerabilizada... Pessoas que são da classe deles, pra mim é tranquilo pra eles atenderem, mas essas pessoas que são vulnerabilizadas, você tem que ter um cuidado muito maior. A forma que você fala, o cuidado, a atenção, ouvir, escutar, prestar atenção nas minúcias, o que a pessoa não está te contando porque tem uma noção que o médico é um semi-deus. Entende o médico como se fosse algo extraterrestre. Eu acho que esse cuidado, esse fato final eles não têm, e eu fico muito preocupado com isso. Porque tipo assim, a galera que tem uma questão de vulnerabilidade não tem esse questionamento do tipo que o médico vai errar, o médico não é tudo, o médico não faz nada sem ninguém. E aí eu fico com muito medo dos meus colegas estando</p>	<p>Não consigo não pessoalizar; Medo; Pessoas vulnerabilizadas; Visão do médico enquanto semi-deus</p>

	<p>nessa posição. O que eles podem fazer? Quais são as potencialidades que eles podem levar o paciente a fazer? Por desconhecer, por não querer saber... Eu fico muito medo e eu ficava pensando muito nisso. Até parei, porque... Nossa, toda hora que eu penso, eu falo: “meu Deus, tomara que não encontre ninguém negro”. Sei lá, é de uma prepotência, de um jeito tão estranho de falar sobre as coisas, de entender a dor do outro.</p>	
D.	<p>Com certeza a cor impacta. Às vezes, sinto que as pessoas olham para mim e questionam se realmente estou aqui por mérito ou por causa das cotas, tem o espanto de não me verem como aluno da medicina.</p>	<p>Impacta; Questionam meu mérito; Questionam as cotas; Espanto</p>
	<p>(...) lembrei de um caso que aconteceu em 2022 com as catracas. Os cartões não tavam mais passando direito na catraca e os porteiros tavam tendo que liberar nossa entrada só que tipo, todo mundo começou a perceber que os alunos negros eles pediam pra ver documentação, olhavam mais torto e os alunos brancos era só chegar que eles liberavam na hora. Aí teve esse problema, o DCE teve até que entrar, fazer protesto e tudo mais. Então assim, ainda existem essas situações, sabe?</p>	<p>Situações de racismo estrutural</p>
	<p>Dentro de sala também você percebe as vezes uns olhares, uns comentários velados. Não é nada escancarado, mas a gente percebe. Eu nunca tive nada pessoal contra mim, mas tem esses casos que você vê que ainda tem muita coisa que o racismo ainda tá presente.</p>	<p>Percebe olhares; Comentários velados; Não é escancarado; Racismo ainda tá presente</p>
	<p>Fica difícil competir, mas a gente tá aí, e eu penso muito que no final vai tudo valer a pena, porque eu gosto também da medicina e por mais que queira às vezes largar tudo porque to muito cansado eu sei que vai valer a pena.</p>	<p>Difícil competir; Vai valer a pena</p>
E.	<p>Eu acho que sim (...) eu tive uma aula, que era da liga de mulheres na cirurgia, e aí falando sobre como aparecem manchas na</p>	<p>Aulas específicas sobre raça; Culpa por não saber</p>

	<p>pele de pessoas negras. E isso não é uma coisa que você vê falando no curso em si da medicina, no currículo você não vê falando. Quando você vê na liga você fala: “ué mas tem diferença?” E é uma coisa que bate... parece que é uma culpa por eu ser dessa comunidade e não saber disso.</p>	
	<p>Mas eu acho que a raça influencia muito, porque eu já vi uns questionamentos também, do pessoal mais pra frente nos períodos, em algumas aulas quando é seminário e são pessoas pretas que apresentam, elas trazem corpos de pessoas pretas para dar um pouco de diversidade na matéria. Porque senão a gente só vai ver imagens, corpos, de pessoas brancas nas aulas e os professores, eles não fazem muito essa distinção. Então normalmente quando você vai ver no livro são só pessoas brancas, se você quiser, se for do aluno, o aluno que vai lá e procure como é que é um melanoma em pele preta. E aí eu acho que dificulta né, porque a maior parte da população brasileira é preta e você não aprende a olhar para aquele corpo.</p>	<p>Dar um pouco de diversidade; Só imagens de pessoas brancas nas aulas; Dificulta; Não aprende a olhar para aquele corpo</p>
	<p>E como eu tenho esse negócio de que vou ajudar tudo e todos, eu acho que eu tô pecando nisso que eu deveria estudar mais, eu deveria fazer mais, só que não dá pra abraçar tudo também ao mesmo tempo, é muita coisa. Não dá, infelizmente.</p>	<p>Acho que tô pecando nisso</p>
<p>F.</p>	<p>Eu não vejo muita questão de discriminação ou preconceito, propriamente dito, mas isso é muito nítido nos grupos, sabe? (...) Porque o pessoal que tem uma vivência diferente vai ter uma identificação com um certo grupo. Por exemplo, o meu grupo principal é todo dia, é composto, sei lá, 80% de pessoas negras. E, por exemplo, esse grupo dessas meninas “Mean Girls” só tem menina branca, sabe? E aí, o namorado dela é branco, que tem um carro legal, e essa, pra mim, é a principal diferença, assim, que eu vejo.</p>	<p>Não vejo; Nítido nos grupos; Identificação grupal</p>

	<p>No dia a dia, de graça assim, eu não vejo isso acontecendo. Mas as pessoas acho que não são nem doidas também de fazer isso, né? Pelo amor de Deus. Pelo menos parece que não. Mas aí tem algum motivo, na primeira oportunidade parece que vai lá e tem um comportamento meio duvidoso. Mas acho que tipo, pra responder essa pergunta, acho que se juntar tudo isso, acho que é essa a minha conclusão. Que tem um impacto de alguma forma,</p>	<p>Dia a dia não vejo; Comportamento meio duvidoso; Tem impacto de alguma forma</p>
	<p>Quando chega qualquer pessoa entregando algum panfleto, ou chega mais visivelmente falando da militância, as pessoas já ficam meio assim, não querem dar muito papo, porque acham que vai ser algo chato (...) Parece que as pessoas também têm esse preconceito de ouvir. Parece que elas já têm uma certa concepção do que elas acham que é o preconceito, do que é o racismo, racismo estrutural, de como ele afeta a sociedade. Só que você ouviu isso, às vezes, de pessoas brancas falando sobre isso e você não dá ouvidos para o que as pessoas negras têm a dizer. Tipo, ok, você tem essa ideia formada, mas você já parou para ouvir uma pessoa negra falando sobre isso? Ou toda vez que alguém vem falar sobre você, já fica tipo assim: “ah, nossa, não sei o quê”... Porque é isso que eu vejo, sabe? São poucas as pessoas que dão, de fato, a atenção que o movimento negro, por exemplo, merece.</p>	<p>Militância as pessoas já chato; Preconceito de ouvir; Já ouviu uma pessoa negra falando sobre o tema?; Pouca atenção que o movimento negro merece</p>
G.	<p>Com certeza tem um impacto, sim, definitivamente, não tem como negar isso não, seja por preconceito mesmo de modo geral, né? De você estar no ambulatório, as pessoas te olharem mais estranho, do tipo “ah, você que vai atender, você que vai fazer a consulta?” E eu acho que isso influencia, porque são coisas que a gente vai ter que viver, a gente não teria se vivesse numa sociedade com menos preconceito, mas enfim, não é nosso caso, a gente tem que enfrentar mesmo e bater de frente.</p>	<p>Com certeza tem impacto; Pessoas olharem estranho; Sociedade com preconceito; Enfrentar e bater de frente</p>

	<p>(...) por vezes a gente se encontra questionando mesmo, tanto essa questão de pertencimento, se a gente está no lugar certo, se aquele lugar é feito para a gente, quanto no sentimento que a gente tem de heteroidentificação, de como que as outras pessoas leem a gente naquele espaço ali, de pensar que talvez não é espaço para a gente. Enfim, isso vai influenciando muito no processo de aprendizagem, tanto psicologicamente, o tanto que isso te afeta, o tanto que você não está preparado no sentido de terapia em dia para lidar com essas coisas, quanto no sentido de te restringir algumas oportunidades também para você aprender melhor, para seguir a trajetória ali.</p>	<p>Questionando o pertencimento; Heteroidentificação; Como outras pessoas leem a gente; Espaço não é pra gente; Afeta psicologicamente; Restringe oportunidades</p>
	<p>E a gente escuta muito também na faculdade rumores, mas não são muito rumores não, são bem verdade, do tanto que os professores são racistas de modo geral. Não todos, mas é uma grande parte, especialmente de professores mais velhos, o tanto que eles são misóginos, racistas, e a gente vai percebendo isso em algumas atitudes. Claro que é muito velado, é um preconceito muito velado, muito por baixo dos panos, mas a gente consegue sentir sim, consegue perceber, e isso acaba nos limitando de alguma forma, te deixa um pouco com vergonha ou não querendo perguntar, “vou ficar mais na minha aqui porque eu sei, já me falaram que esse cara é assim, ele parece ser mesmo, vou ficar mais calado”... Então são coisas que a gente nunca se sente bem totalmente, a gente se sente incomodado de alguma forma e isso reflete com certeza no processo de aprendizagem, isso é muito real.</p>	<p>Professores racistas de modo geral; Preconceito muito velado; Consegue perceber; Limita, te deixa com vergonha; Se sente incomodado; Reflete no processo de aprendizagem</p>
	<p>(...) o que eu percebo mais para além de questões sociais, de vida mesmo, de acesso às coisas, dentro da universidade, com os pares, é o que eu percebo mais, esse sentimento de preconceito velado o tempo todo.</p>	<p>Preconceito velado o tempo todo</p>

ANEXO III

Quadro nº 2 – Categorias de análise

UNIDADES DE REGISTRO	CATEGORIAS DE ANÁLISE
[Q1] Como você escolheu seu curso superior?	
<p>[Q1.A] Antigamente impossibilidade; [Q1.C] Distante da realidade; [Q1.C] Distante da realidade; [Q1.C] Não conhecer ninguém; [Q1.C] Não conhecia ninguém; [Q1.C] Impossível; [Q1.G] Distante da realidade; [Q1.G] Primeira pessoa a ingressar na universidade; [Q1.G] Não imaginava possível; [Q1.G] Dúvidas do futuro</p>	<p>[Q1] Realidades distantes e impossibilidade</p>
<p>[Q1.B] Criação; [Q1.B] Colocado em casa; [Q1.C] Não consigo pagar; [Q1.D] Mãe desempregada; [Q1.D] Ajudar em casa; [Q1.D] Projeto de vida; [Q1.D] Projeto de vida; [Q1.D] Questão Financeira; [Q1.E] Financeiro; [Q1.E] Assistência; [Q1.G] Abrir portas; [Q1.G] Lugar possível; [Q1.G] Família de pessoas humildes; [Q1.G] Chegar em outros lugares</p>	<p>[Q1] Apoio financeiro em casa e projeto de vida</p>
<p>[Q1.C] Curso distante; [Q1.C] Curso Privilegiado; [Q1.C] Não gostava de falar [Q1.C] Angústia; [Q1.G] Medicina é concorrida; [Q1.G] Nota de corte alta</p>	<p>[Q1] Medicina como algo distante</p>

<p>[Q1.A] Engenharia Civil; [Q1.A] Insatisfeito; [Q1.A] Cursar outra faculdade; [Q1.A] Ajuda terapia; [Q1.D] Trabalhei no hospital; [Q1.E] Conhecia pessoas que fizeram] [Q1.E] Gente da cidade em BH [Q1.F] Avó teve câncer; [Q1.F] Como abordar a morte; [Q1.F] Pais homofóbicos; [Q1.F] Querer sair de lá; [Q1.F] Recomeçar; [Q1.F] Ter próprias experiências; [Q1.G] Ciências Biológicas</p>	<p>[Q1] Experiências prévias</p>
<p>[Q1.B] Abstrato; [Q1.B] Não teve aquele fascínio; [Q1.B] Não tive a questão do cuidar; [Q1.B] Ciências Humanas e Sociais, junto a biomecânica e fisiopatologia; [Q1.B] Sentido; [Q1.C] Sempre soube; [Q1.D] Não existe dom; [Q1.D] Amo o curso; [Q1.E] Escolhi novo [Q1.E] Encantado; [Q1.E] Vocação [Q1.F] Não romantizando;</p>	<p>[Q1] Romantização/vocação</p>
<p>[Q1.F] Nunca soube o que fazer [Q1.G] Não teve história romântica; [Q1.G] Interesse na área da saúde; [Q1.G] Interesse na área de saúde; [Q1.G] Gostar do curso; [Q1.G] Encantei por hospitais</p>	
<p>[Q2] O que você considera que fez a diferença na sua história de vida, para você querer e conseguir entrar no curso de Medicina?</p>	

<p>[Q2.A] Apoio familiar; [Q2.A] Cidade que pais moram; [Q2.B] Suporte familiar; [Q2.B] Suporte Financeiro; [Q2.B] Não precisava trabalhar; [Q2.B] Suporte Emocional; [Q2.C] Pais influenciadores; [Q2.C] Importância da educação; [Q2.C] Educação como forma de ascensão social; [Q2.C] Não precisasse fazer outra coisa; [Q2.C] Não tem dinheiro; [Q2.C] Incentivo aos estudos; [Q2.C] Pais; [Q2.C] Incentivo; [Q2.D] Proporcionar qualidade de vida; [Q2.D] Querer ajudar o outro; [Q2.D] Retorno que pode trazer; [Q2.D] Acaso; [Q2.D] Ajuda da vó; [Q2.D] Ajuda da faculdade; [Q2.E] Pais abdicarem das coisas; [Q2.E] Fazer para sobreviver; [Q2.E] Só a educação; [Q2.E] Cuida das coisas da escola; [Q2.E] Não teve pressão de trabalhar; [Q2.E] Pais perceberam a facilidade pros estudos; [Q2.E] Tios ajudaram; [Q2.E] Pais principalmente; [Q2.E] Apoio familiar; [Q2.E] Base familiar; [Q2.E] Bem estruturada [Q2.F] Mãe; [Q2.F] Pilar essencial; [Q2.F] Mãe teve vontade de estudar; [Q2.F] Passou a influência; [Q2.F] Tem que estudar; [Q2.F] Estrutura familiar;</p>	<p>[Q2] Apoio familiar: valorização da educação e suporte financeiro;</p>
--	---

<p>[Q2.G] Oportunidades boas; [Q2.G] Base familiar; [Q2.G] Mãe valorizou educação; [Q2.G] Apoiou educação; [Q2.G] Estrutura para estudar; [Q2.G] Não evadiu para trabalhar; [Q2.G] Ela trabalhar mais que 12 horas; [Q2.G] Valorizava a educação; [Q2.G] Colegas com vivência parecida não tiveram oportunidades; [Q2.G] Oportunidades ao longo do caminho</p>	
<p>[Q2.A] CEFET; [Q2.A] Formação diferenciada; [Q2.C] Instituto Federal; [Q2.C] Ambiente de acesso; [Q2.C] Pensamento crítico; [Q2.C] Incentivo de estudar; [Q2.C] Professores; [Q2.C] Questionamento crítico sobre minha realidade e vivências [Q2.C] Escola federal; [Q2.C] Instituições [Q2.C] Instituto Federal; [Q2.C] Questionar o inquestionável; [Q2.C] Novos horizontes; [Q2.C] Acendeu faísca em mim; [Q2.E] Professores ótimos; [Q2.E] Professores incentivaram; [Q2.G] Escola boa de Ensino Médio; [Q2.G] CEFET; [Q2.G] Ensino muito bom; [Q2.G] Boa formação; [Q3.B] Instituto Federal</p>	<p>[Q2] Ensino Médio de qualidade: instituições de qualidade e incentivo de professores;</p>
<p>[Q2.A] Graduação concluída; [Q2.A] Experiência profissional; [Q2.D] Sair do emprego; [Q2.D] Receber acerto; [Q2.D] Oportunidade de não trabalhar; [Q2.D] Renda; [Q2.D] Seguro desemprego; [Q2.G] Sair bem no ENEM; [Q2.G] Comecei o curso de Biologia; [Q2.G] Boa formação na graduação; [Q4.A] Outra experiência de graduação</p>	<p>[Q2] Experiências prévias de graduação e trabalho;</p>
<p>[Q2.C] Realidade e vivências; [Q2.C] Distante da realidade; [Q2.C] Pais não conheciam;</p>	<p>[Q2] Graduação como realidade distante;</p>

[Q2.C] Distante da realidade;	
[Q2.C] Saber que pode; [Q2.F] Interesse de buscar; [Q2.G] Além de motivação pessoal; [Q2.G] Não prego meritocracia	[Q2] Interesse e busca pessoal
[Q3] As políticas de ações afirmativas te ajudaram a entrar na universidade?	
[Q3.A] Com certeza; [Q3.A] Contribuiu para entrada; [Q3.B] Cota foi fundamental; [Q3.C] Só consegui entrar pelas políticas; [Q3.D] Entrar ajuda; [Q3.D] Com certeza; [Q3.D] Ação afirmativa foi importante; [Q3.D] Pensar na possibilidade; [Q3.E] Ajudou sim; [Q3.F] Com certeza; [Q3.F] Definitivamente; [Q3.F] Sem ela não estaria aqui; [Q3.G] Sim; [Q3.G] São muito importantes; [Q3.G] Para o ingresso muito positivo; [Q3.G] Com a nota não conseguiria; [Q3.G] Definidor se passaria; [Q3.G] Sem o acesso às políticas não conseguiria	[Q3] Política de ação afirmativa como essencial para a entrada no Ensino Superior
[Q3.A] Diversidade maior; [Q3.A] Com certeza mudou perfil; [Q3.B] Amigos da Medicina têm vantagem por estudar na particular; [Q3.B] Não tinha dinâmica de simulado; [Q3.B] Não tive estudo voltado pro vestibular; [Q3.B] Dificuldade maior; [Q3.C] Ensino secundarizado; [Q3.C] Não tem incentivo; [Q3.C] Correr atrás; [Q3.C] Política começa atrás; [Q3.C] Política permite fator competição; [Q3.C] Consiga chegar lá	[Q3] Diversidade no perfil dos estudantes e desigualdades na educação
[Q3.D] Manter é mais complicado; [Q3.G] Para permanência outros 500	[Q3] Entrar x manter
[Q4] As políticas de ações afirmativas te ajudam a manter-se na universidade?	

<p>[Q4.A] Pessoa pra pessoa; [Q4.A] Meu caso sim; [Q4.A] Contribuiu para entrada; [Q4.A] Facilita a permanência; [Q4.A] Ações afirmativas para seleção de projetos; [Q4.B] Depende; [Q4.C] Sem elas não estaria aqui; [Q4.D] Entrar ajuda; [Q4.D] Ainda é cansativo, principalmente pegar ônibus; [Q4.D] Ajuda sim; [Q4.E] Ajuda que sou ficcionado na medicina; [Q4.F] Acho que sim; [Q4.F] Principalmente pelas pessoas; [Q4.F] Estar com grupo de amigos que entraram por políticas; [Q4.F] Questão de identificação; [Q4.F] Pessoas próximas é motivador; [Q4.F] Cuidado como pessoa; [Q4.F] Sem essa galera não teria amizades; [Q4.F] Fator principal para me manter</p>	<p>[Q4] Políticas de ação afirmativa impactam na permanência</p>
<p>[Q4.B] Psicologicamente não impacta; [Q4.B] Justiça social; [Q4.B] Não tá equiparado; [Q4.B] Cota equipara para entrar e dentro da universidade todo mundo tá na mesma; [Q4.B] Menos acesso; [Q4.D] Manter é mais complicado; [Q4.F] Manter é difícil; [Q4.F] Carga horária; [Q4.F] Desafios; [Q4.F] Muito intenso; [Q4.G] Para inglês ver; [Q4.G] Entre e se vire; [Q4.G] Tanto quanto difícil se manter; [Q4.G] Apesar dos auxílios; [Q4.G] Permanência é distante da realidade; [Q4.G] Nem todo mundo consegue chegar no final</p>	<p>[Q4] Políticas de ação afirmativa não impactam na permanência</p>
<p>[Q4.B] Acesso à FUMP; [Q4.C] Política de assistência estudantil; [Q4.B] FUMP ajuda principalmente financeiro; [Q4.B] Manutenção é difícil; [Q4.C] Só vim porque sabia da FUMP;</p>	<p>[Q4] Política de assistência estudantil da UFMG: Fundação Universitária Mendes Pimentel (FUMP)</p>

<p>[Q4.D] Auxílio da FUMP; [Q4.D] FUMP não é suficiente; [Q4.E] Ajuda junto com a FUMP [Q4.G] FUMP é muito bom; [Q4.G] Política continuada; [Q4.G] Voltar para permanência; [Q4.G] Fump não tem critério para negros; [Q4.G] UFMG não tem muitas políticas</p>	
<p>[Q4.D] Exaustivo; [Q4.D] Tem que trabalhar; [Q4.D] Não é suficiente para não trabalhar; [Q4.G] Financeiro</p>	<p>[Q4] Trabalho e financeiro como dificultadores para manutenção</p>
<p>[Q4.C] Pais fizeram malabarismo; [Q4.D] Ajudar em casa; [Q4.D] Dependendo da mãe e da avó; [Q4.E] Ponto de discussão em casa era como pagar transporte; [Q4.E] Recebia vale transporte e em BH não tem; [Q4.E] Não tem só eu sentado, não sou só eu estudando, tem todo mundo que me deu apoio; [Q4.E] Tá minha mãe trabalhando; [Q4.E] Tios, avós, pai; [Q4.E] Rede inteira</p>	<p>[Q5] Apoio familiar: essencial para manutenção</p>
<p>[Q5] O que contribui para que você se sinta bem na universidade?</p>	
<p>[Q5.A] Família morar na cidade; [Q5.B] Família dá apoio; [Q5.B] Morar perto; [Q5.C] Curso é pra mim; [Q5.D] Rede de apoio; [Q5.D] Mãe e vó; [Q5.D] Apoio financeiro; [Q5.D] Apoio de incentivar; [Q5.F] Família; [Q5.F] Sem eles seria mais complicado; [Q5.F] Namorado</p>	<p>[Q5] Rede de apoio: familiares</p>
<p>[Q5.A] Relacionamento entre pessoas; [Q5.A] Contribuição mútua; [Q5.B] Amigos fundamentais; [Q5.B] Relações dão suporte; [Q5.C] Amizade; [Q5.C] Encontrei amigos; [Q5.C] Rede de apoio;</p>	<p>[Q5] Rede de apoio: amigos e colegas</p>

<p>[Q5.C] Sem isso não conseguiria; [Q5.C] Amigos; [Q5.D] Amiga; [Q5.D] Incentiva a continuar estudando; [Q5.D] Não desistir; [Q5.D] Colegas dão uma força; [Q5.D] Amigos ajudam a continuar; [Q5.E] Conviver com quem entende; [Q5.E] Grupinho entende; [Q5.F] Ficar fofocando; [Q5.F] Motiva a ir pra aula; [Q5.F] Meus amigos estarão lá; [Q5.F] Contato com os veteranos; [Q5.F] Consigo entender melhor; [Q5.F] Veteranos dão dicas e material; [Q5.G] Amizades são fundamentais; [Q5.G] Amizades são importantíssimas; [Q5.G] Dar força; [Q5.G] Compartilhar angústias; [Q5.G] Pessoas que vivem angústias parecidas; [Q5.G] Alguém pra caminhar junto; [Q5.G] Compartilhar; [Q5.G] Isso é diferencial</p>	
<p>[Q5.A] Poucas medidas da universidade; [Q5.A] Assistência estudantil limitada; [Q5.A] Pouco abrangente; [Q5.G] Política de assistência social; [Q5.G] FUMP tem sido importante; [Q5.G] Conseguir permanecer estudando; [Q5.G] Funcionando muito bem</p>	<p>[Q5] Fundação Universitária Mendes Pimentel (FUMP)</p>
<p>[Q5.C] Movimento Negro; [Q5.C] Liga de Saúde da População Negra; [Q5.C] Grupo de extensão; [Q5.C] Educação possibilita levar conhecimento; [Q5.C] Movimento Negro; [Q5.F] Espaço de convivência; [Q5.F] Liga Acadêmica; [Q5.F] Projetos de extensão; [Q5.F] Motivador; [Q5.F] Esportes; [Q5.F] Time de vôlei da faculdade; [Q5.F] Diretório Acadêmico</p>	<p>[Q5] Espaços seguros: ligas acadêmicas, projetos de extensão, atléticas e movimentos estudantis</p>
<p>[Q5.B] Candomblé; [Q5.B] Estou mais paciente</p>	<p>[Q5] Religião</p>

<p>[Q5.E] Vida pede isso; [Q5.E] Cabeça erguida; [Q5.E] Terapia; [Q5.F] Fico em crise; [Q5.F] Procrastino muito; [Q5.G] Fundamental para saúde mental; [Q5.G] Muito difícil</p>	<p>[Q5] Saúde mental e terapia</p>
<p>[Q6] Existe algum impacto negativo na sua vivência na universidade?</p>	
<p>[Q6.A] FUMP é engessada; [Q6.A] Conceitos sem aplicabilidade; [Q6.A] CadÚnico diferente FUMP; [Q6.A] Desabastecido; [Q6.A] Auxílio é limitador; [Q6.A] Custo deslocamento, pesa bastante; [Q6.B] Milhão como negativo; [Q6.G] Poucas quantidades de bolsas; [Q6.G] Não acessar essas bolsas</p>	<p>[Q6] Políticas ineficientes</p>
<p>[Q6.C] Provações constantes; [Q6.C] Me deixava mal; [Q6.D] Fico mal; [Q6.E] Não gosto de sobrecarregar meus pais; [Q6.E] Sentimento de estou dando gasto; [Q6.E] Fico mais cansado; [Q6.E] Sou uma pessoa ansiosa; [Q6.E] Fim do dia estou deprimido; [Q6.E] Sem conseguir estudar; [Q6.E] Futuro incerto; [Q6.F] Pesa um pouco na saúde mental; [Q6.F] Ansioso; [Q6.F] Tendência a procrastinar; [Q6.F] Trabalhar na terapia; [Q6.F] Não consegui superar; [Q6.F] Dificulta um pouco; [Q6.G] Não importam com nossa sanidade mental; [Q6.G] Consegui me adaptar com terapia; [Q6.G] Ocupar esses espaços é desafiador</p>	<p>[Q6] Impacto do curso na saúde mental</p>
<p>[Q5.C] Cheguei e foi difícil; [Q5.C] Banca de heteroidentificação; [Q5.C] Desconstrução de mim; [Q5.C] Demorei a me encontrar; [Q5.C] Curso elitizado; [Q5.C] Sentia desconectado; [Q5.C] Não devesse estar ali;</p>	<p>[Q6] Realidades diferentes: comparação e não identificação com os colegas</p>

<p>[Q5.C] Muito difícil me encontrar; [Q5.G] Se encontra sozinho; [Q5.G] Desamparado; [Q6.B] Colegas não trabalham; [Q6.B] Sinto impacto; [Q6.C] Sentia que caí aqui; [Q6.C] Não ter identificação; [Q6.C] Colegas tiveram construção para estar na UFMG; [Q6.C] Meus pais não tinham Ensino Superior; [Q6.C] Colega pai é dono de hospital; [Q6.C] Eu não tenho nada; [Q6.C] Não tive contato com medicina; [Q6.C] Aqui é meu lugar; [Q6.D] Mundo é injusto; [Q6.D] Tenho que fazer tanto a mais que a maioria; [Q6.D] Ficar comparando; [Q6.E] Maioria das pessoas têm condições [Q6.E] Minha realidade não é a mesma deles; [Q6.F] Colegas que são o contrário; [Q6.G] Distantes da nossa realidade; [Q6.G] Pessoas que estavam em lugares que eu colocava como inalcançáveis; [Q6.G] Gente diferente da sua realidade.</p>	
<p>[Q6.B] Ajuda a mãe no trabalho; [Q6.B] Planejamento de horário; [Q6.B] Não tem que bater ponto; [Q6.B] Curso integral; [Q6.B] Ocupa tempo; [Q6.B] Densa de conteúdo; [Q6.D] Horários de aula; [Q6.D] Horários atrapalham a trabalhar; [Q6.D] Moro longe; [Q6.D] Cansado com horários de ônibus; [Q6.F] Carga horária; [Q6.F] Muitas provas; [Q6.G] Fazer freelancers; [Q6.G] Desgasta muito; [Q6.G] Precisa de dinheiro para se manter</p>	<p>[Q6] Carga horária: conciliação entre estudos, trabalho e mobilidade urbana</p>
<p>[Q6.B] Cobrança dos professores; [Q6.B] Ego dos alunos; [Q6.B] Disputa; [Q6.C] Galera elitizada; [Q6.E] Aula é só slide;</p>	<p>[Q6] Relações dentro do curso: professores e colegas</p>

<p>[Q6.E] Poderia ter falado mais; [Q6.E] Podia ter aplicado mais à clínica; [Q6.G] Pressão dos professores; [Q6.G] Competitividade entre alunos; [Q6.G] Ambiente que não faz bem; [Q6.F] Estereótipo de menina branquinha que teve tudo na vida; [Q6.F] Já fui cansado para essas pessoas; [Q6.G] Pressão do lugar; [Q6.G] Pressão das pessoas</p>	
<p>[Q6.C] Comentários estranhos sobre ser cotista; [Q6.C] Tenho muito orgulho; [Q6.C] Não tenho vergonha; [Q6.C] Algo velado; [Q6.C] Você não deveria estar aqui; [Q6.C] Reforçar que você não deveria estar ali; [Q6.C] Mesmo que velado</p>	<p>[Q6] Racismo velado</p>
<p>[Q7] Como são as suas relações pessoais dentro da universidade (com colegas, professores e funcionários)?</p>	
<p>[Q7.A] Percepção de que estaria um pouco deslocado por idade; [Q7.A] Diversidade de locais e idades; [Q7.A] Curso mais diverso; [Q7.A] Gente de todo lugar</p>	<p>[Q7] Influência da idade e diversidade</p>
<p>[Q7.A] Facilidade para criar laços; [Q7.B] Entrei mais aberta; [Q7.B] Rede de apoio mais fechada; [Q7.B] Ajuda a me manter; [Q7.B] Amigos; [Q7.B] Rede de apoio; [Q7.B] Galera que conto se precisar; [Q7.D] Boas relações; [Q7.E] Relação boa; [Q7.G] Relação saudável e respeitosa; [Q7.G] Com a turma eu tento melhorar com o tempo; [Q7.G] Companhias que eu fiz no caminho; [Q7.G] Dividir essas angústias; [Q7.G] Com o tempo encontrei pessoas com conceito de mundo mais próximo; [Q7.G] Relação boa e afetuosa; [Q7.G] Desestressar um pouco; [Q7.G] Compartilhar anseios</p>	<p>[Q7] Criação de laços com os pares</p>

<p>[Q7.B] Elite;</p> <p>[Q7.B] Não me vejo nessas pessoas;</p> <p>[Q7.B] Comparar a essas pessoas;</p> <p>[Q7.B] Conviver mais com essas pessoas não me faz bem;</p> <p>[Q7.B] Realidade diferente da minha;</p> <p>[Q7.C] Colega falando que estava se encontrando no universo com minorias;</p> <p>[Q7.C] Me dava choque;</p> <p>[Q7.C] Agora estou mais anestesiado;</p> <p>[Q7.C] Colegas de turma;</p> <p>[Q7.C] Relação distante;</p> <p>[Q7.C] Lugares que só frequenta quem paga muito;</p> <p>[Q7.C] Difícil fazer vínculo;</p> <p>[Q7.C] Está sempre sendo julgado;</p> <p>[Q7.C] Realidade totalmente diferente da minha;</p> <p>[Q7.C] Galera perde a noção;</p> <p>[Q7.E] Medo de não fazer amigos;</p> <p>[Q7.F] Pessoas já têm uma estrutura familiar muito boa;</p> <p>[Q7.F] Diferencia um pouco;</p> <p>[Q7.F] Pessoas imaturas;</p> <p>[Q7.F] Olha o tanto de privilégio que você tem;</p> <p>[Q7.F] Fico meio estressado;</p> <p>[Q7.F] Grupos que não transito;</p> <p>[Q7.F] Pessoal elitizado;</p> <p>[Q7.F] Pessoas fora da curva;</p> <p>[Q7.F] Não entendem como funciona a sociedade;</p> <p>[Q7.G] Entrava mudo e saía calado;</p> <p>[Q7.G] Realidades muito diferentes da minha;</p> <p>[Q7.G] Não ia me encaixar;</p> <p>[Q7.G] Não preciso fazer parte disso;</p> <p>[Q7.G] Não faz sentido para mim;</p> <p>[Q7.G] Fiquei sem conversar com ninguém;</p> <p>[Q7.G] Trajetória difícil no começo;</p> <p>[Q7.G] Pessoal nunca teve contato com serviço público;</p> <p>[Q7.G] Sempre teve coisas entregues na mão;</p> <p>[Q7.G] Tento me afastar dos embates</p>	<p>[Q7] Realidades diferentes: comparação e não identificação com os colegas</p>
<p>[Q7.A] Medicina tem fama de individualista;</p>	<p>[Q7] A individualidade e competitividade da Medicina</p>

[Q7.A] Conseguindo quebrar essa fama	
<p>[Q7.A] Colaboração; [Q7.A] Perfil de professor diferente das exatas; [Q7.A] Dinâmica de mais colaboração; [Q7.C] Professores que deixam a gente confortável; [Q7.E] Boa relação com professores; [Q7.F] Dá pra ter troca boa; [Q7.F] Professores tranquilos</p>	[Q7] Relações colaborativas
<p>[Q7.C] Professores com comentários ruins; [Q7.C] Pessoas com QI elevado geram pessoas com QI elevado; [Q7.C] Reflexo da medicina exceto com cotistas; [Q7.C] Comentários racistas; [Q7.C] Professores têm certo preconceito; [Q7.C] Ar de superioridade; [Q7.C] Show de horrores; [Q7.F] Algumas exceções são mais rígidos; [Q7.F] Pessoa não tem didática; [Q7.G] Professor não vai ser seu amigo</p>	[Q7] Professores: alta cobrança, aulas e comentários preconceituosos
<p>[Q7.A] Funcionários pessoas tranquilas; [Q7.C] Funcionários é o contato do dia a dia; [Q7.F] Funcionários é uma relação boa; [Q7.G] Servidores é relação de respeito; [Q7.G] São fundamentais ali; [Q7.G] Presta serviço fundamental</p>	[Q7] Funcionários: relação tranquila
[Q8] Como você circula e se sente nos ambientes da universidade?	
<p>[Q8.A] Maior parte no campus Pampulha; [Q8.A] Relações se dão diferente; [Q8.A] Campus Pampulha é maior; [Q8.A] Cursos muito diferentes pertinho; [Q8.B] Pampulha tem mais estudantes negros; [Q8.B] Cobrança na Pampulha; [Q8.B] Pessoas da Pampulha vivem mais a universidade; [Q8.C] Sinto falta de estar na Pampulha; [Q8.C] Pampulha é um lugar diferente; [Q8.C] Lá tem planta, muitos prédios; [Q8.C] Pampulha é mais diverso;</p>	[Q8] Campus Pampulha

<p>[Q8.C] Pessoas que você veria normalmente;</p> <p>[Q8.C] Pessoas que não tem a vida ganha;</p> <p>[Q8.C] Difícil para conversar;</p> <p>[Q8.E] Festa na Pampulha tem corpos reais;</p> <p>[Q8.E] Grupo diferente;</p> <p>[Q8.F] Boa estrutura;</p> <p>[Q8.F] Pampulha está com mais pontos positivos;</p> <p>[Q8.F] Campus lindo, muito verde;</p> <p>[Q8.F] Consegue ver pessoas diferentes;</p> <p>[Q8.F] Isso me faz bem;</p> <p>[Q8.G] Campus Pampulha tem uma diversidade;</p>	
<p>[Q8.A] Circula no campus Saúde;</p> <p>[Q8.A] Campus Saúde a medicina é maioria;</p> <p>[Q8.A] Estar no centro é difícil;</p> <p>[Q8.C] Na Saúde é diferente;</p> <p>[Q8.C] Tem que ter aula e ir embora;</p> <p>[Q8.C] Vibe de hospital;</p> <p>[Q8.C] Ambiente não aberto a diálogo;</p> <p>[Q8.C] Você está sempre sendo “estranho”;</p> <p>[Q8.G] Medicina é isolado;</p> <p>[Q8.G] Campus Saúde é restrito;</p> <p>[Q8.G] Só tem estudante de medicina;</p>	<p>[Q8] Campus Saúde</p>
<p>[Q8.B] Para além da medicina;</p> <p>[Q8.C] Curso que deixa a gente excluído dos demais;</p> <p>[Q8.C] Galera com qualidade de vida grande;</p> <p>[Q8.C] Não entendem o que é pobre;</p> <p>[Q8.C] Dá agonia;</p> <p>[Q8.E] Festa da medicina tá batido;</p> <p>[Q8.E] Gente mais batida;</p> <p>[Q8.E] Todo mundo é parecido na Medicina;</p> <p>[Q8.E] Não vai muito pra festas da medicina;</p> <p>[Q8.F] Medicina é muito fechada;</p> <p>[Q8.F] Sempre o mesmo assunto;</p> <p>[Q8.F] Tudo relacionado à Medicina;</p> <p>[Q8.F] Pessoal fica bitolado;</p> <p>[Q8.F] Muito ego na medicina;</p> <p>[Q8.G] Na medicina é uma realidade totalmente diferente da Pampulha;</p>	<p>[Q8] Medicina: como circular para além desses espaços e das pessoas</p>

<p>[Q8.A] Tento ter envolvimento além da aula;</p> <p>[Q8.A] Contato com D.A.;</p> <p>[Q8.B] Preciso ver mais de BH e outros cursos;</p> <p>[Q8.B] Tento vivenciar a cidade e a UFMG;</p> <p>[Q8.B] Movimento Estudantil do D.A.;</p> <p>[Q8.B] Liga de Saúde Coletiva;</p> <p>[Q8.D] Quando tem aula o dia todo prefiro ficar na UFMG;</p> <p>[Q8.D] Não pago refeição;</p> <p>[Q8.D] Durante a semana fico na UFMG;</p> <p>[Q8.E] Normalmente é ir para a faculdade, ter as aulas, estudar; [Q8.E] A noite é estudar mais;</p> <p>[Q8.E] Liga acadêmica;</p> <p>[Q8.E] Projeto de extensão;</p> <p>[Q8.F] Centro Esportivo Universitário</p>	<p>[Q8] Circulação nos espaços da UFMG</p>
<p>[Q8.A] Tento participar de festas e eventos;</p> <p>[Q8.A] Difícil de ir nos eventos pela agenda e espaço;</p> <p>[Q8.A] Mais difícil ir em festas de outros cursos;</p> <p>[Q8.B] Gosto da calourada de outros cursos;</p> <p>[Q8.B] Colegas da medicina não vivenciam isso;</p> <p>[Q8.B] Acho que sou exceção;</p> <p>[Q8.C] Saio com meus amigos;</p> <p>[Q8.C] A gente vai no Jaeh (bar);</p> <p>[Q8.C] Às vezes a gente vai na festa da medicina;</p> <p>[Q8.C] Vai no parque Guanabara;</p> <p>[Q8.E] Descanso um pouco;</p> <p>[Q8.E] Coloquei exercício físico na prática diária;</p> <p>[Q8.E] Vou nas festas que dá pra ir;</p> <p>[Q8.E] Mais em festas no campus Pampulha;</p> <p>[Q8.F] Aproveitar o forró;</p> <p>[Q8.F] Quando não tiver prova;</p>	<p>[Q8] Festas, eventos e lazer: além do espaço físico da UFMG</p>
<p>[Q8.D] Fim de semana trabalho;</p> <p>[Q8.D] Não tenho muito tempo pra lazer</p>	<p>[Q8] Trabalho x lazer</p>
<p>[Q8.E] Não me senti bem na Unisa;</p> <p>[Q8.E] Tinha só duas pessoas pretas;</p> <p>[Q8.E] Esse lugar não é pra mim;</p> <p>[Q8.E] Essas pessoas não parecem comigo;</p>	<p>[Q8] Sensação de não pertencimento</p>

<p>[Q8.E] Não sei se é uma faculdade pra mim;</p> <p>[Q8.E] Amigos fazem o apoio;</p> <p>[Q8.G] Sinto que aqui não é meu lugar;</p> <p>[Q8.G] Sinto que não é feito pra mim;</p> <p>[Q8.G] Sou um invasor naquele espaço;</p> <p>[Q8.G] Sentimento de que não era meu lugar;</p> <p>[Q8.G] Ninguém me falava;</p> <p>[Q8.G] Entrava nos lugares e era zero diversidade;</p> <p>[Q8.G] Tenho que pertencer pra mostrar que é nosso lugar</p>	
<p>[Q9] Você acha que a sua cor tem algum impacto (positivo ou negativo) no seu processo acadêmico?</p>	
<p>[Q9.A] Agora menos;</p> <p>[Q9.A] Complicado de mensurar;</p> <p>[Q9.A] Olhar de forma ampla;</p> <p>[Q9.C] Complexo;</p> <p>[Q9.F] Não vejo;</p> <p>[Q9.F] Dia a dia não vejo;</p>	<p>[Q9] Não impacta, ou impacta pouco o processo acadêmico</p>
<p>[Q9.A] Afeta sim;</p> <p>[Q9.B] Totalmente;</p> <p>[Q9.C] Acho que impacta;</p> <p>[Q9.D] Impacta;</p> <p>[Q9.D] Difícil competir;</p> <p>[Q9.E] Dificulta;</p> <p>[Q9.F] Tem impacto de alguma forma;</p> <p>[Q9.G] Com certeza tem impacto;</p> <p>[Q9.G] Enfrentar e bater de frente;</p>	<p>[Q9] Impacta o processo acadêmico</p>
<p>[Q9.A] Processo de residência;</p> <p>[Q9.A] Turma só de brancos;</p> <p>[Q9.B] Pessoas brancas têm outras prioridades;</p> <p>[Q9.C] Medo;</p> <p>[Q9.C] Pessoas vulnerabilizadas;</p> <p>[Q9.C] Visão do médico enquanto semi-deus</p>	<p>[Q9] Facilidades por ser branco</p>
<p>[Q9.A] Facilidades maiores de dedicar tempo;</p> <p>[Q9.A] Trabalho funciona como dificultador;</p> <p>[Q9.A] Prejudica dedicação a outras coisas;</p>	<p>[Q9] Trabalho como maior impacto</p>

<p>[Q9.A] Julga pela imagem; [Q9.A] Julgamento reproduzido na universidade; [Q9.B] Aproximação por curiosidade; [Q9.B] Invalidada; [Q9.C] Não tinha consciência racial; [Q9.C] Em BH sou olhado de forma diferente; [Q9.C] Não escancarado; [Q9.C] Não entende porque existem cotas; [Q9.C] Olhares estranhos; [Q9.C] Olhares mais comuns em BH e na medicina; [Q9.C] Vai impactar; [Q9.C] Espanto quando falo que sou da medicina; [Q9.C] Realidade que vou ter que engolir; [Q9.C] Algo muito frequente; [Q9.D] Questionam meu mérito; [Q9.D] Questionam as cotas; [Q9.D] Espanto; [Q9.D] Situações de racismo estrutural; [Q9.D] Percebe olhares; [Q9.D] Comentários velados; [Q9.D] Não é escancarado; [Q9.D] Racismo ainda tá presente; [Q9.E] Só imagens de pessoas brancas nas aulas; [Q9.E] Não aprende a olhar para aquele corpo; [Q9.F] Comportamento meio duvidoso; [Q9.F] Militância as pessoas acham chato; [Q9.F] Preconceito de ouvir; [Q9.F] Já ouviu uma pessoa negra falando sobre o tema?; [Q9.F] Pouca atenção que o movimento negro merece; [Q9.G] Pessoas olharem estranho; [Q9.G] Sociedade com preconceito; [Q9.G] Questionando o pertencimento; [Q9.G] Como outras pessoas leem a gente; [Q9.G] Espaço não é pra gente; [Q9.G] Afeta psicologicamente; [Q9.G] Restringe oportunidades; [Q9.G] Professores racistas de modo geral; [Q9.G] Preconceito muito velado; [Q9.G] Conseguir perceber; [Q9.G] Heteroidentificação;</p>	<p>[Q9] Preconceito, racismo e julgamento</p>
---	---

<p>[Q9.G] Reflete no processo de aprendizagem; [Q9.G] Preconceito velado o tempo todo</p>	
<p>[Q9.B] Trabalhado na autoestima; [Q9.B] Amigos são pessoas negras; [Q9.B] Raça fator determinante para relações; [Q9.B] Conversar sobre vivências parecidas; [Q9.B] Assuntos que me interessam por questão de raça; [Q9.B] Mudança social; [Q9.B] Trabalhar pros meus; [Q9.B] Mudar realidade das pessoas; [Q9.B] Se não fosse negra não pensaria assim; [Q9.B] Saúde da População Negra; [Q9.B] Saúde Pública; [Q9.B] Controle social do SUS; [Q9.B] Faz sentido em relação às minhas vivências; [Q9.B] Foi uma boa escolha; [Q9.C] Construí consciência racial; [Q9.C] Tento ignorar; [Q9.C] Perspectiva freiriana; [Q9.C] Sociedade me mudou; [Q9.C] Me construí enquanto pessoa negra; [Q9.C] Busquei espaços seguros; [Q9.D] Vai valer a pena; [Q9.E] Aulas específicas sobre raça, sinto culpa por não saber; [Q9.E] Dar um pouco de diversidade; [Q9.F] Nítido nos grupos; [Q9.F] Identificação grupal;</p>	<p>[Q9] Estratégias de enfrentamento ao racismo: redes de apoio e perspectivas para o futuro</p>
<p>[Q9.B] Complicado estar na medicina; [Q9.C] Quero parar de absorver; [Q9.C] Acho triste; [Q9.C] Raiva; [Q9.C] Ódio; [Q9.C] Tento fazer vista grossa; [Q9.C] Me deixava doente; [Q9.C] Quero gritar; [Q9.C] Não consigo não personalizar; [Q9.E] Acho que tô pecando nisso; [Q9.G] Limita, te deixa com vergonha; [Q9.G] Se sente incomodado;</p>	<p>[Q9] Impacto do racismo na saúde mental</p>

ANEXO IV

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Vivências acadêmicas e de pertencimento de estudantes negros do curso de Medicina da UFMG

Pesquisador: LUCIANA ASSIS COSTA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 78900924.4.0000.5149

Instituição Proponente: Escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.792.598

Apresentação do Projeto:

Trata-se de projeto de pesquisa intitulado Vivências acadêmicas e de pertencimento de estudantes negros do curso de Medicina da UFMG, na área de Terapia Ocupacional. Trata-se de pesquisa em nível de mestrado.

Foram juntadas

- Folha de rosto preenchida e assinada;
- Projeto completo e informações básicas;
- Currículo das pesquisadoras;
- TCLE;
- Cronograma, que deve ser ajustado considerando que a coleta de dados só pode ser feita se houver e após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética na Pesquisa.
- Parecer favorável do Departamento de Terapia Ocupacional a que se vincula a pesquisadora-orientadora elaborado pela Professora Luciana de Oliveira Assis e aprovado em reunião ocorrida em 17.11.2023.
- Roteiros de entrevista/grupo focal constam do projeto.

Como estratégia metodológica o projeto apresenta o uso de grupo focal, com participantes convidados por e-mail ou pelas redes sociais com o Grupo de Estudos de Negritude e Interseccionalidades das Ciências Médicas e através de folders digitais e físicos espalhados pela Faculdade de Medicina.

Endereço: Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º. Andar Sala 2005 Campus Pampulha
Bairro: Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901
UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE
Telefone: (31)3409-4592 **E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

Continuação do Parecer: 6.792.598

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo da pesquisa é identificar e compreender as vivências acadêmicas e de pertencimento de estudantes negros do curso de medicina da UFMG, após a implementação das políticas de ações afirmativas, e, de forma secundária, compreender como os alunos negros do curso de medicina, avaliam as suas oportunidades de acesso e permanência no curso; [...] o sentimento de pertencimento e reconhecimento nos ambientes e nas relações dentro da universidade; [...] as oportunidades e desafios da vinculação com o ensino superior na UFMG.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos apontados são lembranças e sentimentos negativos. Contra isso, previram o acolhimento e a possibilidade de interrupção das entrevistas.

Os benefícios apontados ligam-se ao entendimento da vivência dos estudantes negros, a possibilidade de reflexos dos participantes-alunos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O objeto da pesquisa é de grande relevância, porque o conhecimento que pode se originar da pesquisa tende a contribuir para a compreensão da prática do sistema de cotas.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme item IV.3, da Resolução 466/2012, traz:

- a) justificativa, os objetivos e os procedimentos que serão utilizados na pesquisa, com o detalhamento dos métodos a serem utilizados - ok;
- b) explicitação dos possíveis desconfortos e riscos decorrentes da participação na pesquisa, além dos benefícios esperados dessa participação e apresentação das providências e cautelas a serem empregadas para evitar e/ou reduzir efeitos e condições adversas que possam causar dano, considerando características e contexto do participante da pesquisa - ok;
- c) esclarecimento sobre a forma de acompanhamento e assistência a que terão direito os participantes da pesquisa, inclusive considerando benefícios e acompanhamentos posteriores ao encerramento e/ ou a interrupção da pesquisa - ok;
- d) garantia de plena liberdade ao participante da pesquisa, de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma - ok;
- e) garantia de manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes da pesquisa durante todas as fases da pesquisa - ok;

Endereço: Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º. Andar Sala 2005 Campus Pampulha
Bairro: Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901
UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE
Telefone: (31)3409-4592 **E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

Continuação do Parecer: 6.792.598

f) garantia de que o participante da pesquisa receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - ok;

g) explicitação da garantia de ressarcimento e como serão cobertas as despesas tidas pelos participantes da pesquisa e dela decorrentes - ok; e

h) explicitação da garantia de indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa - ok.

É entendimento assentado a necessidade de aposição de espaço destacado para rubrica nas páginas em que não haverá assinatura no TCLE. De fato, o que é importante é a assinatura e a rubrica pode ser posta em qualquer lugar. Mas entendendo isso como um valor adotado em todas as apreciações de projeto, é de se recomendar a expressa inserção de espaço (diligência não cumprida, apesar de indicada em despacho de 15.03.2024).

A pesquisa será feita com alunos e com alunas adultos da Faculdade de Medicina. Não há necessidade de anuência daquela Unidade.

Recomendações:

Recomenda-se:

- a) a alteração do cronograma para constar a data de efetivo início da coleta de dados, que só pode ocorrer se houver e após a aprovação nesse Comitê de Ética na Pesquisa;
- b) a inserção de espaço destacado para a rubrica.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Além das recomendações mencionadas não há diligência a determinar.

Considerações Finais a critério do CEP:

Tendo em vista a legislação vigente (Resolução CNS 466/12), o CEP-UFMG recomenda aos Pesquisadores: comunicar toda e qualquer alteração do projeto e do termo de consentimento via emenda na Plataforma Brasil, informar imediatamente qualquer evento adverso ocorrido durante o desenvolvimento da pesquisa (via documental encaminhada em papel), apresentar na forma de notificação relatórios parciais do andamento do mesmo a cada 06 (seis) meses e ao término da pesquisa encaminhar a este Comitê um sumário dos resultados do projeto (relatório final).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Endereço: Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º. Andar Sala 2005 Campus Pampulha
Bairro: Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901
UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE
Telefone: (31)3409-4592 **E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 6.792.598

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2261340.pdf	10/04/2024 08:33:16		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	10/04/2024 08:31:32	CLARICE DA ROCHA CAMPOS	Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2261340.pdf	13/03/2024 16:24:41		Aceito
Parecer Anterior	parecerlucianacosta.pdf	13/03/2024 16:24:10	CLARICE DA ROCHA CAMPOS	Aceito
Parecer Anterior	parecerlucianacosta.pdf	13/03/2024 16:24:10	CLARICE DA ROCHA CAMPOS	Postado
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	12/03/2024 15:32:34	CLARICE DA ROCHA CAMPOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	12/03/2024 15:32:34	CLARICE DA ROCHA CAMPOS	Postado
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2261340.pdf	06/03/2024 15:22:01		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoCoepClarice.pdf	06/03/2024 15:20:45	LUCIANA ASSIS COSTA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoCoepClarice.pdf	06/03/2024 15:20:45	LUCIANA ASSIS COSTA	Postado
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termoconsentimentoclarice.pdf	06/03/2024 15:20:27	LUCIANA ASSIS COSTA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termoconsentimentoclarice.pdf	06/03/2024 15:20:27	LUCIANA ASSIS COSTA	Postado
Folha de Rosto	folharostoclarice.pdf	06/03/2024 15:13:45	LUCIANA ASSIS COSTA	Aceito
Folha de Rosto	folharostoclarice.pdf	06/03/2024 15:13:45	LUCIANA ASSIS COSTA	Postado

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Endereço: Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º. Andar Sala 2005 Campus Pampulha
Bairro: Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901
UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE
Telefone: (31)3409-4592 **E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 6.792.598

Não

BELO HORIZONTE, 29 de Abril de 2024

Assinado por:
Corinne Davis Rodrigues
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º. Andar Sala 2005 Campus Pampulha
Bairro: Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901
UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE
Telefone: (31)3409-4592 **E-mail:** coep@prpq.ufmg.br